

BOLETIM MUNICIPAL DE AVEIRO

ANO XII N.º 23/24



Publicação Semestral de índole Cultural e Informativa

FL
908
141

BOLETIM MUNICIPAL DE AVEIRO



BIBLIOTECA
municipal de aveiro
PUBLICAÇÕES
PERIÓDICAS

OFERTA



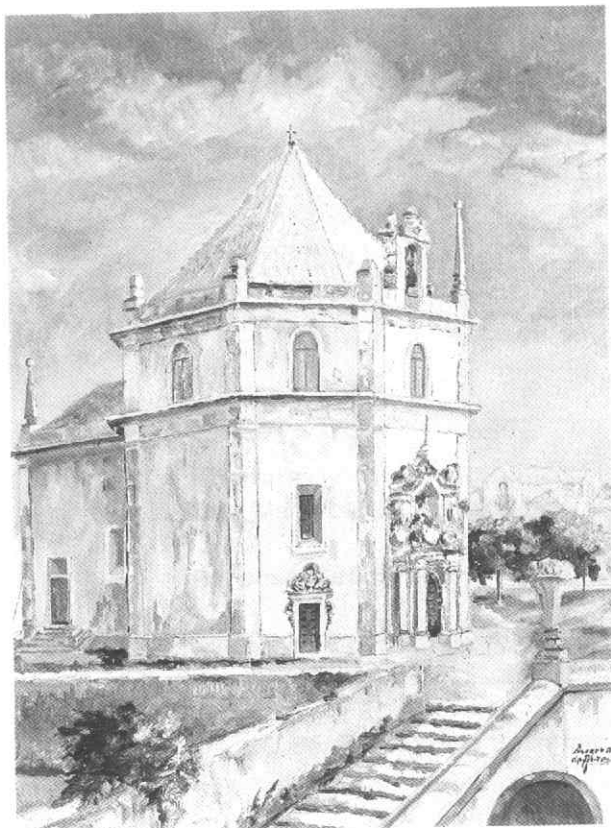
BIBLIOTECA
municipal de aveiro
**FUNDO
LOCAL**

**INTERDITO
AO
EMPRÉSTIMO**

BOLETIM MUNICIPAL DE AVEIRO



bibRIA



bibRIA

A CAPELA DAS BARROCAS

«A capela do Senhor das Barrocas faz parte integrante da nossa paisagem, entrou-lhe na alma. Se hoje a derrubassem ou ela caísse, era como se a uma formosa dama lhe arrancassem os cabelos; poderia ainda ficar bonita, mas já não seria, nem de longe, o que era».

D. João Evangelista de Lima Vidal
(Correio do Vouga», 6-3-1948)

BOLETIM MUNICIPAL DE AVEIRO

Publicação Semestral de Índole Cultural e Informativa

Ano XII — DEZEMBRO DE 1994 — N.º 23-24



bibRIA

BOLETIM N.º 23-24

DIRECÇÃO: Presidente da Câmara Municipal de Aveiro — Vereadora do Pelouro da Cultura

PROPRIEDADE: Câmara Municipal de Aveiro

REDACÇÃO: Praça da República — Aveiro — Tel. 24081 — Fax 22787

SUPERVISÃO: Assessor Cultural da C.M.A. — Mons. João G. Gaspar

CAPA: Jeremias Bandarra (Design); óleo de Guerra de Abreu (1951)

TIRAGEM: 1.000 exemplares

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: Tipave — Indústrias Gráficas de Aveiro, Lda.

Depósito Legal n.º 12 442/86

ISBN 972-9137-13-7

Abertura	
Dra. Maria da Luz Nolasco	7
Dr. José Girão Pereira – Prof. Celso dos Santos	9
Memória Paroquial de Aveiro de 1758	
Dra. Inês Amorim	13
Capela do Senhor das Barrocas	
João Gonçalves Gaspar	25
Aveiro-Arte	38
O Agricultor-Artesão do Baixo Vouga	
Bartolomeu Conde	39
Projecto «Raízes» na divulgação do Município	42
Biblioteca Municipal	
Dra. Madalena Pinheiro	43
Clube dos Galitos (1904-1994)	
Fernando de Moraes Sarmiento	45
«A Caldeirada»	
Fernando de Moraes Sarmiento	47
Efemérides (1995)	50
Aveiro – Arcachon	51
Noticiário	55

bibRIA

Os textos assinados são da responsabilidade dos autores.

Os artigos publicados podem ser transcritos, total ou parcialmente, desde que se indique a origem.

O presente *Boletim Municipal de Aveiro* – o primeiro que se publica no mandato da actual Vereação – tem o número duplo 23-24 e refere-se aos dois semestres de 1994; é uma edição que, na sua índole cultural, como as anteriores, insere diversos trabalhos, todos de muito interesse para o conhecimento da história de Aveiro. Estamos gratos aos seus autores, pelo cuidado em generosamente nos transmitirem algo da sua prestimosa pesquisa e do seu vasto saber. Na medida em que conhecemos a nossa Terra, certamente mais a amamos e por ela nos interessamos.

Efectivamente, a Dra. Inês Amorim, já nossa colaboradora, faz-nos viajar até aos meados do século XVIII, dando à estampa a *Memória Paroquial de Aveiro de 1758*; nela se abordam variadíssimos assuntos, como os demográficos, os administrativos civis e religiosos, os económicos, os sociais e os patrimoniais; nela também se alude às pessoas ilustres, aos privilégios, às muralhas, aos conventos, às fontes, aos frutos da terra, ao rio Vouga, à ria e ao porto de mar.

Mais uma vez, Mons. João Gaspar dá-nos a ocasião de recordar um capítulo da nossa história, qual foi o movimento extraordinário de piedade à volta do cruzeiro das Barrocas e a construção da magnífica capela, segundo o estilo mafrense, no final do primeiro terço de setecentos; o autor, que sabemos estar a ultimar um pequeno volume sobre o referido templo, procura levantar o véu sobre a identidade do mestre de obras (e possível arquitecto) e fala-nos do atento e influente «padrinho» do projecto – um aveirense que então vivia em Coimbra, onde exerceu cargos de responsabilidade na Diocese.

O homem de Aveiro dedicava-se frequentemente a diversos ofícios: agricultor e construtor, ferreiro e carpinteiro, barbeiro e dentista, sacerdote e mestre-escola; muitos eram mesmo... «topa-a-tudo», sabendo um pouco de tudo. A especialização surgiria depois. Bartolomeu Conde coloca à nossa frente o agricultor-artesão do Baixo-Vouga.

Seguem-se mais dois temas. A Dra. Madalena Pinheiro, responsável da Biblioteca Municipal, quase nos coloca dentro desse apreciável espaço cultural para nos envolver na actividade que aí quotidianamente fervilha. Fernando de Moraes Sarmento, por sua vez, recorda-nos o Clube dos Galitos e as suas realizações no teatro, como *Ao Cantar do Galo*, *Molho de Escabeche* e *A Caldeirada*, sem menosprezo de outras peças.

O leitor terá ocasião de concluir que estes artigos e reflexões nos conduzem às raízes culturais da gente aveirense, tão ciosa das suas tradições, que deseja continuar a manifestar a sua identidade específica, embora abrindo-se à modernidade.

Entre os acontecimentos que pretendemos realçar, surge à cabeça a eleição do Dr. José Girão Pereira como deputado do Parlamento Europeu, em 12 de Junho de 1994; em consequência, o Prof. Celso Augusto Baptista dos Santos

assumiu o cargo de presidente da Câmara Municipal de Aveiro, permanecendo embora na área do Centro Democrático Social – Partido Popular que, desde há quase dezoito anos, mantém a gestão autárquica.

Renovando os meus agradecimentos aos que subscrevem os valiosos artigos que o leitor terá ocasião de apreciar, também estou grata a todos os que vão tornando possível as sucessivas edições do *Boletim Municipal de Aveiro*.

Dezembro de 1994.

bibRIA

A Vereadora do Pelouro da Cultura,



(Dra. Maria da Luz Nolasco Cardoso)



Dr. José Girão Pereira

DEPUTADO EUROPEU

Prof. Celso Augusto Baptista dos Santos

PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL

No dia 12 de Junho de 1994, realizaram-se as eleições para o Parlamento Europeu. Foram diversos os candidatos aveirenses apresentados à votação pelos vários Partidos políticos, implantados no Distrito. O Dr. José Girão Pereira também concorreu, pelo Centro Democrático Social – Partido Popular (CDS-PP), tendo sido eleito.

Por tal motivo, por força da legislação em vigor, em 26 de Abril suspendeu o exercício das respectivas funções, no período da campanha, entrando nesse exercício o Prof. Celso Augusto Baptista dos Santos. Terminada a campanha e feitas as eleições, e enquanto não iniciasse o cargo de eurodeputado, o Dr. Girão reiniciou as anteriores funções de Presidente da Câmara Municipal – o que se verificou precisamente em 13 de Junho. Da acta da habitual reunião da Câmara Municipal, transcrevemos o seguinte:

– «No uso da palavra, o Vereador Henrique Teixeira Barbosa de Mendonça manifestou a sua satisfação pelos resultados eleitorais ontem obtidos, que levaram à eleição do Dr. José Girão Pereira para eurodeputado, o que, em sua opinião, é motivo para Aveiro estar de parabéns, intervenção esta que foi corroborada pelo Vereador Tenente-Coronel João Carlos Albuquerque Pinto, que salientou ainda o facto de o Partido Social Democrata ter ganho a nível distrital e os bons resultados obtidos pelo Partido Socialista, pelo que, em sua opinião, estão todos de parabéns.

De seguida, o Vereador Dr. António Manuel Soares Nogueira de Lemos corroborou as palavras proferidas, mas lastimou o ter-se verificado tão elevado nível de abstenção – o que, de certa forma, demonstra desinteresse e má informação sobre a matéria europeia.

Interveio também o Vereador Eng. Vitor José Pedrosa da Silva, que realçou a forma correcta como decorreu todo o processo eleitoral e salientou que a eleição do Dr. José Girão Pereira poderá beneficiar grandemente os interesses aveirenses, após o que o Vereador Prof. Celso Augusto Baptista dos Santos disse comungar de tudo o que foi proferido, acrescentando, contudo, sentir pessoalmente alguma pena pela ausência do Dr. José Girão Pereira, que irá fazer muita falta na Câmara,



Dr. José Girão Pereira

admitindo, porém, que será com certeza muito frutuoso para Aveiro ter um aveirense no Parlamento Europeu; ao finalizar, disse ainda o Prof. Celso dos Santos que é sua vontade levar a bom termo as funções de Presidente da Câmara.»

Em 15 de Julho, também em reunião municipal, o Dr. José Girão Pereira «comunicou que, na sequência da sua eleição para eurodeputado, suspenderá o mandato no Executivo a partir do próximo dia 19, pelo período de um ano, nos termos da lei, tendo informado de que este procedimento em nada significa que, no fim daquele período, tencione voltar à Câmara, mas que o faz simplesmente pelo facto de a lei lho permitir e, por conseguinte, se achar nesse direito».

Na acta da referida reunião, ainda se pode ler:

– «De imediato, o Sr. Presidente dirigiu algumas palavras de despedida ao Executivo e desejou tanto êxito para o futuro como o que ele pró-



Prof. Celso Augusto Baptista dos Santos

prio teve no desempenho das funções que hoje suspendeu, tendo dirigido também palavras de saudação a todos os funcionários. Referiu que, não obstante ter sido um período muito difícil, foi ao mesmo tempo extremamente rico e gratificante do ponto de vista pessoal, em que foram cometidos alguns erros, dado que quem executa muitas vezes tem de arriscar, salientando que, contudo, não se praticaram imoralidades, situação que também se deveu ao esforço dos trabalhadores, pelo que o saldo foi positivo e Aveiro saiu privilegiada.

Finalizou, colocando-se à disposição da Câmara e do seu Presidente para, no futuro, dar todo o apoio e colaboração, tanto na resolução dos vários problemas que neste momento se desenvolvem, como noutros que sejam de interesse para Aveiro e sua Região.

Seguidamente, o Vereador Tenente-Coronel João Carlos Albuquerque Pinto, dirigiu as seguintes palavras ao Sr. Presidente: – «Em meu nome pessoal, desejo as melhores felicidades na novas funções. Não vou tecer considerações acerca daquilo que o Sr. Presidente fez ou deixou de fazer, porque nós sabemos o que é que fez. Se lá fizer um pouco do que fez aqui, servirá o seu País. De maneira que eu quero desejar felicidades e colocar-me à sua disposição, dentro da minha inferioridade. Conte com a minha amizade. Obrigado.»

Também no uso da palavra, o Vereador Dr. António Manuel Soares Nogueira de Lemos, dirigiu ao Sr. Presidente as seguintes palavras: – «Desejo as maiores felicidades pessoais e também um bom trabalho em prol do nosso País que, obviamente, irá associar a sua acção à defesa dos inte-

resses nacionais e também da nossa Região. Foi uma personalidade que marcou a cidade com aspectos positivos e também, obviamente, com alguns aspectos negativos, do nosso ponto de vista. Certamente que eu nunca teria aceitado ser cabeça de lista pelo nosso Partido Socialista, se não tivesse divergências de muitas das suas obras. Foi uma pessoa que marcou a cidade e que tem o seu lugar na história de Aveiro e que fica, indubitavelmente, ligado a Aveiro. Os balanços fazem-se com o tempo e muitas das vezes as críticas que se fazem no momento vêm-se a mostrar que não têm fundamento e é o tempo que dá a devida congregação às obras. Foi agradável trabalhar consigo. Faço justiça à maneira simpática e acolhedora como recebeu e tratou os Vereadores da Oposição. Por isso, desejo-lhe as maiores felicidades e creia que, independentemente das divergências políticas, deixa amizade na oposição e pode dispôr de nós para o que entender em termos pessoais.»

Seguiu-se uma pequena intervenção do Vereador Eduardo Elísio da Silva Peralta Feio, para dizer as seguintes palavras: – «Pouco privei com o Sr. Dr. Girão, mas pelo que pude ver acho que é uma pessoa que tem as suas qualidades na gestão do Município e quero desejar também as maiores felicidades em prol da sua acção, não se esquecendo nunca da situação de Aveiro e do interesse do País.»

Também no uso da palavra, a Vereadora Dra. Maria da Luz Nolasco Cardoso exprimiu uma certa tristeza pela partida do Sr. Presidente, formulou votos de muitas felicidades e agradeceu a oportunidade que lhe deu, como mulher e como profissional, em integrar este Executivo.

De seguida, o Vereador Dr. Henrique Teixeira Barbosa de Mendonça formulou também votos de felicidades ao Dr. José Girão Pereira, após o que sugeriu que no final da reunião todo o Executivo se disponibilize e se associe para lhe oferecer o jantar, o que mereceu a concordância de todos.

Seguiu-se uma breve declaração do Vereador Eng. Vítor José Pedrosa da Silva que, para além de salientar a amizade pessoal que o une ao Dr. Girão, fez realçar o grupo de amigos e de amizade que nasceu e que se foi enraizando e crescendo ao longo dos mandatos em que fez parte do Executivo. Declarou que, embora se tenha perdido um Presidente, se ganhou um eurodeputado que muito pode fazer por Aveiro, e nós contamos com ele.

O Sr. Vereador Prof. Celso Augusto Baptista dos Santos proferiu, também, as seguintes palavras: – «Comungo e fico encantado com todas as palavras que aqui foram ditas, essencialmente por aqueles que há menos tempo contactam connosco, o que, de certa forma, me dispensa de elogiar o Dr. Girão, até porque terei outras oportunidades

de o fazer. Pessoalmente fico triste por ver partir o Dr. Girão e honra-me muito suceder-lhe, embora entenda que é uma sucessão difícil e complicada e que, para dar continuidade a toda uma actividade política e municipal forte e intensa, vou, naturalmente, ter dificuldades. Tentarei seguir a orientação que vinha de trás, embora com algumas mudanças próprias da maneira de estar de cada um de nós. O trabalho do Dr. Girão é um trabalho de prestígio que, naturalmente, o levou à eleição de tão alto cargo, e nós continuaremos a precisar da sua presença.»

A finalizar, também foram proferidas as seguintes palavras, pela responsável dos Serviços Administrativos, D. Rosa Maria de Pinho Vieira Pires: – «Como o Sr. Presidente se dirigiu aos trabalhadores, não posso deixar que algumas palavras fiquem em acta. Foram muitos anos de trabalho com o Dr. José Girão Pereira. Penso que todos os trabalhadores, na generalidade, viram sempre os seus objectivos concretizados, e isso é um agradecimento que terá que ser dito; em nome de todos os funcionários, desejo uma vida profissional e pessoal óptima, e que se torne um eurodepu-

tado brilhante. Ao Sr. Prof. Celso dos Santos, dado que só muda o Presidente, afirmo que continuaremos a dar o apoio, a colaboração e a lealdade profissional que sempre dedicamos ao Dr. Girão, na qualidade de Presidente.»

Na reunião do Executivo de 18 de Julho, o Dr. José Girão Pereira não pôde estar presente, justificando a sua falta; finalmente, a reunião que se realizou em 25 de Julho já foi moderada pelo Prof. Celso Augusto Baptista dos Santos, na qualidade de Presidente da Câmara Municipal, e nela tomou posse o Vereador Eduardo Belmiro Torres do Couto, iniciando o exercício das funções em regime permanente.

Assim, no termo de quase dezoito anos consecutivos, o Dr. José Girão Pereira deixava o cargo de Presidente da Edilidade Aveirense, para o qual sempre fora eleito por vontade da maioria dos eleitores, nas sucessivas eleições autárquicas. O leme passou para outras mãos – as do Prof. Celso dos Santos – permanecendo embora na área política do Partido do Centro Democrático Social, que mantém a gestão na Câmara Municipal.



O bibRIA

Concelho e mesmo a região de Aveiro encontram-se numa fase crucial da sua história e do seu progresso.

Situada geograficamente entre dois centros políticos fortes, Porto e Coimbra, esta região tende a perder a favor daqueles centros muito do que legitimamente é seu.

Esta objectiva realidade impõe naturalmente como tarefa mínima e irrecusável, a coragem de criar, com inteligência e originalidade, alternativas próprias que a diferenciem e imponham decididamente aos centros políticos instalados no nosso País.

Mas para uma libertação e afirmação das suas gentes, Aveiro terá que se assumir pelo seu dinamismo económico, transformando-se numa linha de criatividade e de modernidade, num exemplar polo de atracção, alicerçado num rigoroso modelo de desenvolvimento.

E mesmo que, em termos meramente académicos, se aceite que a Região Centro tenha uma capital política definida (Coimbra), Aveiro é e será a sua indiscutível capital económica.

E é exactamente através desta forte componente que Aveiro radicalmente se diferenciara e gradativamente se afirmará perante o poder central e perante o próprio País.

Dr. José Girão Pereira
(«Annual Review – Aveiro», Ano I, N.º 1, 1990)

CALENDÁRIO DE FEIRAS E EXPOSIÇÕES / 95

VI SALÃO DE ANTIGUIDADES	23 A 16 DE FEVEREIRO
FEIRA DO AMBIENTE	9 A 12 DE MARÇO
FEIRA DE MARÇO	25 DE MARÇO A 25 DE ABRIL
II MOSTRA ASSOC. CULT. E REC.	12 A 21 DE MAIO
FEIRA DO LIVRO	27 DE MAIO A 4 DE JUNHO
INFORAV	27 DE MAIO A 4 DE JUNHO
SALÃO AUTOMÓVEL	17 A 25 DE JUNHO
AGROVOUGA	15 A 23 DE JULHO
FARAV	5 A 13 DE AGOSTO
IV BIENAL INTERN. DE CERÂMICA	1 A 30 DE NOVEMBRO

Memória Paroquial de Aveiro de 1758

UM INQUÉRITO PROMOVIDO PELA COROA

Inês Amorim



BIBLIOTECA
municipal de aveiro
PUBLICAÇÕES
PERIÓDICAS

Dá-se hoje à estampa a *Memória Paroquial de Aveiro de 1758*, escrita em resposta ao Inquérito promovido pela Coroa e dirigida aos párocos das diferentes freguesias do Reino, com o apoio dos respectivos Bispos. Aliás, ao longo do séc. XVIII contam-se vários inquéritos, no sentido dum reconhecimento objectivo da realidade político-administrativa e económica que interessava a um Estado Absolutista que tudo queria controlar⁽¹⁾.

Pretende-se colmatar a falha entre os relatórios conhecidos para Aveiro, neste século, visto que foram já publicados o de 1721, de iniciativa régia, mas conjugado com as interrogações do cabido de Coimbra⁽²⁾, e o de 1756 em resultado do terramoto de 1755, promovido pela Secretaria de Estado dos Negócios Interiores⁽³⁾. O primeiro publicado por Rocha Madahil em 1935 na prestigiada revista «Arquivo do Distrito de Aveiro»⁽⁴⁾, e o segundo por Eduardo Costa, na mesma revista em 1956⁽⁵⁾.

Podemos ainda inserir neste conjunto de inquéritos o de 1755, mas de iniciativa puramente eclesiástica, em consequência da criação em 1774 da Diocese de Aveiro, e que foi publicado por Monsenhor João Gaspar no ano de 1774⁽⁶⁾.

Desta forma, embora não respondendo a um questionário comum, consegue-se cobrir um leque de questões de ordem demográfica administrativa, laica e religiosa, que permitirá estudar uma possível evolução ao longo do séc. XVIII.

O Inquérito de 1758 aparece já como um questionário aperfeiçoado em relação ao de 1721, «incluindo perguntas sobre as antiguidades e privilégios das terras, se têm correio, a distância a que ficam da sede do bispado e de Lisboa, e os efeitos do terramoto. A primeira e ainda inspirada nos inquéritos de 1721, a última imposta pelo recente acontecimento, e as outras duas estão intimamente ligadas»⁽⁷⁾.

Encontramos esta *Memória* no conjunto dos 41 volumes, que constituem as *Memórias Paroquiais* de todo o Reino, que se encontram no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, organizadas pelo Padre Luís Cardoso, e publicadas, em parte, por este mesmo, sob pseudónimo de Paulo Dias de Niza, na sua obra *Portugal Sacro-Profano*⁽⁸⁾,

apenas em alguns dos seus aspectos: número de fogos, oragos, padroeiros, rendimentos, enfim o que ele considerava mais importante⁽⁹⁾.

A *Memória Paroquial de Aveiro*, insere-se no vol. n.º 5, *Memória* n.º 44, fol. 799 a 819 verso. Não irei fazer, aqui, um estudo crítico. Pareceu-me que esta fonte era um documento importantíssimo quer para «grandes» quer para «pequenos», ou seja, e perdoem-me a expressão, para os pequenos investigadores, os estudantes do ensino secundário que tantas vezes vi com preocupações de investigação na Biblioteca e no Arquivo Municipal de Aveiro. O texto é, no meu entender, altamente pedagógico, uma autêntica «visão» de Aveiro de meados do século. Contém todos os elementos que lhe permitem uma fácil leitura e compreensão:

— a linguagem do seu autor, o Prior da Matriz de S. Miguel, apesar de erudita e cuidada, e perfeitamente clara e acessível;

— inclui no texto perguntas e respostas, com excepção daquelas (poucas), acerca das quais nada tinha a dizer;

— faz uma breve incursão na vizinha freguesia de S. Pedro de Aradas, raríssima, visto que até essa data não existia qualquer informação paroquial sobre ela (nem 1721, nem 1758), pelo facto de ser da jurisdição religiosa e laica dos Cônegos Regrantes de S. Agostinho da Serra do Pilar, em Gaia;

— aborda variadíssimos domínios: demográficos (contagens de fogos e almas, dentro e fora de muros, distribuídos por cada freguesia), administrativos laicos (comarca, vila, termo, poderes da cidade) e religiosos (Diocese, paróquias, padroeiros, oragos, rendimentos); económicos (diferentes sectores), sociais (instituições religiosas, Misericórdia, famílias ilustres), património imobiliário (capelas, imagens);

— o Rio merece um olhar mais atento, o «Rio da Prata» como escreve o prior, fonte de sucessos e insucessos, relevando o feliz e próximo acontecimento da abertura da Barra pelo benemérito e sempre lembrado João de Sousa Ribeiro da Silveira;

Estas são apenas algumas breves sugestões

de trabalho sobre este documento; a mim foi-me precioso, espero que também o seja a todos aqueles que vejam utilidade na sua leitura.

MEMÓRIA PAROQUIAL DE 1758 DE AVEIRO* [e ARADAS]

Respostas aos Interrogatórios que S. Magestade Fidelíssima me ordena eu satisfaça, escritos com aquela exacção e verdade que pude alcançar.

Interrogatório 1.º

Em que Província fica, a que Bispado, Comarca, Termo, e Freguezia pertence?

Resposta

AVEIRO, Villa nobre e notável, fundação antiquíssima, ou seja por Brigo Rey de Espanha, trezentos e sessenta e seis annos antes da vinda de Christo S.N. com o nome de Talabriga, ou pelos Romanos, como se collige da Aguia que tem nas suas armas, com o de Avearium, que com pouca corrupção ficou Aveiro. A barbaridade dos séculos antigos a destruiu por três vezes, até que no anno outocentos sessenta, e dois, da nossa redempção, se reedificou/ segundo affirmão alguns Autores/ no tempo de D. Affonso o Magno Rey de Leão. He a principal villa da Província da Beyra, e pela sua agradável situação a mais excellente do Bispado de Coimbra a que pertence a Comarca de Esqueira.

2.º

Se he del Rey, ou Donatario, a quem o he ao presente?

Resposta

He a cabeça do Ducado deste nome e presentemente seu Duque o Illustrissimo, e Excellentissimo Sr. D. José Mascarenhas, Conde de Sta. Cruz, Marques de Gouveia, Mordomo mor de S. Magde. F., e Prezidente do Dezembargo do Paço.

3.º

Quantos vizinhos tem e o número das pessoas?

Resposta

Há nesta Villa dentro do seu próprio recinto, outocentos setenta e dois vizinhos, com duas mil outo centas vinte e quatro pessoas de todas as

idades. Nos Lugares e Aldeias pertencentes as suas Freguezias abaxo nomeadas, se conta cento e setenta e sinco vizinhos, com quatro centas noventa e duas pessoas. A falta de Comercio, a continuada vexação das fintas, o estrago das doenças, e finalmente a mudança dos tempos, tem reduzido esta Villa ao pequeno numero de Habitantes, que hoje a povoao.

4.º

Se está situada em Campina, Valle, ou monte, e que povoações se descobrem della, e quanto dista?

Resposta

Na latitude de quarenta graos, trinta minutos, e na longitude de doze graos trinta e dois minutos, se vê situada esta singular Villa. A natureza a dividiu em duas, e a arte a fez huma só. Aquella abrindo-lhe no meio hum valle, que hoje está bordado de Quintas; e esta fazendo-a communicavel por duas pontes, a da Ribeira e a do Cojo, por onde passa o fluxo e refluxo das águas encanado por um caes de pedra, que se termina em três pequenas pontes. De huma e outra parte deste Caes se vem as casas de alguns moradores que fazem muito vistoza a sua entrada pelo Rio. Estendesse quaze toda, de Norte a Sul em forma prolongada sobre huma delicioza e fertil campina, sem embaraço em muitas legoas à roda. De nenhuma das suas partes se descobrem outras povoações, porque as que lhe ficam ao nascente e meio dia se não divisão pela extensão da planicie que se lhe interpoem; e desde o Norte quazi até ao sul, logra a vista do ameno rio que a banha, fazendo assim huma alegre, e engraçada vista aos que o navegao.

5.º

Se tem Termo seu, que lugares, ou Aldeas comprehende, como se chamam e quantos vizinhos tem?

Resposta

Tem Termo próprio com bastante extensão, aonde há quatorze lugares principaes, a que chamao ouvedorias com juizes da vintena nomeados pelo Senado desta Villa. Estes são Albergaria, Agueda, Arinhos, Balazaima, Boyalvo, Lamas, Oyam, Ouca, Perraes, Loure, Sao Joao de Loure, Sao Romao, Taypa, Talhadas, a que estao sogeitas algumas Aldeas de pouco nome, que nao descrevemos, porque dellas hao de dar individual noticia os seus respectivos Parochos. A jurisdicção criminal de Mogofores e do lugar de Barro também pertence a villa de Aveyro.

6.º

Se a Paroquia esta fora do lugar ou dentro delle, e quantos lugares ou Aldeas tem a Freguezia todos pelos seus nomes?

Resposta

Há nesta villa quatro Paroquias, S. Miguel, Vera Cruz, Espirito Santo e N. S.º da Apresentação. Todas estão dentro da mesma villa, porém a de S. Miguel esta inteiramente de muros adentro, e por isso não tem de fora lugar nenhum que lhe seya sojeito nem da mesma forma a Freguezia de N. S.º da Apresentação. A da Vera Cruz, além dos moradores dentro da Villa tem de fora tres lugares: o de Sa que não he separado da mesma Villa, Preza pequena e Quinta do Gato.

Na distancia somente de hum quarto de legoa desta Villa está situada a Freguezia de S. Pedro das Aradas. Diremos tudo o que há nella neste Interrogatorio pela não confundir-mos com as de Aveyro. Arada he hum villa pequena com jurisdição ordinaria tem cento e vinte vezinhos, e trezentas trinta e oito pessoas. Da sua Igreja são Padroeiros os Religiozos de Sto. Agostinho da Serra de Villa Nova do Porto. Pertence-lhe o lugar de Verdemilho/ que he termo de Ilhavo/ aonde ha cento e dezanove vezinhos e duzentos e oitenta e oito pessoas. O Bom Sucesso com trinta e quatro vezinhos, e cento e doze pessoas. A Quinta do Picado com quarenta e hum vezinhos, e cento e dezanove pessoas. O Orago desta Igreja he o Apostolo S. Pedro, que se festeja no dia das suas cadeas. Dentro em hum pequeno Cofre de prata dourada, obrado de maneira que se ignora a parte por onde se possa abrir, ha tradição se conserva hum elo das cadeas com que prenderao ao Principe dos Apostolos. A devoção dos Povos assim o acredita, e no dia segundo de Agosto, que he o dia da sua festividade, se dá a beijar este Cofre a bastante concurço de gente que ahy vai em romagem. Até agora se não atreve nenhuma pessoa a por em execução o desejo de o abrir. O Ilmo. Sr. D. António de Vasconcelos hindo em vezita aquella Igreja o quiz fazer; mas dizendolhe hum sacerdote que o Ilmo Sr. D. Álvaro Bispo de Coimbra, intentando abri-lo com violencia, se lhe espalhara hum repentino tremor pelo Corpo de maneira que não passara adiante com a sua indagação, o que elle presenciara, o deixou logo da mesma sorte, que estava. Assim se conserva occulta esta relliquia, venerada com tao sagrado respeito.

Tem a Freguezia sinco Altares. O altar mor, aonde está o Santissimo Sacramento, a imagem de S. Pedro Apostolo, Santo Agostinho e S. Felix Martyr. Nos altares collateraes, de hum parte está a Virgem N. S.ª do Rozario, Santa Catherina, Santa

Luzia. Da outra o Espirito Santo, Sao Sebastiao e Sao Gonçalo. No corpo da Igreja/ que não he de naves/ tem o Altar do Senhor Jezus, com as Imagens de Santo Andre e S. Francisco, e o Altar das almas. Todos estes Altares tem confrarias proprias com Mordomos, que dão conta do seu Rendimento e despeza ao Provedor da comarca de Esgueira.

Na Villa de Aradas há duas Ermidas: hum a de Assumpção de N. S.ª que hoje possui Francisco Manoel Cabral de Moura Horta e Vilhena com obrigação de duas missas cotidianas; e com bens encapellados, que renderao mais de seiscentos mil reys; outra de S. Sebastiao que he confraria. Em Verdemilho há hum Ermid de N. S.ª da Conceição, que hoje possui o Rdo. Abbade de S. Mamede, Vitor de Figueiredo. Outra de N. S.ª da Lomba, que he tradição apparecera ali em hum lombo de area; e no mesmo Altar S. Joao Baptista, e Santa Anna: he confraria. Outra no lugar do Bom Sucesso com hum Imagem de N. S.ª do mesmo titulo, he de Francisco Teixeira Pimentel. Outra de N. S.ª da Oliveyra, he do Doutor Luiz Antonio Rozado da Cunha: não sabemos que estas duas Ermidas tenham rendimento proprio. O Paroco da Igreja de S. Pedro das Aradas he cura que apresentam os Religiozos Agostinhos da Serra: tera de rendimento até sessenta mil reys.

7.º

Qual he o seu Orago, quantos Altares tem, de que Santos, quantas naves tem; se tem Irmandades, quantas, e de que Santos?

Resposta

S. Miguel Igreja Sagrada, Collegiada, e a Matriz desta villa he seu orago o mesmo prodigioso Archanjo, e a sua Imagem se adora collocada no Altar mor. Tem mais o Altar do Santissimo Sacramento o de S. Vicente, o de N. S.ª da Piedade, o de S. Sebastiao, o do Sr. dos Passos e do Rey Salvador, o de S. Joze, o de S. Braz, o de Santa Luzia, o de S. Pedro, o de N. S.ª da Graça: a Capella de Santa Catherina, e a de Santo Ildefonso. Há nesta Igreja quatro Irmandades a do Smo Sacramento, a de N. S.ª da Graça e a dos Passos e a das Almas. O Altar de S. Sebastiao, aonde se venera hum inestimável relliquia do mesmo gloryozo Martyr pertence à Camara desta villa. O do Rey Salvador a Joao Capristano Sarago de Bayonna. O de S. Joao aos herdeiros do Dr. Manoel Barata de Figueyredo. O de S. Braz a Francisco de Napoles de Noronha. A antiga capella de Santa Catherina a Fernando Antonio de Moraes. A Igreja he de muito boa architettura, mas não tem naves.

Vera Cruz Igreja de três naves, e de grandeza bastante: o seu Orago he a Santa Cruz, que se festeja em três de Mayo. Tem sinco Altares: o do Santissimo Sacramento, o de N. S.^a da Luz, o de Santo Andre, que ambos sao collateraes: o das Almas Santas e o de Santa Cruz, que esta he huma capella pertencente a Joao Couceiro Lançarote, mais antiga que a mesma Igreja, porque della tomou o nome. Tem quatro Irmandades, a do Smo. Sacramento, de N. S.^a da Luz, Santo Andre, e Almas Santas.

Espirito Santo: Este he o seu orago, posto no Altar mor que taobem he do Smo. Sacramento. Tem nais quatro Altares, o de N. S.^a da Guarda, o de N. S.^a da Conceição, o de S. Miguel e Almas, e o de S. Bento. Nestes há três com Irmandades. A do Smo. Sacramento e a das Almas, e a do Espirito Santo. A Igreja nao he de naves.

Nossa Senhora da Apresentação, orago da Igreja deste nome, tem sinco Altares. O Altar mor aonde está o Smo. Sacramento, e as Imagens de S. Bento e S. Joze. O de N. S.^a da Apresentação, o do Salvador do Mundo, o de S. Nicolau, aonde está juntamente a Imagem de S. Jorge, e de S. Francisco Xavier. O das Almas e Imagem de S. Miguel. Sao três as suas Irmandades ou Confrarias: a de N. S.^a da Apresentação, a do Smo. Sacramento e a das Almas. O Templo he de boa e ayroza architettura mas nao de naves.

8.º

Se o Parocho he Cura, Vigario ou Reytor, ou Prior, ou Abade, de que apresentação he, e que renda tem?

Resposta

Os Parochos das quatro freguezias sao Vigários, porém o de S. Miguel está intitulado Prior, nao somente por ser a Matriz, mas porque elle he juiz da ordem destas Igrejas, e seu districto. A apresentação delles he da Ordem de S. Bento de Avis. Tera de renda a Freguezia de S. Miguel até duzentos mil reys. A da Vera Cruz, cento e doze, a do Espirito Santo cento e vinte, e a de N. S.^a da Apresentação noventa.

9.º

Se tem beneficiados, quantos, e que renda tem, e quem os apresenta?

Resposta

Há na Igreja de S. Miguel quatro beneficiados: tem cada hum de renda até sincoenta mil reys: hum coadjutor curado, que rende outenta mil reys; hum tezeoureiro que rende até quarenta mil reys.



Todos estes Beneficios sao da Ordem de S. Bento de Aveiro, e a datta he de S. Magestade Fidellissima.

10.º

Se tem Conventos, e de Religiosos ou Religiosas, e quem sao os seus Padroeiros?

Resposta

Ennobrece-se Aveyro com seis Conventos e hum Recolhimento.

O Convento de N. S.^a da Misericórdia de Religiosos Dominicos. Fundou-o o Infante D. Pedro no anno de mil quatro centos e vinte e tres annos, por expresso mandado da Virgem S.^a N.^a. O Exm.^o Duque de Lafoes he Padroeiro da Capella mor, mas não do Convento; nella tem hum mausoleo, aonde está sepultado hum Primogenito da Illustrissima Caza de Aronches.

O Convento de Santo António de Frades menores da Provincia da Soledade. Fundou-se no anno de mil quinhentos e vinte e quatro por Joao Martins Senhor do Gafanhao, aquem derao a prerogativa de Padroeiro; porem ignoramos a cauza porque nao continuou nesta familia, pois reedificando-se o Convento no anno de mil quinhentos

outenta e tres, o Ministro Geral Fr. Luiz Gonzaga deu o Padroado a Jorge Moniz, Senhor de Angeja, ahy se conserva no seu Exm.^o Marquezado. Junto a este Convento está a Igreja pertencente aos Terceiros.

O Real Mosteiro de Jezus de Religiozas Dominicadas. Na sua Igreja lançou a primeira pedra ElRey D. Afonso o quinto no anno de mil quatrocentos e sessenta e dois annos pontificando (?) talvez o ceo com esta acção por este havia de ser o Palacio e Sepulchro de sua Virtuozissima Filha a Princeza Sta. Joanna. Presentemente nao tem Padroeiro.

O Observantissimo Mosteyro de Carmelitas Descalças, dedicado a S. Joao Evangelista e fundado pelo Duque D. Raymundo nos seus próprios Paços, que a Exm.^a Sra. D. Brites de Lara lhe deixou com esta condição. Entrarao nelle oito Religiozas em dezasseis de Janeiro de mil seiscentos e sincoenta e oito. He seu Padroeiro o Exm.^o Duque de Aveiro.

O Mosteyro das Religiozas da Madre de Deos de Sá, que justamente pertence à Villa de Aveiro por estar situado na Freguezia de Vera Cruz, e a sua Capella mor nos limites da mesma Villa. He de Religiozas da Terceira Ordem de S. Francisco. Fundou-se no anno de mil seiscentos quarenta e quatro. Não tem Padroeiro.

O Recolhimento de S. Bernardino de Terceiras de S. Francisco, erigido no anno de mil seiscentos e outenta à honra e glória de Jezus e Maria. O venerável Fr. António das Chagas, concorreu muito para a sua fabrica, assim espirital como temporal, e o Reverendo Doutor Joao de Oliveyra Prior de Casal Comba edificou e doou à sua custa. Estao sujeitas assim no Espirital como no Temporal ao Exm.^o e Rev.^o Sr. Bispo Conde. Tem os mesmos Estatutos que os das Capuchas da Conceição deste Reyno. Professao os três votos substanciais da Religiao, a que juntao quarto da Clauzura perpetua. A sua vida he muito exemplar, porque além do retiro do mundo em que se conservao com publica edificacão, exercitao tao repetidos actos de penitencia, que passa a sua virtude a ser austeridade. Até agora nao tem Padroeiro, mas o Exm.^o Rev.^o Sr. Bispo Conde D. Miguel da Anunciação executa neste Recolhimento tanta grandeza e caridade, que justamente se lhe deve este título mais honorifico que he o de seo augustissimo Protector.

11.^o

Se tem Hospital, quem o administra, e que renda tem?

Respostas

Dentro da caza da Mizericordia há hum Hos-

pital suficiente aonde se curao os pobres da terra e alguns passageiros; o que se faz pela administração e rendas da mesma Santa Caza. Junto à Igreja de S. Miguel há hum Albergaria em que os peregrinos se agasalhao por tempo de três dias. Chamao-lhe o Hospital de Braz por pertencer ao senhorio desta Capella que renderá duzentos mil reys, o prover aquelle Albergue de quanto necessitao para a boa commodidade dos Passageiros. He de Francisco de Napoles de Noronha.

12.^o

Se tem Caza de Miziricórdia, e qual foy a sua origem, e que renda tem, e o que houver notável em qualquer destas couzas?

Resposta

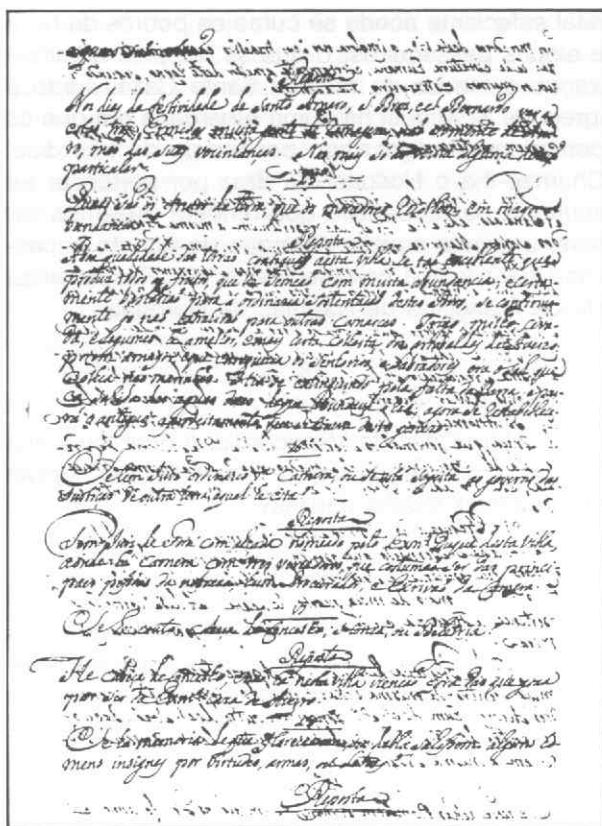
A origem da Santa Caza da Miziricórdia desta Villa consta mais pela tradição que pelos escritos. Dizem que à imitação de Lisboa e de Coimbra se juntarao algumas pessoas graves e devotas, e derao principio à nobre Irmandade que hoje tem. No anno de mil quinhentos e outenta e sinco lhe concedeo ElRey Felipe os mesmos Estatutos porque entao se governava a Miziricórdia de Lisboa, e os mesmos privilégios que goza a de Coimbra. Os Monarcas Portuguezes que lhe socederao lhe tem concedido muitas prerogativas que o ennobrecem. A Igreja he de magnifica architettura, a que corresponde a Caza do despacho e mais officinas. Terá de renda até quatro mil e quinhentos cruzados, conforme a bondade do anno, mais tem muitos legados a que satisfaça, e Capelaes, que como Beneficiados rezao no Coro. A Imagem do Sr. Ecce Homo he dum prodigio da Esculptura. Consta por tradição que viera de Inglaterra quando a herezia começou a profanar-lhe o culto. A devoção dos moradores desta villa a implora nos seus trabalhos, e a experiente milagreza: he de estatura humana, e certamente a melhor deste Reyno, segundo dizem os mesmos estrangeiros que a admirao.

13.^o

Se tem hermidas, e de que santo, se estao dentro ou fora do lugar, e a quem pertencem?

Resposta

Fora da Igreja de S. Miguel ha nesta Freguezia quatro Ermidas. A de Santiago, a de N. S.^a da Ajuda pertencem à mesma Freguezia, a dos Santos Martyres pertence a António Verissimo da Costa, e Tavora Monteyro. Estas três Ermidas estao nos suburbanos da villa, e a de Santo António dos prezos que está junto à cadea de muros adentro.



14.º

Se acode a ellas Romagens, sempre ou em alguns dias do anno, e quais sao eles?

Resposta

Nos dias de festividade de Santo Amaro, S. Braz e S. Bernardo vay a estas três hermidas muita gente de Romagem, nao somente de Aveiro, mas das suas vizinhanças. Nao mais so de vezita alguma devoção particular.

15.º

Quais sao os frutos da terra que os moradores recolhem em mayor bundancia?

Resposta

A boa qualidade das terras contiguas a esta villa he tao excellente que produz todos os frutos que lhe semeao com muita abundancia, e certamente bastariao para a ordinaria sustentação destes Povos se continuamente os nao extrahirao para outras Comarcas. Trigo, milho, cevada, e legumes he a melhor e mais certa colheita dos arrabaldes de Aveiro: porém a mayor e que enriquecia os Senhores e Labradores era o sal que colhiao nas marinhas. Hia-se extinguindo pela falta da Barra e pouca sahida das aguas doces de que abundava a Ria; agora se restabellecerá o antigo aproveitamento que se tivera deste género.

16.º

Se tem Juiz ordinário nesta Camara ou se esta se sogeita ao governo das justiças de outra terra, he qual he está?

Resposta

Tem Juiz de Fora com alçada nomeado pelo Exm.º Duque desta Villa, aonde há Camara com três vereadores que costumao ser das principaes pessoas da nobreza, hum Procurador, e Escrivao da Camara.

17.º

Se he couto, cabeça de Concelho, se Honra, ou Behetria?

Resposta

He cabeça de Concelho, e nao há nesta villa izenção fora das que goza por ser da Exm.º Caza de Aveyro.

18.º

Se ha memória de que florescessem ou della sahisses alguns homens insignes por virtudes, armas, ou letras?

Resposta

Nesta villa tem florecido muitos sogeitos de merecimento distinto, e que as suas grandes virtudes seriao recommendadas pelos Escriptores, se a modestia ou o desprezo nao sepultasse com elles as suas memorias. Além dos Religiozos e

Religiozas, cujas acções se conservao occultas nos archivos dos seus Claustros, Lembrao alguns Cathalogos ao Irmão Fr. Simão que acabou Santamente no Convento de S. António, ao Irmão Fr. Pedro Dominico que falleceu em Évora, ao Padre Fr. Diogo de Aveyro, que na Índia aonde morreo, exercitou tantos actos de virtude; ao Ilmo.º D. Fr. Miguel Rangel da mesma Religiao e Bispo de Cochim, ao Ilmo.º D. Fr. Jorge da mesma Religiao Bispo de Malaca, a Fr. António de Jezus Carmelita Descalço. No Convento de Madre de Deus de Sá, a Me. Thereza de S. José; Nas Carmelitas descalças a Irman Anastasia de S. Jozé, a Madre Brites de S. Jozé Fundadora. No Real Mosteyro de Jezus Soror Custodia da Recurreição. Entre estes e outros muitos espiritos virtuosos de que fazem menção as Escripturas, bem podemos lembrar, sem escrupulo, ou nota de credibilidade, Fr. António de Sá, vigário da Vera Cruz, homem de grande mortificação, de grande modestia e caridade com os pobres. No mesmo dia em que lhe davao as beneces da Igreja os distribuia aos necessitados e ficava mais necessitado que todos. Dizem que abrindoselhe a sepultura depois de muitos annos o acharao incorrupto.

Manoel Joao chamado por alcunha o Manjao, viveo sempre do seu officio que era tecelao, mas sumamente modesto, e que observou/ segundo affirmao/ huma pura castidade. Todos os Domingos vezitava as Igrejas, e Ermidas dentro e fora desta villa em que se venerao as Imagens de N. S.ª. Era voz publica, que recebera grandes favores de Maria santissima do Rozario, que está no Convento de S. Domingos. Está sepultado na Igreja dos Terceiros de N.P.S. Francisco de que era Irmão; ele deixou huma Imagem de S. Juliao de esculptura tosca, e sem encarnação, que se collocou em hum dos seus Altares, aonde se lhe atribuem alguns milagres e he frequentada de muitos devotos até de fora de Aveiro com o nome do santo do Manjao. O Irmão Joao, Terceiro de N.P.S. Francisco, em cuja Igreja assistiu e se sepultou, vivia de esmolas, padecceu muitas vexações do Demonio, principalmente quando vezitava a Via Sacra, o que fazia todas as noites na alameda que está junta à mesma Igreja. Tinha huma frequente oração mental e exercicio de encomendar as almas; a sua continuada regularidade de vida lhe grangeou a opinião de justo com que acabou.

Soror Anna de S. Joaquim Religioza no Convento de Jezus da nobre familia dos Mayas e Gamas desta villa. Foi observantissima dos Estatutos da sua Ordem, toda a sua vida vestiu estameinha, e nao dormia em cama, nas Quaresmas e Adventos se sustentava de pao de milho grosseiro que mandava fazer fora do Convento aonde a sua mortificação, as suas penitencias e humildade,

ainda hoje serve de exemplo a muitas religiozas que a imitao.

D. Joanna de Tavora casada com Manoel Jorge da Costa das principaes familias desta villa mulher muito virtuosa e favorecedora dos pobres, que ainda hoje o testemunha a fragrancia da sua sepultura. Dariamos a conhecer mais sojeitos que seguirao o Caminho da virtude, se o tempo assim como lhe conserva a fama lhe nao escurecera as boas acções que lhe adquirirao.

De muitos homens magnos por Letras natu-raes desta villa fazem memoria os Escriptores, principalmente o erudito Diogo Barboza Machado na sua Biblioteca Luzitana. Ali traz com activa indagação lembradas as obras de vinte e dois Autores que em diversos tempos florecerão em Aveiro, sinco religiosos Dominicanos entre os quais há dois Bispos, o Ilmo.º D. Fr. Miguel Rangel Bispo de Cochim e D. Fr. Miguel de Bulhoes actualmente Bispo de Grao Pará dois Jezuitas, hum Religiozo de S. Bento, hum Thomarista, dois de S. Francisco; quatro sacerdotes do habito de S. Pedro, e sete seculares. Seria superfluidade a transcrevelos neste lugar, andando esta excellente e grande obra na mão de todos os sabios. Entre estes se pode contar o Dr. Faustino de Bastos Monteyro, sojeito de huma vasta erudição nao somente no direito cezaeo, que exercitava mas nas letras bellas. Tinha huma memoria fecundissima, e hum frequente estudo, continuando até à idade de outenta e seis annos, que viveo. Se os nobres herdeiros que deixou nesta villa publicaram algumas composições que escreveo se conhecera, que merece depois de morto a estimação de saber que teve na sua vida.

Nas armas tiverao procedimento distinto Damiao de Sousa e Menezes Governador da Comarga de Esgueira, Gonçalo de Sousa de Menezes seu filho, Commendador na Ordem de Christo, cappitao mor desta villa, e governador da Comarca. Pedro da Costa de Almeyda Tenente General da Cavallaria na Provincia da Beyra. Nicolau Rebeyro Picado, cappitao de Cavallos no exercito do Minho, e Mestre de Campo de vollantes nesta Comarca. Manoel Soares de Albergaria Governador de Paraiba. Francisco da Maya da Gama, Cappitao de Cavallos no Principado de Catalunha. Francisco da Silveyra Deça, cappitao de Infantaria na Campanha de Alentejo. Joao da Maya da Gama, cappitao de mar guerra, Governador da Paraiba assim como Cappitao General dos Estados de Maranhao e Grao Pará; e outros muitos que se tem perdido a lembrança por falta de escritos. Até o ser delicado produzio nesta villa duas mulheres que se podem chamar dois portentos de heroicidade. As cellebres Maria Pacheco, nascida em Esgueira, mas oriunda de Aveiro, que por hum acazo de mulher se converteo em



homem: militou na India aonde fez valer nas proezas. Antónia Rodrigues que conhecida por mulher declarou que era homem: uzando trage em que observou uma inteira castidade militou em Mazagão, e mereceu que ElRey lhe premeasse o valor.

19.º

Se tem feira, e em que dia e quantos dura, e se he franca, ou captiva?

Resposta

Tem uma feira no mes de Março: he franca por espaço de nove dias que principiao a vinte e hum em dia de S. Bento.

20.º

Se tem Correyo e em que dias de semana chega e parte, e se o nao tem de que Correyo se serve, e quanto dista a terra aonde elle chega?

Resposta

Há nesta villa Correyo duas vezes na Semana o de Lisboa e Coimbra parte no Domingo ao meio dia, e chega na Sexta feira pela manhan. O do Porto parte na Quinta feira de madrugada, e chega na Segunda feira de tarde.

21.º

Quanto dista da cidade capital do Bispado, e quanto de Lisboa capital do Reyno?

Resposta

Desta villa à cidade de Coimbra capital do Bispado sao nove legoas; a Lisboa quarenta e quatro.

22.º

Se tem alguns privilégios antiguidades, e outras couzas dignas de memória?

Resposta

Muitos e estimáveis sao os privilegios que concederao a esta villa os senhores Reys D. Dinis, D. Duarte, D. Joao segundo, D. Joao terceiro, D. Sebastiao, e todos confirmou o Serenissimo Senhor D. Joao o quarto no anno de mil seis centos quarenta e hum, mas o descuido, ou dos Ministros, ou dos moradores da terra os tem quazi esquecidos de sorte que so lembrarao por estarem registados; e nenhum está na sua observancia excepto o do foro dos Infanções nas pessoas da governança, que gozao as mesmas izenções que se concederao aos Cidadoes de Coimbra, Porto e Braga e sao os mesmos que em Lisboa.

A prerogativa mayor, que goza Aveyro, e que he digna de occupar o primeiro lugar na historia lha concedeo o ceo. Mereceo esta villa que a ella decesse vizivelmente a Virgem N. S.ª. No anno de mil quatro centos e vinte e dois, estando Affonso Domingues homem probe entrevado havia tempos, lhe appareceu a Rainha da gloria; deo-lhe saude milagrosamente, levou-o atraz de si desde a porta chamada do Sol ao Campo de S. Domingos, ordenou-lhe que com huma enxada fizesse um circuito, e desse-se ao Infante D. Pedro edificasse ahi hum convento de religiosos Dominicos dedicado ao seu nome. A repentina saude do enfermo concorreo inteiramente para que o Infante/ que nesse tempo assistia em Aveiro/ acreditece logo a vizao, e funda-se o Convento. Desde a escada do muro proferio a S.ª a Sua vontade e ahi se fez huma capella com a sua Imagem e invocação de Senhora da Escadinha. Os religiosos Dominicos a reformarao há poucos annos, mudando-se em outra de mayor decencia, aonde se adora e se festeja este prodigio.

23.º

Se há na terra ou perto della alguma fonte ou lagoa celebre e se as suas aguas tem alguma especial qualidade?

Resposta

Havendo nesta villa sinco fontes que a banhao de delicozas aguas nenhuma tem especialidade que mereça notar-se.

24.º

Se for porto de mar descreva-se o Sítio que tem por arte ou por natureza, as embarcações que a frequentao e que pode admitir?

Resposta

Foy Aveyro hum porto de mar excellente e o seu comercio grande. A Barra que he de area se acravou de sorte que nos annos proximos a este se poz incapaz de entrar por ella ainda embarcação mais pequena. A piedade do nosso augustissimo Monarca, deferia as supplicas que effizamente se lhe fizerao para se abrir nova Barra; mas como esta obra necessita de tempo e despezas grandes continuava a vexação até na saude. A Liberalidade de Joao de Souza Ribeiro da Sylveira acodio a esta afflicção pedindo ao mesmo senhor licença para abrir, à sua propria custa, hum rego, ou valla na area, que desse sahida as imensas aguas de que abundava o rio, e que cauzavao tantos malles. S. Magestade Fidelissima lha concedeo; e executou com tao felice soccesso o que permetera que depois de muito trabalho e despeza, em outo de Dezembro do anno passado, nao somente abrio o rego, mas permitio que ficasse hum prodigioza Barra. Corre esta de Leste a Oeste, e distara duas legoas e meia desta villa. A sua situação he admirável, porque do mar até ao rio he muito pouca a distancia, e podem entrar por ella as embarcações/ segundo afirmao/ com todos os ventos excepto Nordeste. Depois de darem fundo estao livres de todo o incommodo pela mansidao das aguas; os Pilotos que a sondarao afirmao tem capacidade por fundo e largura de admitir todo o genero de embarcações sem nenhum receo de perigo; o que ja tem experimentado algumas embarcações que aqui entrarao.

25.º

Se a terra for murada diga-se a qualidade dos seus muros; se for Praça de armas descreva-se a sua fortificação. Se há nella ou no seu districto algum castello ou Torre antiga, e em que estado se acha ao presente?

Resposta

He murada a melhor parte desta villa mas nao a mayor, porque de muros adentro esta somente a Freguezia de S. Miguel e uma pequena parte da

do Espirito Santo, donde se alcança que este bayrro he o mais antigo e o da primeira fundação de Aveiro. Os muros que se conservao sem ruina foram obra do Infante D. Pedro, filho delRey D. Joao primeiro. Sao os mais fortes e os melhores que ha daquelle tempo. A sua altura he de trinta e dois pés geometricos; tem no seu circuito nove portas, e dezasseis Torres: huma dellas chamada a dos oleiros esta bastantemente arruinada.

26.º

Se padeceo alguma ruina no terramoto de 1755, e em que, e se está já reparada? No espantozo terramoto de 1755 nao sentiu esta villa estrago concideravel; cahirao algumas moradas de cazas, principalmente as que anteriormente estavao ameaçando ruína; hoje se vem reparadas. As abobedas dos Conventos e paredes das Igrejas fizerao aberturas que em algumas unio o mesmo impulco, outras se taparao e outras se concervao da mesma sorte. As mayores forao na Capella de N. S.º do Rozario no Convento de Jezus, que já se vê reformada; e no Claustro e Capitulo do Convento de S. Domingos que se sustenta em pé a beneficio de espequos.

27.º

E tudo o mais que houver digno de memoria de que nao faça menção o presente interrogatório?

Resposta

Nao sabemos que haja nesta Villa coiza digna de memoria alem da que referimos nos Interrogatorios assim.

DO RIO**

Interrogatório 1.º

Como se chama assim o Rio, como o sitio aonde nasce?

Resposta

O grande, delizioso, e ccelebrado Rio que enriquece Aveyro he de agua salgada, que lhe entra pela Barra no fluxo e refluxo do mar oceano. O Vouga dezafoja continuamente neste rio as suas aguas doces e muitas vezes com tanta abundancia que todas ficao do mesmo sabor; mas ainda assim entrando nelle perde nome porque ao desta Villa chamar o Rio da prata, talvez pela imponderável conveniencia que dá aos que se aproveitao dos diversos generos de que abundam.

4.º

Se he navegável e de que embarcações he capaz?

Resposta

Em todo o anno o frequentao a immensidade de barcos, de pescadores, de homens que tirao deste rio o provimento para as suas labouras, de outros que negoceao em sal de outros que trazem passageiros de Ovar para Aveyro, e os levao de cá para lá, de outros que se andao divertindo na caça que he muita principalmente de Inverno. Pelas suas calles/ como lhe chamao os naturaes/ podem navegar quaesquer embarcações que lhe entram pela Barra, porque tem suficiente profundidade.

5.º

Se he de curço arrebatado ou quieto em toda a sua distancia ou em alguma parte della?

Resposta

Como a acelleração ou socego deste rio nasce do fluxo e refluxo das aguas do mar he sempre o mesmo nos dias quietos; as tempestades e as inundações do Vouga o fazem mais forte, mas nao he assim em toda a sua distancia, porque quanto mais for apartada do mar menos se sente o seu curso.

6.º

Se corre de Norte a Sul, se de Sul a Norte, se de Poente a Nascente, se de Nascente a Poente?

Resposta

Corre de Sul a Norte, e de Norte a Sul com as enchentes e vazantes da maré, excepto em alguns braços que forma aonde busca a direitura dos Canaes.

7.º

Se cria peixes, e de que especie sao os que traz em mayor abundancia?

Resposta

He grande, e parece inextinguivel a abundancia de peixes que traz este rio, huns que se criao nelle, outros que lhe entao pella Barra. A mayor quantidade dos que cria he de enguias, machos, solhas, lingoados, muges, Tainhas, Robalos; entraolhe pelo mar Crovinas, Lampreas, Savelhas



2.º

Se nasce logo caudalozo e se corre todo o anno?

Resposta

Nos mezes de Inverno com as aguas das chuvas que decem ao Vouga se augmenta da maneira que as vezes parece hum mar entao corre para este com grande acelleração no seu refluxo. No Verao fica somente nas calles e nos esteyros, faz a enchente e vazante aquellas cheias de gados, e algumas labouras: estas de sal quando o tempo o permite, e tudo offerece aos olhos huma bellissima recreação.

3.º

Que outros rios entao nelle, e em que sitio?

Resposta

Somente o Vouga o enriquece com as suas aguas porque os mais sao regatos que nao tem nome nem Corrente perene.

e outros; tao bem cria algumas especies de mariscos, e huma infinidade de peixinhos que alimentao quazi toda a pobreza destas vezinhanças.

8.º

Se ha nelle pescarias e em que tempo?

Resposta

Em todo o giro do anno se pesca neste Rio de dia e de noite conforme as Redes de que uzao os pescadores.

9.º

Se as pescarias sao livres ou de algum Senhor particular em todo o rio, ou em alguma parte delle?

Resposta

He livre a pesca deste rio a todas as pessoas que se quizerem empregar nelle; so nos mezes da criaçao se prohibem pelo Senado as Redes de huma malha tao estreita que lhe nao escapa nada; mas de todo o peixe pagam certo tributo a S. Magestade, a Rainha N. S.ª e ao Ducado, a quem pertence quanto banha a agua salgada, ainda fora do seu districto.

10.º

Se se cultivao as suas margens e se tem muito arvoredo de fruto ou silvestre?

Resposta

As suas margens, principalmente as que se entendem pela parte do nascente sao cultivadas e ha nellas muitas arvores frutiferas e silvestres, grande quantidade de pumares, hortas e terras de labouras. Até as areas sao fructuosas neste rio, como se experimenta nas chamadas a gafanha e fazem humas das suas Peninsulas que dao excellentes novidades.

11.º

Se tem alguma virtude particular as suas aguas?

Resposta

Como regularmente sao salgadas nao tem nenhuma particular virtude, só a de fazerem nas marinhas o sal mais branco e de melhor qualidade que há no Reyno.

12.º

Se conserva sempre o mesmo nome, ou o começa a ter diferente em algumas partes, e como se chamao estas, ou se ha memoria de que em outro tempo tivesse outro nome?

Resposta

Sempre teve o mesmo nome, isto he de Rio de Aveyro, porque o chamarlhe Rio da prata, discorre annos he somente aos nacionaes em obzequio do lucro que lhe dá.

13.º

Se morre no mar ou em outro Rio, e como se chama este e o sitio em que entra nelle?

Resposta

Vay morrer ao mar, porem este mesmo o vivifica com as suas enchentes, de sorte que sempre tem a mesma abundancia de aguas.

14.º

Se tem alguma cachoeira, repreza, levada ou açudes que lhe embarace o ser navegável?

Resposta

Pela descripçao que temos feito deste celledrado rio se alcançara que nenhuma coiza lhe embaraca o ser navegável.

Nos Interrogatórios 15 = 16 = 17 = 18 nao há nada que pertença a este Rio***

19.º

Quantaõ legoas tem o Rio, e as povoações por onde passa desde o seu nascimento até onde acaba?

Resposta

Desde a Villa de Ovar até à Barra antiga tem este rio sete legoas, e em toda esta extençao o cinge huma faxa de area que o deve do mar. O seu ambito porem he de quinze legoas pouco mais, ou menos, e neste largo circuito banha muitas villas e lugares aonde se embarca e desembarca com boa comodidade. Estes sao Ovar, Estarreja, Bunheyro, Pardilhó, Veyros, S. Martinho de Salreu, Esgueira, Verdemilho, Coutada, Ílhavo, Ermida, Vagos, Sousa e outras povoações mais pequenas.

Em todas as respostas que acabo de dar aos Interrogatórios que se me remeterão, segui o que achei de mais autentica verdade, ou fosse nos Autores, ou nas enformações, ou no meu proprio conhecimento. Aveiro 30 de Abril de 1758.

Paulo Pedro Ferreira Granado
Prior de S. Miguel

* a transcrição do documento fez-se copiando exactamente a forma como o texto se apresentava; nos casos em que aparece o sinal interrogado (?), é porque temos dúvidas de leitura;

** antes deste inquérito sobre o Rio, havia cerca de 13 questões sobre a Serra, que obviamente o Prior ignorou;

*** as questões a que não respondeu eram:

15.º se tem pontes de cantaria, repreza, leva-da, ou açude, que lhe embarassem o ser navegá-vel?

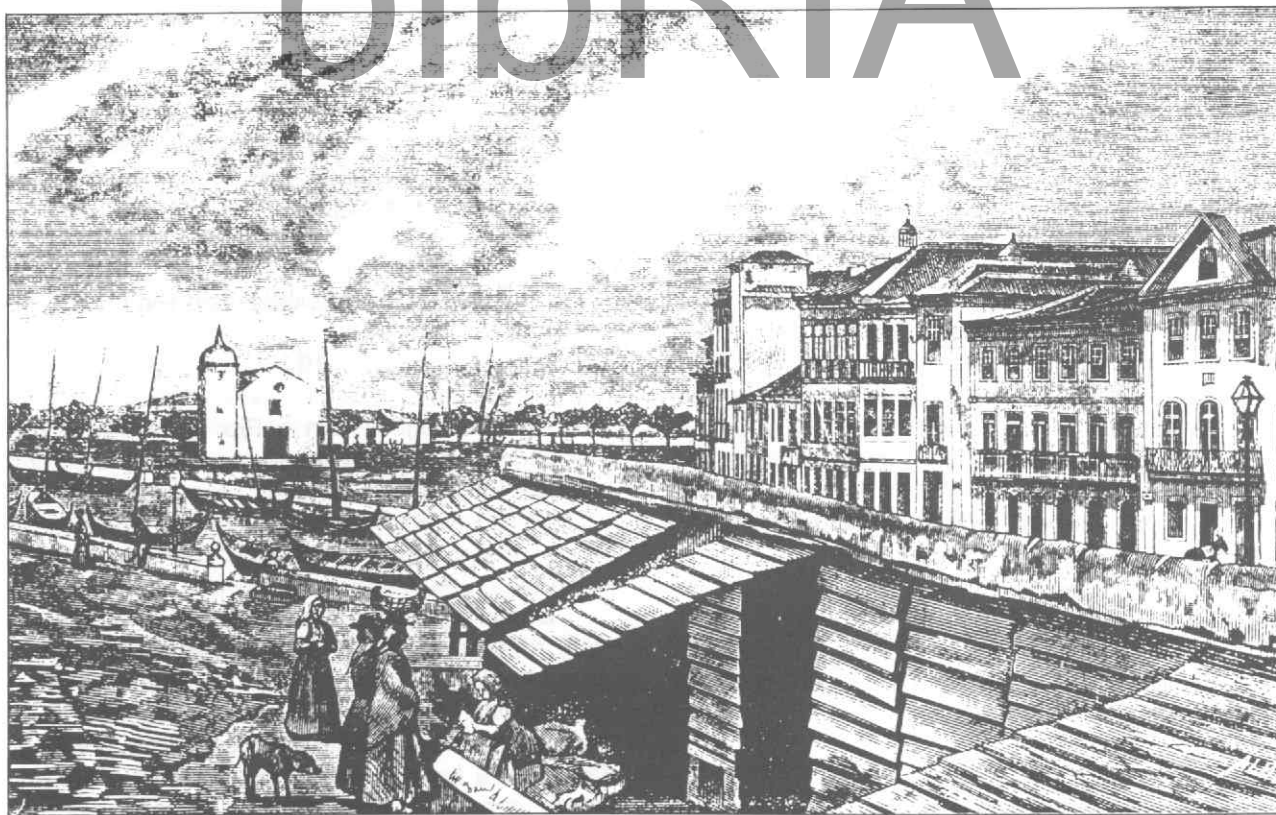
16.º se tem moinhos, lagares de azeite, pizões, noras ou outro algum engenho?

17.º se em algum tempo ou no presente se tirou ou tira ouro das suas áreas?

18.º se os povos usao livremente das suas aguas para a cultura dos campos, ou em alguma pursao?

- (1) — CHORÃO, M. José Mexia Bigotte — Inquéritos promovidos pela Coroa no séc. XVIII, In «Revista Histórica Económica e Social», n.º 21, Lisboa, Sá da Costa, 1987, p. 93.
- (2) — MADAHIL, A. G. da Rocha — Novas Fontes de História Local Portuguesa. As informações paroquiais da Diocese de Coimbra pedidas pela Academia Real da História em 1721, in «Biblos», v. 10, Coimbra, 1934, p. 597; ou ainda o mesmo autor em Informações Paroquiais do Distrito de Aveiro de 1721, in «Arquivo do Distrito de Aveiro», vol. I, Aveiro, 1935, p. 37.
- (3) — CHORÃO, M. José Mexia Bigotte — Inquéritos promovidos..., o.c., p. 101.
- (4) — MADAHIL, A. G. da Rocha — Informações Paroquiais do Distrito de Aveiro..., o.c., v. 1, pág. 37, 151 e 325.
- (5) — COSTA, Eduardo — O Terramoto de 1755 no Distrito de Aveiro, in «Arquivo do Distrito de Aveiro», v. 22, p. 123.
- (6) — GASPÁR, João Gonçalves — A Diocese de Aveiro no século XVIII. Um inquérito de 22 de Setembro de 1755, Separata do jornal de Aveiro «Correio do Vouga», Ano 43, n.º 2161, Aveiro, 1974, p. 27.
- (7) — CHORÃO, M. José Mexia Bigotte — Inquéritos promovidos..., o.c., p. 108.
- (8) — NIZA, Paulo Dias de — Portugal Sacro-Profano, 1.º e 2.º vols. 1767, 3.º vol. 1768.
- (9) — CHORÃO, M. José Mexia Bigotte — Inquéritos promovidos..., o.c., p. 113 a 115.

bibRIA



Rossio e Rua do Cais da Ria — actual de João Mendonça
(«O Occidente», 5.º ano, Lisboa, 1882, pág. 173)

Capela do Senhor das Barrocas, em Aveiro

João Gonçalves Gaspar

O Arq. José Vitor Ramalho Cruz, na última edição deste Boletim, referiu-se, com saber e competência, à setecentista capela aveirense do Senhor das Barrocas. O seu estudo incentivou-me a publicar umas achegas sobre o processo da autorização canónica para a sua construção, bem como algumas notas sobre o arquitecto e mestre de obras que orientou os trabalhos.

1 — PROCESSO PARA A SUA AUTORIZAÇÃO

1.1 – O Cruzeiro das Barrocas

Tudo começou com muita simplicidade e de forma inesperada, sob o impulso de uma profunda gratidão ao Deus do amor e ao amor de Deus.

Na cidade de Aveiro, dentro dos actuais limites da freguesia da Vera-Cruz, existe presentemente um bairro com o nome de *Barrocas*. É um topónimo bastante antigo; já em 1503 havia aí, num ermo entre Esgueira e Sá, uma propriedade rústica que era foreira do Mosteiro de Jesus⁽¹⁾. A designação veio-lhe da natureza geológica do sítio. A velha carreteira que de Aveiro seguia para Esgueira, depois de ladear o sopé da pequena elevação onde já então se encontrava a capela de Santa Maria de Sá ou de Nossa Senhora da Alegria, descia até a um pequeno regato,⁽²⁾ que ultrapassava, e ziguezagueava depois para os lados da capela de Nossa Senhora da Piedade ou do Álamo. Às quebradas das margens do ribeiro, devidas sobretudo à erosão das chuvas, o povo chamava *barrocas*, *barrocos* ou *barrancos*.

Quase no alto da pequena colina, perto da curva do caminho e do local onde se transpunha o valado, construíram um cruzeiro, modesto e popular; sobre a coluna, fixaram um Crucifixo, em cuja cruz, pela frente, gravaram uma data – 1707 – e no reverso escreveram: – SANCTUS DEUS, SANCTUS DOMINUS, SANCTUS IMMORTALIS, MISERERE NOBIS. + CHRISTUS NOBISCUM + STATE.⁽³⁾

Apesar de essa imagem ser obra comum e inspirar, por si mesma, pouca piedade, não faltava quem, na doença ou na aflição, recorresse a Jesus Cristo, que ela representava e recordava. Entre

nós era o *Senhor das Barrocas*, porque o local lhe dera o nome; mas, nas demais terras do País aonde chegava a fama dos seus prodígios, era, para uns, o *Senhor de Aveiro* e, para outros, o *Senhor da Boa Passagem* ou o *Senhor dos Milagres*.

1.2 – Um apontamento contemporâneo

O Padre José António da Silva Pereira, protónotário apostólico de Sua Santidade, notário «in partibus» do Tribunal do Santo Ofício,⁽⁴⁾ bacharel formado na Faculdade dos Sagrados Cânones da Universidade de Coimbra, natural da freguesia de S. Miguel da Vila de Aveiro, onde residia,⁽⁵⁾ deixou-nos a seguinte **Lembrança, que pode servir algum dia**, escrita antes de 1759, quando Aveiro ainda não tinha sido elevada a cidade nem era sede de Diocese; ela vale sobremaneira como documento histórico de alguém que viveu o acontecimento:

– *No caminho, que vai desta vila de Aveiro para a Vila de Esgueira, estavam uns silvados em barrocas ou brejos, lugar deserto e tão carregado e medonho que, quando alguém queria passar, se era de noite ou de madrugada, estava cada um esperando companhia; e, no cimo de tal silveira, levantava-se uma cruz de pedra com uma imagem de Cristo crucificado, que mal se aparecia, já coberto de musgo verde, no tempo em tal desprezo que quem por ali passava nem lhe tirava o chapéu, por ser aquele lugar montoso; e mal se descobria entre aqueles silvados a mesma cruz.*

Sucedeu em 13 do mês de Setembro do ano de 1721, estando Custódio Fernandes, morador na Rua do Vento,⁽⁶⁾ freguesia da Vera-Cruz, desta Vila, homem casado, muito mal e ungido, o foi visitar uma mulher sua vizinha que, vendo-o em tanto perigo, lhe advertiu se apegasse com muita fé com um Senhor, que estava nas barrocas do caminho de Esgueira, porque a ela lhe tinha valido em uma grande aflição; pelo que aquele pobre enfermo, estando para beber um caldo de galinha, Lhe fez sua oração e Lhe prometeu uma vela de cera, que pesasse seis vinténs, com seu laço de fita encarnada. Bebendo o caldo de galinha, ficou privado de todos os sentidos e como morto, sem acordo

algum, e assim ficou por oito dias, no fim dos quais acordou como de um sono, perfeitamente bom e sem moléstia alguma. Afirmou que, naquele meio-tempo, fora levado àquelas barrocas e estivera no meio daquelas silveiras, fazendo sua depreciação àquela bendita Imagem, que fora servida ouvi-lo e livrá-lo daquele mortal perigo.

Daqui por diante foi continuando a fé de mais católicos que, nos seus achaques e trabalhos, experimentavam o favor divino. Sendo visitado por maisromeiros da Vila e fora, se Lhe fez uma capelinha de madeira, em que se recolhiam os «milagres» que, vindo a crescer, se depositaram em outra casa de um devoto, no lugar de Sá; e, como as esmolas foram crescendo em tal grandeza, se Lhe mandou fazer um magnífico templo salomónico, em que hoje se venera por todo este Reino, donde serão muito poucas as pessoas que o não tenham visitado. Para esta grande igreja foi transladado em procissão solene, com tríduo de festas a que assistiu o M.^o Rev.^o Cónego Manuel Moreira Rebelo, com os poderes do Il.^{mo} Sr. Bispo de Angola, D. Luís Simões Brandão, que então era governador deste Bispado de Coimbra, por recomendação de Sua Majestade El-Rei D. João V; e esta transladação foi feita em 16 de Novembro de 1732⁽⁷⁾.

Nas ocasiões mais importantes do processo das Barrocas aparece a presença, quíça mesmo a influência, do mencionado Cónego Dr. Manuel Moreira Rebelo. Quem era esta personalidade coimbrã?

Foi seu pai o Dr. Nicolau Rodrigues Rebelo, natural do bairro do Castelo, da cidade de Lamego; depois de exercer as funções de juiz de fora de Aveiro a partir de 1667, em que «deu boa regidência», em 5 de Fevereiro de 1670 foi-lhe feita mercê do cargo de juiz de fora do Porto, por três anos;⁽⁸⁾ posteriormente, desempenhou o múnus de juiz corregedor na Guarda. Tendo casado com D. Teresa de Vasconcelos em 20 de Abril de 1670, na sua cidade natal, acabaria por enviuvar; sendo cavaleiro do hábito de Cristo e familiar do Santo Ofício depois da declaração de habilitação de 24 de Dezembro de 1679, recebeu ordens sacras e foi pároco de Vinha de Ranha e de Seia, cónego, provisor, vigário geral e governador do Bispado de Lamego, no tempo de D. Frei Luís da Silva; com fama de eclesiástico de letras e virtudes, acabou por falecer em 11 de Maio de 1686. Quando ainda solteiro e estando em Aveiro, teve um filho de D. Madalena Botelho que, exposto na roda, seria baptizado com o nome de Manuel. Trata-se do Cónego Dr. Manuel Moreira Rebelo que, encontrando-se mais tarde em Lamego, abraçou a vida sacerdotal e colaborou com o bispo D. António de Vasconcelos e Sousa, desde Abril de 1701 até 1705; transferido este prelado para Coimbra, o Cónego Dr. Manuel Moreira Rebelo acompanhou-

-o, desempenhando aí os cargos de cónego penitenciário, promotor, provisor, vigário geral e ainda vigário capitular nos últimos anos da vacância da Sé (1738-1741), antes do início do governo de D. Frei Miguel da Anunciação. Dispendeu volumosas quantias nas «comodidades e clausuras necessárias» das carmelitas descalças de Coimbra, cuja autorização diocesana para o estabelecimento da comunidade ele mesmo assinara em 9 de Fevereiro de 1739; o próprio edifício do Convento de Santa Teresa foi implantado no «Casal do Chantre» - terreno doado por ele⁽⁹⁾.

Sendo natural de Aveiro, não admira, por isso, que o Cónego Dr. Manuel Moreira Rebelo, estando em lugares de decisão na Cúria Diocesana de Coimbra, se não tenha esquecido da sua terra; pelo contrário, interessou-se por ela, nomeadamente no culto e devoção à Princesa Santa Joana e no assunto das Barrocas.

1.3 – Devoção que se imõe

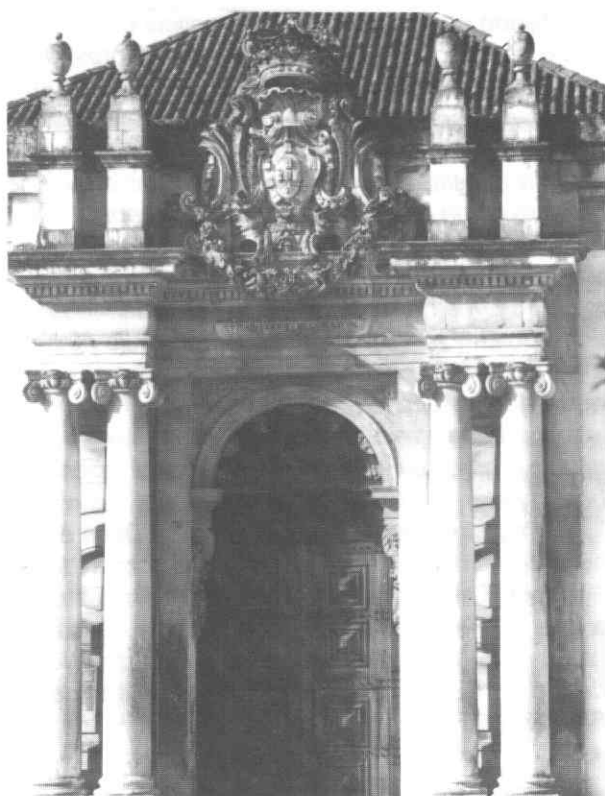
Como vemos, o inaudito acontecera em Setembro de 1721; e a notícia sensacional rapidamente alastrou: – um doente grave vira-se totalmente curado, em circunstâncias tais que logo o povo, considerando-as milagrosas, atribuiu o facto a uma singular devoção a Jesus Cristo, através da imagem do Senhor das Barrocas.

Entretanto, entre os factos tidos por maravilhosos, outros foram relatados na «Gazeta de Lisboa Occidental», de 20 de Novembro de 1721,⁽¹⁰⁾ com base em correspondência datada de Aveiro, aos quais não seria indiferente a autoridade eclesiástica:

– Escreve-se de Aveiro em cartas de 9 do corrente, que indo uma mulher aflita buscar uma mortalha para seu marido, que deixava em casa defunto, e recorrendo a uma Imagem de Cristo crucificado, de pedra, que está no sítio chamado as Barrocas, junto àquela Vila, para que lhe acudisse no seu desamparo; voltando para casa, o achara são; e que desde aquele dia (que havia quinze) tinha feito infinitos prodígios e maravilhas estupendas; que à vista do Vigário Geral de Coimbra, do Padre Frei Baltasar de Santo António, Religioso Terceiro, e de uma grande multidão de povo, que todos os dias concorreu a visitar a mesma Imagem, dera vista a uma mulher cega; e que se determina edificar uma capela sumptuosa para o colocar.

De facto, surgira então a ideia de homenagear o Senhor das Barrocas, em louvor e agradecimento, construindo-se uma capela condigna para abrigar o Cruzeiro.

Em ordem à concretização de semelhante projecto e tendo em vista o que de inesperado e de maravilhoso tinha acontecido e continuava a acontecer, alguns devotos dirigiram-se à autoridade eclesiástica – que então era a da Diocese de



Pórtico da Biblioteca Joanina da Universidade de Coimbra
(1717-1728)

Coimbra, a que Aveiro ainda pertencia. Numa exposição-requerimento, referiam que o Senhor do Cruzeiro das Barrocas estava *obrando muitos milagres*; por isso, pediam licença para fazer uma *capelazinha*. Em consequência disso e dados os contínuos rumores de «milagres», que cada vez mais se espalhavam, deslocou-se a Aveiro o próprio Vigário Geral de D. Luís Simões Brandão,⁽¹⁾ Bispo-Governador e Vigário Capitular de Coimbra – «sede vacante» por morte de D. António Vasconcelos e Sousa, ocorrida em 1717. Depois de examinar a capacidade do sítio, o Padre Dr. Manuel Leitão Ferreira escreveu na sua informação: – *Fui ao sítio, onde os suplicantes intentam erigir a capela à devota imagem do Santo Cristo das Barrocas e achei ser capacíssimo para o intento pretendido e ficar com perpétua duração a obra que nele se fizer.*⁽²⁾

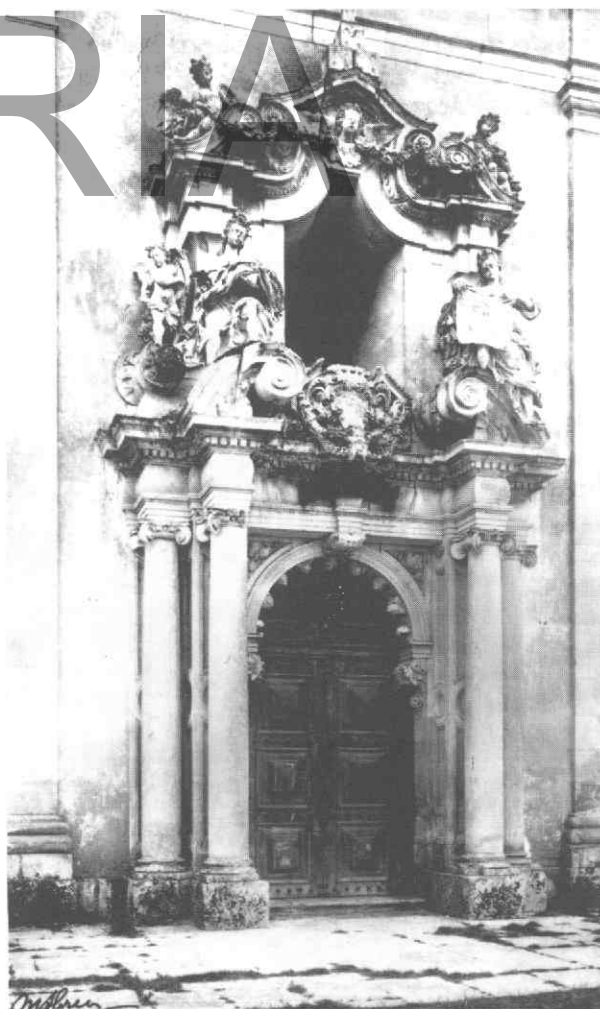
A referida informação tem a data de 9 de Novembro de 1721 – precisamente o dia em que se verificou mais um caso extraordinário, já acima referido. Cada vez mais se divulgava o culto a Cristo crucificado através de uma simples imagem – o «Senhor dos Milagres de Aveiro».

1.4 – Processo canónico

Perante isto, o processo canónico jamais pararia até à sua conclusão. Em 10 de Dezembro, António Roiz (Rodrigues) da Graça, da freguesia da Vera-Cruz, da Vila de Aveiro, perante o tabelião

António da Silva Medela, outorgou a escritura de doação de um terreno à Fábrica da Capela do Santo Cristo das Barrocas, *dando licença para se fazerem as obras, por ser sua toda aquela área e sítio em que está o dito Senhor, e se obriga mais a dar quatro mil réis para a Fábrica da Igreja, não havendo esmolas dos fiéis para a paramentar*.⁽³⁾ Continuavam também a suceder-se as ofertas de dinheiro, de peças ricas, de círios e de muitas outras coisas; a devoção manifestava-se junto do Cruzeiro, tanto de dia como de noite; não faltaria mesmo a colaboração da Câmara da Vila de Esgueira, que viria a ser oficializada em documento em 22 de Fevereiro de 1722.

Entretanto, no dia 13 daquele mês de Dezembro, António Roiz da Graça e o Padre Gonçalo de Albuquerque e Lima, da freguesia da Vera-Cruz, e o Licenciado Henrique de Oliveira Pinheiro, José Ferreira Ourives e Manuel Caldeira, do lugar de Sá, da freguesia de Santo André de Esgueira, requere-ram à autoridade diocesana que a licença para construir a capela não fosse concedida ao vigário de Esgueira – que na ocasião era o Padre Agostinho Ribeiro de Almeida – mas sim ao povo de Sá,



Pórtico da Capela do Senhor das Barrocas
(1722-1732)

por este ter muita devoção à Imagem. Diziam mais: – Os suplicantes querem não só, movidos do seu zelo e dos inumeráveis milagres que faz o mesmo Senhor, uma capelinha ou nicho para Ele estar, mas sim um sumptuoso templo e obra magnífica, fiados em que não hão-de faltar devotos que concorram para a dita obra e que, com efeito, já se experimenta pelos grandes milagres que faz o mesmo Senhor, que deviam, para melhor deles constar, ser mandados autenticar por Vossa Ilustríssima.

A este requerimento anexou-se uma informação bastante pormenorizada, em cujo título se anota que o sítio das Barrocas, em que está o Cruzeiro do Santo Cristo, é junto ao lugar de Sá – lugar que é termo da Vila de Ílhavo e freguesia de Santo André da Vila de Esgueira:

– Principiando o Santo Cristo Senhor Nosso a fazer admiráveis milagres – lê-se no dito texto – logo José Ferreira Ourives, do dito lugar de Sá, com muito zelo e devoção por o Santo Cristo fazer milagre em um seu filho, começou a tratar de preparar com asseio o sítio e Cruzeiro, e com ele logo também Gonçalo de Albuquerque e o Licenciado Henrique de Oliveira puseram uma caixinha e uma talhazinha e ao depois Lhe fizeram um decote coberto de tabuado forrado com papéis pintados das armações. E, sucedendo ir o M.to Rev. do Vigário Geral a fazer oração ao Santo Cristo e vendo a omissão do pároco e o zelo dos sobreditos, obrigou ao dito José Ferreira e ao dito Gonçalo de Albuquerque a que tratassem da arrecadação das ofertas e lhes pôs um livro para elas, como se vê do mesmo livro.

Tendo ao depois o pároco notícia de tal, e de que os sobreditos com mais alguns devotos queiram fazer uma capela, tratou de amotinar o povo da Vila de Esgueira e com ele veio ao sítio do Cruzeiro, dizendo que, se fizessem e principiassem alguma capela, a haviam de vir derribar e que Lhe dessem conta das ofertas que tinham cobrado já.

Agora de presente mandou o pároco citar ao dito José Ferreira para Lhe entregar o livro de ofertas e para Lhe dar contas, e isto por ordem que diz tinha do Rev.mo Dr. Provisor, e nem quis mostrar a ordem nem o escrivão Dionísio Roíz, de Esgueira, que fez a citação, passou certidão.

As ofertas vem concorrendo com tanta abundância, como se vê do livro, e se poderá fazer uma boa capela.

O que se pretende por serviço de Deus é que se determine que a capela seja na forma da da Senhora da Piedade, que está adiante na estrada, e que não seja menos, e que a porta da capela fique, o que puder ser, fronteira à estrada que vai de Sá e Aveiro, na mesma forma da ermida da Senhora da Piedade⁽¹⁴⁾.

Não se duvida que o pároco mande assistir um clérigo a tomar também conta das ofertas, mas não a recebê-las, e não se duvida também que o pároco tenha uma chave da caixinha e assista à abertura dela, mas porém isto só há-de ser com a obrigação de o dito pároco vir ao sítio do Cruzeiro das Barrocas e abrir a dita caixa onde ela está, e que se não há-de ir com ela a casa do dito pároco, porque em uma ocasião dirão que esperem e em outra ocasião dirão que será outro dia.



Arco do pórtico da Capela das Barrocas

José Ferreira, que tem as ofertas em seu poder, é homem muito abonado e sobretudo de muita sã consciência; é serviço de Deus que se não tire do recebimento, depósito e guarda delas.

Para a segura arrecadação delas há ainda mais em o dito lugar de Sá, freguesia de Esgueira, o Padre João de Oliveira, irmão do Licenciado Henrique de Oliveira, e Manuel Nunes Ourives, e assim em o lugar de Sá há fregueses capacíssimos para a administração da obra e guarda das ofertas e pretende-se que tudo seja com toda a boa segurança. Sem que se possa divertir outra alguma.

A licença, que se tem concedido aos ditos moradores do lugar de Sá, é para que outra que peçam os moradores de Esgueira não tenha despacho e, suposto que a pessoa que dota a Fábrica seja da Vila de Aveiro, isto é porque a capela se há-de fazer em terra sua, e a não quis dar senão obrigando-se a Fábrica⁽¹⁵⁾.

Por sua parte, o Arcipreste de Aveiro, Frei Inácio da Cruz Mendes, informando, diria que a imagem se encontrava abrigada sob um coberto de tabuado, tão pequeno que nele não se podia armar um altar, e que o sítio estava dentro dos limites da freguesia de Esgueira, segundo o testemunho de pessoas idosas das freguesias da Vera-Cruz e do Espírito Santo – ambas da Vila de Aveiro. O dito sítio em que está a dita sagrada Imagem – escreveu o Arcipreste – é um alto pendente sobre uma ribanceira com barrocas por baixo, em que nasce água, e pela parte de cima terras de particulares, e o dito sítio, independente das fazendas, tem de largo cinco varas pouco mais ou menos, e comprido, entrando no que já se cortou nos valados das ditas fazendas sem contradição de seus donos, oito varas; e me parece será primeiro necessário se trate a obra que se pretende fazer, para se examinar a capacidade do dito sítio⁽¹⁶⁾.

Finalmente, o processo canónico documental em ordem à autorização para se edificar a capela do Senhor das Barrocas culminaria com o seguinte despacho, assinado em Coimbra pelos membros do Cabido, «sede vacante», no dia 5 de Março de 1722:

– Para melhor se deferir aos requerimentos destas partes, mandamos se faça vistoria no lugar em que está a Santa Imagem e terra que se tem doado para se fazer a capela, e a cometemos ao nosso Irmão o Rev.do Cônego Manuel Moreira Rebelo,⁽¹⁷⁾ de que esperamos que, em louvor e serviço de Deus, vá àquele sítio, e lhe damos e cometemos toda a jurisdição necessária para que, ouvidas as partes e pessoas devotas, haja de deferir-lhes, como lhe parecer rezão e justiça; atendendo sempre aos nossos despachos dados (...), não somente dará direcção a formas em que se há-de fazer a obra da capela, por planta que mandará



Fachada do Hospital Real de Montemor-o-Velho
(1752-1755)

fazer, mas também assinará o termo para se lhe dar logo princípio; dando outrossim forma à arrecadação das ofertas, venda de linhos e pão e outros semelhantes géneros, e assinação aos dias e tempo em que se há-de tomar conta deles; obrando em tudo o mais o que lhe parecer, conforme o direito e melhor acerto, para maior culto e veneração da mesma Santa Imagem; e para esta diligência se fará depósito de cinco moedas de ouro⁽¹⁸⁾.

Possuidores da ordem do Il.mo Cabido a dar forma às obras da capela do Santo Cristo das Barrocas, dezanove pessoas assinaram uma petição, a que – escreviam – nos obriga a nossa devoção; nela solicitavam:

– Em primeiro lugar, que no Cruzeiro e Santa Imagem se não faça mudança para outro algum sítio, mas fique naquele mesmo em que está obrando tantos prodígios e milagres (...).

Em segundo lugar, que a obra da capela e mais oficinas seja com a magnificiência que permitir a área e couber no primor da arte, com muita segurança e fortaleza, atendendo ser uma ribanceira, com barrocas que estão vertendo água, e, como esta seja milagrosa, se deve mandar pôr em forma que se colha pura e sem imundícia (...).

Em terceiro lugar, os requerentes propunham as conveniências para a instituição de uma Confraria. E suposto que o nosso Rev.do Pároco seja muito zeloso do aumento do culto divino, contudo poderá suceder-lhe outro que, com mais ambição

que zelo do serviço de Deus, se descuide do aumento desta capela e cuide só no próprio interesse. Por esta razão e porque também não é possível caber na vigilância e cuidado de poucas pessoas a contínua assistência que se requer assim para se receberem as esmolas como para se tirarem pelos povos vizinhos, e cobrarem as que estão prometidas, e haver quem continuamente assista as obras e faça por prontos os materiais – o que tudo requer muitas pessoas – parece preciso que, salvos os direitos paroquiais, se erija uma Confraria ou Irmandade, sujeita ao Ordinário e aprovada pelo Il.^{mo} Cabido. (...) Parece que, segundo o grande concurso que tem esta romagem, só a esmola das entradas fará uma grande parcela para as obras, além de que dos irmãos de fora se podem eleger zeladores que recolham esmolas pelas eiras e lagares e marinhas, e ajudas de pedra, telha, cal, carretos, com que avultará mais a obra, para a qual também, quando o provedor e oficiais acabarem, deixarão sua esmola⁽¹⁹⁾.

2 – CONSTRUÇÃO

2.1 – Possíveis inspiradores do projecto

A capela do Senhor das Barrocas teve origem, conforme vimos, num forte impulso devocional para com um singelo Cruzeiro de caminho; é um dos edifícios religiosos mais elegantes e sólidos de Aveiro, que, sendo entre nós um bem elaborado exemplo do barroco erudito, merece figurar – e de facto figura – na lista dos monumentos classificados oficialmente como imóveis de interesse público. De semelhante gosto e estilo são os templos aveirenses de São Jacinto, da Madre de Deus, dos Santos Mártires e de São Gonçálio, todos anteriores, construídos a partir do terceiro quartel do século XVII; todavia, enquanto estes, de menores dimensões, foram traçados pelo hexágono, o das Barrocas obedeceu à planta octogonal, com a capela-mor saliente e rectangular.

Se a autorização para se construir a capela não demorou muito a ser superiormente concedida, também o início das obras não se atrasou em demasia... sinal de que não houve desânimos no percurso nem faltaram meios materiais para o sonho se tornar realidade. Aliás, dentro do entusiasmo nacional e da política magnânima de el-rei D. João V, Aveiro também se encontrava entusiasmado numa febre de construções, ampliações, beneficiações e restauros, de que os conventos da urbe foram os grandes beneficiários. Efectivamente, o governo de D. João V, em que ao benefício da paz social, ausente dos três reinados anteriores, se veio juntar o suspirado oiro do Brasil, caracterizou-se numa certa riqueza, manifestada em fausto e prodigalidade.

O edifício das Barrocas, na sua arquitectura,

pertence ao barroco dos primeiros anos da época de D. João V⁽²⁰⁾. O Dr. Virgílio Correia e João Augusto Marques Gomes integraram-no no ciclo mafrense – o estilo então dominante em Portugal; o arqueólogo francês Augusto Marcello Dieulafoy, em 1913, considerou-o uma *transcrição neo-clássica muito elegante, dos baptistérios de Pisa e de Florença*; já em 1883, o Dr. Manuel Bernardes Branco, decerto com prudente reserva, tinha emitido tal opinião, apontando-o como uma *recorção pálida e fugitiva* dos mencionados baptistérios, porque, entre tais monumentos, há largas divergências e poucas semelhanças. O Dr. Francisco Ferreira Neves, pelas sensíveis analogias do pórtico das Barrocas com os portais jónicos da fachada e do interior da igreja do Convento de Mafra e com o pórtico exterior e arcos interiores da biblioteca da Universidade de Coimbra, lembrou o nome do próprio mestre mafrense, o alemão italianizado João Ferreira Ludovice (Ludwig), como tendo sido o responsável ou o inspirador do debuxo da capela do Senhor das Barrocas, senão mesmo do seu projecto⁽²¹⁾. O Padre António Nogueira Gonçalves concluiu que o risco é de arquitecto não aveirense: – *O traçado geral e os perfis indicam mão e nível artístico que não é regional*⁽²²⁾.

O Dr. Luís Xavier da Costa, ao referir as construções feitas sob a égide do Rei Magnânimo, citando o edifício da biblioteca e a torre da Universidade de Coimbra, cujo início se verificou, respectivamente, em 1717 e 1728, também os atribuiu ao traço do mestre Ludovice⁽²³⁾. O Prof. Aarão Soeiro de Lacerda, aceitando como premissa a afirmação de Xavier da Costa, por seu turno escreveu: – *Não queremos deixar de aludir ao parentesco que encontramos entre o pórtico da mesma biblioteca e o portal da capela octogonal do Senhor das Barrocas, de Aveiro; as mísulas laterais em que se apoiam os arcos, as colunas jónicas, os frisos têm um ar de parentesco nos dois pórticos, muito diferente porém no coroamento, pois o de Aveiro, com os seus dois frontões – um entrecortado, outro partido – reúne uma decoração escultórica que prova a grande influência dos artistas entalhadores e dos ourives nos lavrantes da pedra*⁽²⁴⁾. Tal parentesco era também tradicionalmente apontado na Escola Livre das Artes de Desenho, de Coimbra.

João Ferreira Ludovice é um dos grandes arquitectos do barroco joanino, cabendo-lhe a responsabilidade na introdução de uma corrente de feição essencialmente romana e já então arcaizante. Nascido à volta de 1670 em Halle, na Alemanha, emigrou para Roma em 1697 e, quatro anos depois, foi contratado pelos jesuítas para vir para Lisboa, com o fim de trabalhar na sacristia da igreja de Santo Antão-o-Novo⁽²⁵⁾. Orientou também o altar-mor (hoje destruído) e o portal da igreja de

S. Domingos, em Lisboa, e a capela-mor da catedral de Évora. A sua maior obra, efectivamente, seria o risco e a direcção, embora parciais, do grandioso Convento de Mafra, projectado à volta de 1714-1715. Morreu em Lisboa no ano de 1752. Não obstante fosse agradável aos aveirenses terem a certeza de que Ludovice pelo menos haveria influenciado o desenho da capela das Barrocas, tal não se pode afirmar categoricamente, tanto mais que ele foi sempre afeiçoado ao classicismo e contrário às pompas ornamentais; o Prof. Reinaldo dos Santos, por exemplo, opinou por João Antunes, arquitecto da Casa Real e das Ordens Militares⁽²⁶⁾.

Na verdade, João Antunes, que viria a falecer em 1734, delineou a igreja de Santa Engrácia, em Lisboa, nos finais do século XVII; projectou o Convento do Lourçal, iniciado em 1690; traçou para o Mosteiro de Jesus o túmulo da Princesa Santa Joana, principiado em 1698 e concluído em 1709; desenhou em 1700 a «Casa do Tesouro da Sé de Braga e Tribuna» – obra identificada como sendo a sacristia actual; e, em 1701, fez a planta da capela do Bom Jesus da Cruz, de Barcelos, em octógono. Não só porque nos primórdios da construção da capela do Senhor das Barrocas o mestre se encontrava em actividade, como também por lhe ser cara a forma octogonal, e ainda por já ter trabalhado para Aveiro, João Antunes aparece-nos como um dos possíveis concorrentes à idealização do projecto das Barrocas; isto mesmo ser-lhe-ia gratificante, uma vez que já havia diversos templos poligonais, tanto na Vila como na sua região.

Mas, neste capítulo de atribuições, não se fica por aqui. Quanto à ornamentação dos portais, é também crível que esta possa ter a mão ou a ajuda de Cláudio Laprade, escultor francês que trabalhou na Vista Alegre, no túmulo do Bispo de Miranda D. Manuel de Moura Manuel, falecido em 1699, e na grande imagem de Nossa Senhora da Penha de França, que está na frontaria da capela; o mesmo artista esteve em Coimbra, onde executou as estátuas das Faculdades, o pórtico decorativo e as sobreportas dos Gerais; mais tarde, em 1729, fez para a Sé do Porto os modelos das quatro imagens do altar-mor. No caso de se haver verificado o seu conselho na obra das Barrocas, Laprade teria amenizado a nudez da forma arquitectónica da capela, enriquecendo os pórticos com artísticos frontões.

Recordei três nomes de insígnies mestres arquitectos, coevos à feitura da capela do Senhor das Barrocas. Terão eles – ou qualquer deles – feito o desenho inicial ou, pelo menos, dado o seu prestimoso conselho ao autor do projecto? Não sabemos. Contudo, uma certa tradição popular local, recolhida e transmitida por Rangel de Quadros,⁽²⁷⁾ garante que o arquitecto, enquanto dirigiu os trabalhos, morou num edifício, grande e de boa aparência, situado perto da capela de Nossa Senhora da Alegria; *ouvi dizer* – declara este aveirógrafo – *que era das proximidades de Coimbra e que havia casado em Aveiro, na época da construção da mesma obra*⁽²⁸⁾. Essa tradição até adiantava que uma tal Joaquina da Silva ou Joaquina Rosa de Jesus – vulgarmente conhecida por Joaquina



Capela do Senhor das Barrocas (exterior)

da Juliana ou Joaquina de Sá – era uma das suas descendentes; esta senhora, que habitava aquela casa, prestou grandes serviços ao templo das Barrocas, cuidando da limpeza e guardando as chaves⁽²⁹⁾. De facto, terá vindo de Coimbra o arquitecto e mestre de obras?

2.2 – Gaspar Ferreira

Conforme terei ocasião de referir, em 1730 aparece-nos um certo Gaspar Ferreira como autor da planta e dos apontamentos para a feitura de importantes trabalhos de carpintaria. Com tal premissa, pode concluir-se que Gaspar Ferreira não seria apenas um arquitecto ou mestre de obras casual no processo das Barrocas, mas seria alguém que acompanhou a execução dos trabalhos, tendo responsabilidade no seu andamento – quiçá mesmo no seu projecto, certamente influenciado ou industriado por um arquitecto ou arquitectos de boa reputação, granjeada no meio artístico conimbricense.

Em face desta conclusão ou suposição, uma pergunta paira, desde já, ao nosso espírito: – Quem era Gaspar Ferreira?

Tendo nascido na freguesia de Santa Justa, de Lisboa, em cuja igreja foi baptizado em 23 de Janeiro de 1689, Gaspar Ferreira era filho de Manuel Ferreira, mestre entalhador, natural da freguesia de Cabeçudos, actualmente do concelho de Vila Nova de Famalicão, e de Ana Maria, natural da freguesia de Sant'Ana, de Lisboa⁽³⁰⁾. Numa primeira vez, em 17 de Setembro de 1708 casou na dita freguesia de Santa Justa com violante Teixeira, natural da freguesia de Caramos, do concelho de Felgueiras;⁽³¹⁾ enviuvando em 18 de Maio de 1735, voltaria a consorciar-se em 1738 com Joaquina Luísa, também natural da mesma freguesia de Santa Justa⁽³²⁾. Residindo primeiramente em Lisboa, às Portas de Santo Antão e depois ao Poço de Borratém, em frente da Betesga, por fim foi para Coimbra, fixando-se no bairro de Montarroio, onde, já em Novembro de 1716, lhe nasceu o filho José;⁽³³⁾ refere-se como tendo a profissão de *meirinho do Real Isento de Santa Cruz*, e assim aparece até 1720, data em que se começa a registar como *entalhador*⁽³⁴⁾.

Quando já contava quarenta e quatro anos de idade, sobre ele testemunharia, em depoimento de 8 de Maio de 1733, o Dr. Inácio Bernardes, notário do Santo Ofício, residente em Coimbra e seu vizinho desde há cerca de quinze anos, no bairro de Montarroio: – *Gaspar Ferreira é pessoa de boa vida e costumes e tem juízo e capacidade para servir ao Santo Ofício na ocupação de familiar, e que dará boa conta dos negócios de suposição e segredo que lhe forem encarregados, que sabe ler e escrever e se trata limpamente com bom tratamento pelo muito que ganha pelo seu ofício de*

mestre de obras, e que não sabe que tenha bens alguns⁽³⁵⁾. Manuel Ribeiro, na mesma ocasião, acrescentaria que o candidato efectivamente não possuía bens de raiz, *mais do que umas casas em Montarroio, desta cidade de Coimbra*.⁽³⁶⁾

Gaspar Ferreira assim nos aparece a residir em Coimbra, precisamente na época em que estava para começar a construção da biblioteca da Universidade, autorizada por D. João V em documento de 31 de Outubro de 1716; iniciadas as obras em 14 de Agosto do ano seguinte pelo empreiteiro João Carvalho Ferreira, de Celas, que nessa altura se responsabilizava por trabalhos na Universidade, a biblioteca é um belo edifício de linhas neo-clássicas, singularmente sumptuoso e equilibrado⁽³⁷⁾. Apesar de se indicar frequentemente o nome de Ludovice, *desconhece-se quem foi o autor do projecto, mas quem o fez executar foi o Arquitecto Gaspar Ferreira, então mestre permanente das Obras da Universidade e autor da traça das construções que se iam fazendo em todas as igrejas de padroado universitário* – segundo anota o Dr. Pedro Dias⁽³⁸⁾. Totalmente executada por artistas portugueses, o seu interior impressiona pela harmonia e distinção, onde sobressaem os tectos pintados, os arcos decorados e as estantes de talha em azul, vermelho e ouro. *Uma grandiosa livraria, com grandioso pórtico e magnífico edifício que, enquanto ao material, por fora e por dentro, está acabado* – anotava, em 1733, Bernardo de Brito Coelho que, prevendo-a já concluída, não tinha dúvida em asseverar: – *Será uma das maravilhas da Europa*⁽³⁹⁾. Colaborando com os carpinteiros Manuel da Silva e Gaspar de Sequeira, e ainda com os entalhadores João da Costa e Bento Vieira, Gaspar Ferreira trabalhou pessoalmente na execução das referidas estantes, as quais, na decoração do espaço arquitectónico, contribuem para que este seja *um dos mais belos ambientes barrocos de Portugal*⁽⁴⁰⁾ – o que levou o Conde Atanásio

Raczynski, diplomata prussiano e crítico de arte, a afirmar que esta biblioteca *é a mais bela, a mais ricamente decorada que até hoje visitei*⁽⁴¹⁾.

Todavia, não se limitaram a esta as intervenções conhecidas de Gaspar Ferreira. Em 10 de Junho de 1722, por exemplo, serviu de testemunha num *contrato de obrigação que fez Calisto de Barros de fazer o órgão na Santa Sé desta Cidade*⁽⁴²⁾. Posteriormente, compromete-se, por instrumentos notariais, a executar as seguintes obras: – em 11 de Janeiro de 1723, o retábulo de Nossa Senhora da Conceição, da freguesia de S. Pedro, em Coimbra;⁽⁴³⁾ em 8 de Março de 1724, a reparação de uma das casas do Cônego Prebendado João de Lacerda Coutinho;⁽⁴⁴⁾ e em 7 de Novembro de 1724, um órgão por incumbência do Cabido de Coimbra, *segundo a planta e na forma que se acha feita (...) com toda a miudeza e perfeição que pode dar*.⁽⁴⁵⁾

Em Agosto e Setembro de 1727, Gaspar Ferreira andava totalmente ocupado a *assistir e desenhar a mudança do órgão* na igreja do Mosteiro de Lorvão, por cujo trabalho recebeu os honorários de vinte mil réis,⁽⁴⁵⁾ depois de haver feito o *risco para a nova caixa e sua implantação no templo*⁽⁴⁷⁾. Efectivamente, a *intervenção de Gaspar Ferreira e de entalhadores vindos da biblioteca da Universidade de Coimbra asseguravam que o seu aspecto devia contribuir também decisivamente para o fausto do interior sagrado*⁽⁴⁸⁾. Dessa forma, entre os trabalhos planeados e dirigidos por Gaspar Ferreira, pode considerar-se esta obra como a primeira em importância, dado que, reformado em profundidade, o órgão de Lorvão ficou como novo.

Em consequência, outros serviços viriam a ser entregues pelas monjas ao talentoso mestre de obras que, ajuizando-se sobre o seu valor, a si próprio se promoveu à categoria de arquitecto, sem jamais se esquecer da sua formação de entalhador. Na realidade, através do «Livro de Despesa» do Mosteiro, referente aos anos de 1730-1733, ainda se conclui que as religiosas se abalançaram a obras de envergadura no conserto da varanda do claustro, que ameaçava ruína. *Envolveram trabalhos de carpintaria e de pedraria, com vista à consolidação e melhor segurança, uma vez que se requereram a utilização de gatos de ferro, chumbo, cal e areia; foi mesmo refeita uma coluna. Dirigiu os trabalhos Gaspar Ferreira que, no futuro e por diversas vezes, voltaria a Lorvão para dar a sua opinião ou orientação, mesmo que apenas fosse para reparar uma parede arruinada, como aconteceu em 1733*⁽⁴⁹⁾.

Por estas alturas, o Cabido da Sé de Viseu, por arrematação, deu a Francisco Machado, do couro de Landim, por um milhão e trezentos mil réis, a feitura do retábulo-mor da catedral, segundo a traça do arquitecto lisbonense, Santos Pacheco, que também delineou a talha de iguais trabalhos para a igreja de S. Miguel de Alfama e para a catedral do Porto. Concluída a obra de Viseu em 1731, esta foi examinada por dois entalhadores portuenses, Luís Pereira da Costa e Miguel Francisco da Silva, e ainda por Gaspar Ferreira. Por não se encontrar nas devidas condições, o retábulo, simplesmente rejeitado pelos peritos, teve que ser refeito por Francisco Machado, sendo-lhe descontado o dinheiro que até aí havia recebido. Transcreve-se a ordem de pagamento em favor do mestre coimbrão, pela sua deslocação e respectiva vistoria: — *Por uma provisão (do Cabido) de 11 de Julho de 1731, em que se mandou dar dezasseis mil e oitocentos réis ao mestre entalhador Gaspar Ferreira, da cidade de Coimbra, pelo trabalho que teve de vir rever o retábulo da capela-mor da nossa Sé.... 16\$800*⁽⁵⁰⁾.

Na época em que realizou as primeiras intervenções em Lorvão, andava ele empenhado em con-

seguir o estatuto de familiar do Santo Ofício, não tanto por causa dos lucros — pois a função era exercida gratuitamente — mas pelos privilégios que lhe estavam inerentes, dando à pessoa um certo valimento social. Com efeito, em 5 de Setembro de 1732, apresentou o requerimento para se instaurar o processo, manifestando ter *grande desejo de servir ao Tribunal do Santo Ofício na ocupação de familiar*.⁽⁵¹⁾ Seguiram-se, nas terras em que ele e sua mulher moraram, bem como de seus pais e avós, os minuciosos depoimentos de numerosas testemunhas, que incidiram, como era habitual, sobre os seguintes pontos: — se o candidato, por si e pelos seus pais e avós, era legítimo e inteiro cristão velho, limpo e de limpo sangue e geração, sem raça nem descendência de judeu, mouro, mourisco, negro, mulato, nem de outra alguma infecta nação das reprovadas em direito contra a nossa santa Fé Católica, e se por legítimo e inteiro cristão velho era e foi sempre tido, havido e geralmente reputado, sem haver fama e rumor em contrário; se tinha sido preso ou penitenciado pelo Santo Ofício ou havia incorrido em alguma infâmia pública ou pena vil, de feito ou de direito, ou descendesse de quem as tivesse incorrido; se era pessoa de boa vida e costumes e tinha juízo e capacidade para servir ao Santo Ofício no cargo



Capela do Senhor das Barrocas
(interior)

de familiar, e se daria boa conta dos negócios de que fosse encarregado, se sabia ler e escrever, se se tratava limpamente com bom tratamento, que bens tinha de seu e quanto de rendimento em cada ano, e que idade representava ter; se o candidato ou a sua mulher tinham sido alguma vez casados e, em caso afirmativo, se lhes ficaram filhos, quantos eram, como se chamavam seus pais e avós paternos e maternos, e donde são naturais e moradores. Terminado o complicado processo e examinadas todas as peças, Gaspar Ferreira viu satisfeita a sua aspiração, obtendo uma sentença favorável em 11 de Junho de 1733, pelo que lhe foi passada a respectiva carta de familiar em 10 do mês de Julho seguinte.⁽⁵⁰⁾

O antigo Hospital Real, também conhecido por Hospital Velho ou de Nossa Senhora dos Campos, em Montemor-o-Velho, deve a sua fundação a el-Rei D. Manuel I, em 1504; tendo sido remodelado nos meados do século XVIII, o edifício ostenta uma fachada erguida em 1752-1755, cuja planta e respectivos apontamentos ficaram a dever-se ao Arquitecto Gaspar Ferreira, que também se encarregou da direcção da obra. Em livros arquivados no dito Hospital, referentes ao ano de 1752, encontra-se o registo das despesas com a deslocação do mestre, de Coimbra a Montemor, *para tomar medidas para a mesma obra, nove mil e seiscentos réis*, com os honorários de fazer o *risco principal para a dita obra, doze mil e oitocentos réis*, e ainda com a remuneração para efeito de *dirigir a obra, nove mil e seiscentos réis*.⁽⁵¹⁾

Além da reforma do órgão da igreja do Mosteiro da Santa Cruz, coadjuvando Frei Manuel de S. Bento Gomes,⁽⁵⁴⁾ outros trabalhos Gaspar Ferreira realizou em Coimbra. No Mosteiro novo de Santa Clara, em princípios do século XVIII, ainda estava por construir o claustro, a enfermaria e as casas da portaria. *A quadra do claustro, de enormes dimensões, é um verdadeiro claustro real; dentro das naves, tem-se a sensação de peso e robustez, mas no pátio aberto a harmonia arquitectónica depressa desvanece esta impressão; a sua concepção é justificadamente atribuída ao arquitecto Carlos Mardel, tendo sido Gaspar Ferreira o mestre de obras, que decorriam em 1737*⁽⁵⁵⁾ – ano em que ele assinava mandados de pagamento.⁽⁵⁶⁾ Decorridos vinte e quatro anos, ao mesmo Gaspar Ferreira, por ordem de 20 de Outubro de 1761, mandava-se que dirigisse a construção da nova portaria, da zona habitacional e de serviços, segundo o plano do referido Carlos Mardel, que, sendo originário da Hungria, havia chegado a Portugal em 1733 e aqui viria a falecer em 1763.⁽⁵⁷⁾ Na sua carteira de serviços prestados, Gaspar Ferreira inscreveu a capela do Senhor das Barrocas; para orientar a obra, viveu em Aveiro durante alguns períodos de tempo.

Pelo atrás referido processo para familiar do

Santo Ofício, sabe-se ter tido aqui um filho ilegítimo. Inicialmente, Gaspar Ferreira sonegara esta circunstância, para que a sua mãe não perdesse a boa reputação de que gozava; mas, dada a suspeita do facto, acabou por confessar ao Tribunal o que tinha acontecido, *pedindo a Vossa Senhoria se sirva ordenar – escreveu – se proceda à habilitação dele com cautela que a dita mãe não perca*⁽⁵⁸⁾. Na verdade, sucedera que o mestre da capela das Barrocas caiu na tentação de amores adulterinos com Luísa Maria de Gouveia, filha de Sebastião Monteiro, alfaiate, e de Madalena Gouveia, residentes na Rua dos Tavares, da freguesia de S. Miguel,⁽⁵⁹⁾ a qual fora baptizada em 4 de Novembro de 1703.⁽⁶⁰⁾ Vendo-se grávida, e antes que a notícia fosse do domínio público, Luísa Maria ausentou-se para uma quinta dos arredores de Coimbra, onde deu à luz um menino que, exposto na roda dessa cidade, seria baptizado como enjeitado em 14 de Setembro de 1727, na igreja de Santa Cruz, dando-se-lhe o nome de Maurício; oficiou o Padre Pedro Nunes e foram padrinhos Manuel da Cunha e a rodeira Maria Ribeira.⁽⁶¹⁾

Mais tarde, em 8 de Maio de 1733, num depoimento para o tribunal do Santo Ofício, a mencionada rodeira dos enjeitados, moradora no bairro do Montarroio, nas casas onde estava a dita roda, diria que o próprio Gaspar Ferreira *lhe confessou em segredo que um menino chamado Maurício, que ela testemunha criou por se enjeitar na roda em que ela ainda assiste, era seu filho, o qual terá seis anos de idade, e furtando-lho de casa, lhe consta o tem o dito Gaspar Ferreira em a freguesia de Eixo, em casa de João da Costa, pedreiro, e não sabe quem seja a mãe do dito menino, só ouviu que era da vila de Aveiro, e ninguém mais dele tem notícia*⁽⁶²⁾. Por seu turno, Pedro Rodrigues, sapateiro, marido da referida Maria Ribeira, sendo mais explícito e concreto, acrescentaria ter tido conhecimento de quem era o pai da criança *por lhe dar uma mulher de Semide*. Perante isto, o mesmo Pedro Rodrigues se resolveu a falar nele ao dito Gaspar Ferreira, o qual, ainda que ao princípio negou, veio depois a confessar-lhe por muitas vezes que era seu filho; *algumas cousas lhe dava, e algumas vezes também pediu a ele testemunha que lho levasse a amostar, porque tinha saudades de o ver, e ajustou também com ele testemunha que lho havia de tirar de casa por modo de furtado, para que não se descobrisse quem era seu pai – o que, com efeito, fez, e depois lhe disse o pusera em a freguesia de Eixo, em casa do dito João da Costa, mestre de pedreiro; porém não sabe ele testemunha quem é a mãe do dito menino, só a mulher do dito João da Costa disse que ela era da vila de Aveiro, e que só ele testemunha e sua mulher sabem nesta cidade que o dito Gaspar Ferreira tem este filho, e a nin-*

guém o comunicaram, por ele lhe recomendar segredo, e por isso lhe parece será impossível averiguar nesta terra quem é a sua mãe⁽⁶³⁾.

Interrogadas diversas pessoas de Aveiro sobre a mãe – a tanto chegavam as minúcias do processo inquisitorial – estas concordavam, pelo ouvi dizer, que a mãe era a dita Luísa Maria de Gouveia, que, em certa altura se ausentara da vila e fora para uma quinta da cidade de Coimbra e lá parira uma criança e se dizia que era de Gaspar Ferreira, mestre de obras, morador na cidade de Coimbra – criança que estas testemunhas não sabiam se era morta ou viva⁽⁶⁴⁾. Como simples curiosidade, Gaspar Ferreira aparece como padrinho, em Aveiro, de um outro Maurício, nascido em 28 de Julho de 1730, e baptizado na matriz de S. Miguel em 6 de Agosto seguinte, filho de José Monteiro, alfaiate – irmão de Maria Luísa de Gouveia – e de sua mulher, Mariana Francisca, moradora na Rua dos Tavares; o neófito era, portanto primo do filho bastardo de Gaspar Ferreira⁽⁶⁵⁾. Por esta circunstância, torna-se fácil concluir que, apesar do que acontecera, as relações amistosas com tal família aveirense não tinham sido interrompidas.

Continuando a residir em Montarroio, na cidade de Coimbra, Gaspar Ferreira, como já recordámos – prosseguiu nas suas intervenções artísticas, após o trabalho de Aveiro. Sabemos, porém, que não sobreviveu durante muito tempo ao compromisso da portaria do Convento Novo de Santa Clara; de facto, acabaria por falecer um ano depois, conforme anota o respectivo registo de óbito: – *Em vinte de Outubro de mil setecentos sessenta e dois, faleceu com todos os sacramentos Gaspar Ferreira, viúvo que ficou de Violante Teixeira e agora casado com Joaquina Luísa; foi sepultado na Capela da Senhora da Conceição de S. Francisco da Ponte, para onde foi levado no esquife da Ordem Terceira e amortalhado no hábito de S. Francisco; teria a idade de setenta e três anos; fez testamento, no qual deixou sua mulher por testamenteira; de que fiz este termo que assinei; era ut supra. as) O Cura Francisco da Cruz*⁽⁶⁶⁾.

Nas Barrocas, o hábil mestre de obras, entalhador e arquitecto revelar-se-ia nas suas qualidades de artista de elevado nível; não terá desmerecido da confiança nem defraudado as expectativas que nele haviam depositado o Cónego Dr. Manuel Moreira Rebelo e os homens de Sá. O templo, cujo traço inicial logo em muito ultrapassou a pequena capela de Nossa Senhora da Piedade, ficaria entre nós como um magnífico exemplar do estilo joanino na arte portuguesa; de tal forma se pode dizer notável que o Dr. Carlos de Passos não duvidou classificá-lo como *um dos monumentos mais interessantes de Aveiro e o seu mais agradável e coerente exemplar de arquitectura*⁽⁶⁷⁾.

2.3 – Da primeira pedra à bênção litúrgica

Para se assentar a capela, os construtores tiveram de nivelar o sítio, arrasando parte do vale e abaixando a encosta; o muro transversal, exigido pela necessidade, serve de anteparo às terras deslocadas. Mesmo assim, o edifício implantou-se num plano superior em relação ao velho caminho, que de Aveiro seguia para Esgueira.

A cerimónia da bênção e da colocação da primeira pedra para o início da construção do templo das Barrocas realizou-se no mês de Novembro de 1722, com grande solenidade e com a participação de muitas pessoas. Contudo, quanto ao dia, são apontadas duas datas.

O Padre Manuel Teixeira, que foi cura ou coadjutor do pároco da freguesia de Santo André de Esgueira, numa nota que, por seu punho, escreveu no fim de um exemplar impresso das «Constituições Synodales do Bispado de Coimbra» e que pertenceu a ele ou à paróquia, regista o seguinte: – *Em 8 do mês de Novembro de mil e setecentos e vinte e dois anos, dia Domingo, pelas duas horas para as três da tarde, se lançou a primeira pedra na capela do Senhor Santo Cristo das Barrocas, o que fez o Deão da nossa Sé de Coimbra Luís Pereira de Sampaio, que veio só assim com outro Cónego o Dr. Manuel Moreira Rebelo, sendo Sé Vacante por morte do Sr. Bispo D. António Vasconcelos, que Deus haja; em fé do que assino.*⁽⁶⁸⁾

Por seu lado, o periódico «Gazeta de Lisboa Occidental», na sua edição de 24 de Dezembro de 1722⁽⁶⁹⁾, referia-se ao acto, nestes termos: – *Escreve-se da Vila de Aveiro serem inumeráveis as maravilhas que Deus Nosso Senhor obra pela milagrosa Imagem do Santo Cristo das Barrocas, onde concorrem os moradores de todo o Reino a pedir-Lhe mercês; pelo que se resolveu a fundar uma igreja onde possa ser colocada com mais decência, e quem, em 15 do mês de Novembro passado, lançara a primeira pedra fundamental, com todas as cerimónias que dispõe o Cerimonial Romano, o Rev. Deão de Coimbra, com todo o Cabido daquela Cidade, a cujo acto (que foi mui solene) assistiram todas as Comunidades Religiosas e Nobreza da mesma Vila, levando a dita pedra em um notável andor os Rev. Prior do Convento de S. Domingos e Guardião dos Capuchos com dous Religiosos Terceiros da Ordem de S. Francisco.*

Transcrevo os dois apontamentos coevos, sem fazer qualquer comentário. Qual terá sido o dia certo?...

Principiados os trabalhos, desde logo se ia verificando que a arquitectura, apesar de sóbria, era tratada com segurança, cuidado e largueza. Do chão, nasceu um octógono irregular, porque os lados do eixo principal e do perpendicular eram

maiores do que os outros; e nascia também o rec-tângulo da capela-mor e da sacristia. O alçado era apurcado por dezasseis pilastras angulares de pedras esquadriadas que, unidas duas a duas, sustentariam o entablamento dórico. Acima da cornija, no corpo principal, lançar-se-ia a cúpula, de tijolo, repartida em oito sectores, logo coberta pelo telhado. À altura das janelas, às quais dava servidão, deixava-se uma galeria interior a toda a volta, que não foi completada por grade de ferro. No cimo das paredes, rente ao beiral, construiu-se um varandim, defendido por um parapeito lítico. Uma escada em caracol, lançada dentro da própria parede, daria acesso não só a um dos púlpitos como também à galeria e ao varandim; o outro púlpito seria servido por escada semelhante.

Do alto da capela, junto ao telhado, goza-se um panorama surpreendente. Lá em baixo estende-se o emaranhado de canais e esteiros da ria; aqui perto, o casario de uma Cidade em progresso e a verdura dos campos que a rodeiam; mais longe, as dunas de areia, a barra, o farol e o mar; ao largo, a perder de vista, as povoações dos concelhos das Murtosa, de Estarreja e de Albergaria-a-Velha, as montanhas da Freita, do Arestal, do Caramulo e do Buçaco, e a paisagem chã de Ilhavo, Vagos e Mira, até à serra da Boa-Viagem. E, quando o tempo é sereno e o céu está límpido, no entardecer, é belo assistir-se, da altura do Senhor das Barrocas, ao espectáculo único do pôr-do-sol sobre as águas salgadas do vasto Oceano.

A construção da capela fez-se, na sua grande parte, com as ofertas dos devotos e dos romeiros, que constantemente se acercavam da Imagem de Cristo, atraídos pela fama dos seus favores. Mas não só; também concorreram para custear a despesa os crescimentos das massas das sisas. Em Aveiro, com os sobejos das sisas cobradas pela Câmara Municipal, conseguiram-se fundos para se abrir a estrada que vai para Aradas, para se lançarem as pontes do Cojo e da Praça e para se auxiliarem grandemente, além de outras edificações, as da igreja da Misericórdia, do Recolhimento de S. Bernardino e da capela das Barrocas. Tirada a quantia pertencente ao Estado, o restante era dividido em duas partes: uma revertia também a favor do Estado e a outra era aplicada em melhoramentos locais, depois de obtida a licença régia.

As obras foram prosseguindo a olhos vistos. Chegada a oportunidade de fechar a capela e já na perspectiva da sua auspiciosa conclusão, a Confraria do Senhor das Barrocas, que então havia sido constituída, em reunião efectuada na capela de Nossa Senhora da Alegria, no dia em 24 de Abril de 1730, cuja acta foi oficializada por escritura notarial de 5 de Maio seguinte, deliberou que se fizesse a obra das portas da dita igreja e sanefas de toda a obra, caixões da sacristia, portas da tribuna e dos púlpitos, tudo de madeira pre-

ciosa e com o melhor feito e primor da arte, assim como pedia a grandeza da obra da igreja, para o que se tinha mandado fazer planta e apontamentos pelo mestre Gaspar Ferreira, cuja planta e apontamentos foram apresentados na mesma Mesa. Estando presente na reunião, o mestre Gaspar Ferreira declarou que na Vila de Aveiro e mais vizinhanças não havia mestre que pudesse fazer a dita obra na forma da planta e apontamentos, senão o mestre José da Silva, residente em Aveiro, que se comprometeu na execução de toda a referida obra de carpintaria até ao dia 30 de Setembro do mesmo ano de 1730, pela importância de quatrocentos e oitenta mil réis, com a obrigação de ser vista e examinada à sua custa pelos melhores mestres, fornecendo-lhe a Confraria as ferragens necessárias.⁽⁷⁰⁾

Terminados os trabalhos – embora não totalmente – marcou-se a data da inauguração e da bênção litúrgica do novo templo, precedida por um tríduo de festas. Em 16 Novembro de 1732, sob a presidência do já referido aveirense Cónego Dr. Manuel Moreira Rebelo, investido da delegação do Bispo Governador e Vigário Capitular de Coimbra, realizaram-se as festivas cerimónias religiosas. Feita a trasladação da imagem de Cristo crucificado, procedeu-se à sua colocação definitiva no respectivo camarim da capela-mor, depois de uma solene procissão que, saindo da capelinha de madeira, percorreu algumas artérias de Aveiro.⁽⁷¹⁾

J. Gaspar

NOTAS:

- (1) — RANGEL DE QUADROS, *Aveiro – Apontamentos Históricos* – III, pg. 103
- (2) — Nessa época, este regato, com seu vale, era a divisória entre Esgueira e Sá
- (3) — *Tradução*: – Santo Deus, Santo Senhor, Santo Imortal, tem piedade de nós + Cristo, permaneçei connosco
- (4) — Por provisão de 15-1-1742
- (5) — Vd. JORGE HUGO PIRES DE LIMA, *O Distrito de Aveiro nas habilitações do Santo Ofício*, na revista *Arquivo do Distrito de Aveiro*, XXXV, 1969, pg. 76. Vd. RANGEL DE QUADROS, *Aveirenses Notáveis* – I, Manuscritos, pg. 229
- (6) — Hoje, Rua do Dr. António Cristo
- (7) — Cit. e transc. por MARQUES GOMES, *Subsídios para a História de Aveiro*, 1899, pg. 122-123
- (8) — Arquivo Nacional da Torre do Tombo, *Chancelaria de D. Afonso VI, Doações*, Livro 26, fl. 427 v.
- (9) — Vd. FORTUNATO DE ALMEIDA, *História da Igreja em Portugal* – Nova edição – II, pgs. 185-186; MANUEL GONÇALVES DA COSTA, *História do Bispado e Cidade de Lamego*, III, 1982, pgs. 375-376; PADRE DAVID DO CORAÇÃO DE JESUS, O.C.D., *A Reforma Teresiana em Portugal*, 1962, pgs. 136-139
- (10) — *Gazeta de Lisboa Occidental*, n.º 47, 20-11-1721, pg. 376
- (11) — Tinha sido Bispo de Angola, de 1701 a 1713, e faleceu em Coimbra, donde era natural, em 30 de Março de 1733 (Vd. FORTUNATO DE ALMEIDA, *História da Igreja em Portugal* – nova edição – II, pgs. 608 e 693)
- (12) — Arquivo da Universidade de Coimbra, Instituições Pias, Caixa III, Documento 17 – Barrocas – Ano de 1721, fl. 10
- (13) — Arquivo da Universidade de Coimbra, id., fl. 2. A escritura está no processo canónico, fls. 6-8

- (14) — Capela hoje vulgarmente conhecida com o nome de Nossa Senhora do Álamo, em Esigueira; a Capela do Senhor das Barocas, porém, excedeu em muito o tamanho e a arte da de Nossa Senhora da Piedade
- (15) — Arquivo da Universidade de Coimbra, id., fls. 4-5
- (16) — Arquivo da Universidade de Coimbra, id., fl. 13
- (17) — Arquivo da Universidade de Coimbra, id., fl. 31
- (18) — Id.
- (19) — Arquivo da Universidade de Coimbra, id., fl. 35
- (20) — Reinou em Portugal desde 1706 até 1750
- (21) — Vd. ALBERTO SOUTO, *Aveiro*, 1952, pgs. 22-23; CARLOS DE PASSOS, em «Guia de Portugal — III — Beira — I, Beira Litoral», 2.^a edição, 1984, pg. 495
- (22) — ANTÓNIO NOGUEIRA GONÇALVES, *Inventário Artístico de Portugal — VI — Distrito de Aveiro — Zona Sul*, 1934, pg. 146
- (23) — O edifício da Biblioteca de Coimbra foi construído entre 1717 e 1725 e a torre entre 1728 e 1733
- (24) — Na *História de Portugal*, edição de Damião Peres — Eleutério Cordeiro, VI, pgs. 574-575
- (25) — Hoje, Capela do Hospital de S. José
- (26) — *História da Arte em Portugal*, III, 1953, pgs. 50 e 53; vd. também CARLOS DE PASSOS, ob. cit., pg. 496
- (27) — Nascido em 1842 na cidade de Aveiro e aqui falecido em 1918
- (28) — RANGEL DE QUADROS, ob. cit. pg. 123
- (29) — Id.
- (30) — Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Arquivo Distrital de Lisboa, Freguesia de Santa Justa (Lisboa), *Livro dos Baptismos* que começa no ano de 1682, fl. 129
- (31) — Id., *Livro dos Casamentos* que começa no ano de 1700, fl. 241
- (32) — Arquivo Distrital de Coimbra, Freguesia de Santa Cruz (Coimbra), *Livro dos Óbitos de 1707-1795*, 1.^o livro incorporado de 1707 a 1748, fl. 78 v. (óbito de Violante Teixeira); JORGE HUGO PIRES DE LIMA, *O Distrito de Aveiro nas habilitações do Santo Ofício*, na revista *Arquivo do Distrito de Aveiro*, XXXI, 1965, pg. 201
- (33) — Arquivo Distrital de Coimbra, Freguesia de Santa Cruz (Coimbra), *Livro dos Baptismos de 1626-1726*, fl. 54; o José foi baptizado em 22-11-1716
- (34) — Id., *Livro dos Baptismos* cit., fls. 78 v., 85 v., 89, 92, 96 e 143, onde ele, dito «entalhador», e/ou a sua mulher são padrinhos de Baptismo. Também em 19-3-1721 e em 19-10-1722, foram baptizados em Santa Cruz mais dois filhos de Gaspar Ferreira e de Violante Teixeira, João e António (Vd. id., mesmo livro, fls. 93 v. e 107)
- (35) — Arquivo Nacional da Torre do Tombo, *Habilitações do Santo Ofício*, Maço 8, N.^o 184 (1733 — Gaspar Ferreira), fl. 186 v.
- (36) — Id., fl. 188
- (37) — VIRGÍLIO CORREIA E NOGUEIRA GONÇALVES, *Inventário Artístico de Portugal — II — Cidade de Coimbra*, Lisboa, 1947, pag. 105, 2.^a ed.
- (38) — PEDRO DIAS, *Coimbra — Arte e História*, Porto, 1983, pg. 33
- (39) — Em *História Breve de Coimbra...*, cit. por Manuel Augusto Marques, *A Universidade de Coimbra e os seus Reitores — Para uma história da Instituição*, Coimbra, 1990, pg. 133
- (40) — NELSON CORREIA BORGES, *Coimbra e a sua Região*, Lisboa, 1987, pag. 105, 1.^a col.
- (41) — Cit. por Manuel Augusto Marques, ob. cit., pg. 141
- (42) — Arquivo da Universidade de Coimbra, *Notariado*, Livro n.^o 175, fls. 59-60
- (43) — Id., Livro n.^o 177, fls. 51-52 v.
- (44) — Id., Livro n.^o 184, fls. 26 v. -34
- (45) — Id., Livro n.^o 182, fls. 10-11 v.
- (46) — Arquivo Nacional da Torre do Tombo, *Lorvão*, N.^o 395, fls. 25 v. -27 (Setembro de 1727; aqui se discriminam os honorários e os materiais referentes à obra do órgão, no total de 371\$180 réis. Vd. NELSON CORREIA

BORGES, *Arte Monástica em Lorvão — Sombras e Realidades — I — Das Origens até 1737*, Coimbra, 1992, pags. 611-613, em nota

(47) — NELSON CORREIA BORGES, ob. cit., pag. 610

(48) — Id., pg. 618

(49) — Id., pgs. 325-326. Vd. Arquivo Nacional da Torre do Tombo, *Lorvão*, N.^o 453, fl. 160 v.; N.^o 491, fls. 124-124 v. e 128, Doc. 61; e N.^o 453, fl. 160 v.. A despesa com a varanda e com a caixa do órgão ascendeu a 379\$850 réis (A.N.T.T., *Lorvão*, N.^o 405, fl. 86 v.)

(50) — Arquivo Distrital de Viseu, *cabido da Sé — Mitra de Viseu*, Livro n.^o 8 / 402, fl. 40

(51) — Arquivo Nacional da Torre do Tombo, *Habilitações do Santo Ofício*, Maço 8, N.^o 184 (1733 — Gaspar Ferreira), fl. 2

(52) — Id., última folha e capa (sem num.)

(53) — Cit. por AUGUSTO NUNES PEREIRA, *Curiosidades de Montemor-o-Velho — VI — O Arquitecto Gaspar Ferreira e a frontaria do Hospital Velho*, na revista *Renascença*, Ano V, n.^o 94, Lisboa 15/2/1935, pags. 14-15

(54) — NELSON CORREIA BORGES, id., pg. 611

(55) — NELSON CORREIA BORGES, *Coimbra e a sua Região*, Lisboa, 1987, pg. 75, 2.^a col.

(56) — VIRGÍLIO CORREIA E NOGUEIRA GONÇALVES, *Inventário Artístico de Portugal — II — Cidade de Coimbra*, Lisboa, 1947, pg. 75, 2.^a col.

(57) — REINALDO DOS SANTOS, *História da Arte em Portugal — III*, Porto, 1953, pg. 62

(58) — Arquivo Nacional da Torre do Tombo, *Habilitações do Santo Ofício*, Maço 8, N.^o 184 (1733 — Gaspar Ferreira), fl. 195 v.

(59) — Sebastião Monteiro e Madalena de Gouveia casaram, em 15-8-1690, na igreja matriz de S. Miguel, Aveiro (Arquivo Distrital de Aveiro, *Registo Paroquial*, Freguesia de S. Miguel, fl. 11 do respectivo livro)

(60) — Arquivo Distrital de Aveiro, *Registo Paroquial*, Freguesia de S. Miguel (Aveiro), Livro n.^o 7, Baptismos, fl. 167. Depois do nascimento de José — que mais tarde referirei — baptizado em 14-11-1699 (Arquivo cit. *Registo Paroquial* cit. freguesia cit., Livro cit., fl. 98 v.), nasceu ao casal uma menina, a qual foi dado o nome de Luísa (id., fl. 142 v.), mas que acabou por falecer ainda criança. O texto refere-se à sua irmã, nascida posteriormente, que recebeu o mesmo nome da falecida.

(61) — Arquivo Distrital de Coimbra, Freguesia de Santa Cruz (Coimbra), *Livro de Baptismos de 1726-1764*, fl. 17

(62) — Arquivo Nacional da Torre do Tombo, *Habilitações do Santo Ofício*, Maço 8, N.^o 184 (Gaspar Ferreira), fl. 191 v.

(63) — Id., fl. 193

(64) — Id., fl. 212 v.

(65) — Arquivo Distrital de Aveiro, *Registo Paroquial*, Freguesia de S. Miguel (Aveiro), Livro n.^o 9, Baptismos, fls. 156-156 v.

(66) — Arquivo Distrital de Coimbra, Freguesia de Santa Cruz (Coimbra), *Livro de Óbitos de 1707-1795*, 2.^o livro incorporado de 1748 a 1795, fl. 53

(67) — CARLOS DE PASSOS, *Igrejas e Conventos de Aveiro*, em *Guia de Portugal*, III, Beira — I — Beira Litoral, 2.^a ed., pg. 496

(68) — Biblioteca Pública Municipal do Porto, exemplar das *Constituições Synodales* cit., edição impressa em Coimbra no ano de 1591; ANTÓNIO CRUZ, *Catálogo dos Manuscritos — Códices n.os 1225 a 1364*, edição de 1952, pgs. 167-168

(69) — *Gazeta de Lisboa Occidental*, n.^o 52, de 24-12-1722, pg. 416; RANGEL DE QUADROS, *Aveiro — Aparentamentos Avulsos*, Manuscrito, pag. 262-263

(70) — Arquivo Distrital de Aveiro, *Notariado*, Livro 248, Tabelião Manuel de Azevedo Botelho, fls. 75-78

(71) — Vd. nota 8; MARQUES GOMES, Ob. cit., pgs 123-123



AVEIRO - ARTE

AVEIRO-ARTE nasceu, no ano 1971, com o objectivo declarado de preencher um espaço que, ao nível do associativismo artístico, se achava desocupado.

Como consta dos seus Estatutos, a sua «Filosofia» era – e continua a ser – a de «Promover a união dos artistas plásticos aveirenses (de nascimento ou aqui radicados), independentemente de credos políticos ou religiosos, mas com nítida tendência para a experimentação, para a modernidade...». Considerando-se um movimento único com as características que apresenta, organizado e persistente, já com uma existência de 23 anos, Aveiro-Arte, como colectivo, tem exercido uma actividade que, não atingindo ainda todos os objectivos que, desde a sua fundação, se propunha conseguir, se mantém, contudo, atento a todas as possibilidades de realização própria e de colaboração com outras entidades, aquelas que, de uma ou outra forma, vão contribuindo para a evolução cultural desta cidade.

Com alguma regularidade, tem efectuado inúmeras exposições e participado noutras de iniciativa alheia ao Grupo.

A título particular, individualmente, muitos dos seus elementos têm-se desdobrado em acções de assinalável relevo e de elevado prestígio para Aveiro, participando como formadores em cursos de iniciação às artes plásticas, projectando monumentos e cenários para teatro, escrevendo textos das mais diversas áreas, colaborando em jornais e revistas, participando em exposições colectivas em Portugal e no estrangeiro, etc., sendo, alguns deles, regularmente seleccionados por Bienais e Prémios de difícil acesso.

Não dispondo de meios que lhe permitam uma maior intervenção e uma acção cultural e artística mais profunda e activa, e uma participação mais dinâmica do seu colectivo, Aveiro-Arte, apesar disso, não deixa de marcar, com o seu trabalho, o espaço cultural em que se integra.

O AGRICULTOR-ARTESÃO DO BAIXO VOUGA

Bartolomeu Conde

O Homem do Baixo Vouga é (era) habilidoso e orgulhoso da sua auto-suficiência: ele fazia todos os apetrechos e «estrobilhos»⁽¹⁾ empregues na lufa-lufa da vida agrícola.

Munido da enxó, sempre afiada no rebolo de pedra vermelha de Eirol (olho-de-sapo), e da machadinha espalmada ou do machado de gume fino como uma lanceta, — aí estava ele, no alpendre feito oficina, a aguçar paus para fueiros ou moirões, a restaurar os dentes da grade do arroz, a «esgoivar» uma canga, ou até a fazer uma nassa de vime para, lá pró fim de Dezembro, ir às enguias e aos «robacos»⁽²⁾ pelas valas das tapadas e pelas nesgas marginais do Rio, bordadas de golfos⁽³⁾ e de rabos-de-gato onde este peixe gosta de se esconder.

E como a necessidade sempre despertou a habilidade — mesmo quando a vocação esteja divorciada da Arte — os homens e as mulheres dos areais do Baixo Vouga (S. João de Loure, Eirol, Eixo, Angeja, Taboeira, Fermelã, Cacia, Sarrazola, Vilarinho, Póvoa, Paço e Esgueira) tiveram de se afazer às circunstâncias, ao que havia, como o burro se afaz à albarda, que é como quem diz, tiveram de tornar úteis os materiais que os rodeavam.

A eles, os homens, competia construir as coisas que metiam enxó, machado, serra ou martelo; enquanto elas, a si próprias se encarregavam de preparar as lãs e os linhos com que teciam os panos e atavios: das lãs faziam cobertores, meias e até luvas e garruchos para as crianças; e do linho resultavam panos para fazer blusas, ceroulas e camisas, ou lençóis e toalhas em que abriam, nos serões de inverno, em bordados caseados com flores e janelinhas, graciosos labores que tinham aprendido quando jovens, naqueles «vasos-comunicantes» de conhecimentos legados de mães para filhas.

Ora numa casa de lavoura não faltavam apetrechos para fazer: sebes para os carros, cestos, nassas, açafates, covos, nassos, coadores de vinho, armadilhas «capoeiras»⁽⁴⁾ para caçar melros... e tudo o mais que se pudesse fazer do vime ou do salgueiro, lá estava o homem, novo ou velho, nas tardes chuvosas, a esgalhar apetre-

chos. Ou ainda, quando o tempo abundava de ócio, era vê-lo munido de fio branco de algodão⁽⁵⁾, sentado no escabelo da lareira, a fazer bitorões, palmas e galrichos⁽⁶⁾ para armar no Rio, nas pateiras e nas valas, escolhendo as épocas e os sítios mais apropriados para as pescarias dos pimpões, enguias, barbos e «robacos», de que o Vouga era, então, um manadeiro de fartura!

Fazer estas redes tinha os seus saberes e cuidados, um dos quais era escaldar, na panela grande de ferro, os galrichos e bitorões com casca macerada de salgueiro, satisfazendo assim dois objectivos: aplicar um conservante no algodão



Foto A



Foto B

(ácido salicílico) e dar às redes uma cor sépia que permitisse confundir, aos olhos do peixe, a armadilha para eles armada com a fiapagem acastanhada das ervagens e limos aquáticos.

Esta «cozimenta» com casca de salgueiro também era usada pelas mulheres, quando pretendiam dar aos panos de linho a mimosa cor de sépia com que tingiam as suas roupas.

As grandes trabalhadeiras – as que implicavam maiores canseiras e cuidados – eram passadas com a construção do carro de vacas e com a da bateira⁽⁸⁾, esta uma embarcação muito útil e imprescindível na travessia do Vouga-e no transporte das ervagens, das lenhas e dos produtos criados no campo⁽⁹⁾ e também empregue nas artes da pesca e da caça.

É desta «alfaia» fluvial que vamos narrar a sua feitura.

Fomos a Taboeira, a casa do lavrador Malaquias Nogueira, onde ia ser construída uma bateira. Quando lá chegámos, já o *fundo* estava armado, com todo o *cavername*, com as *bicas* apontadas e os *moldes* ao alto, na mão do lavrador Sebastião Nunes (foto A), o verdadeiro «engenheiro» da obra, já que Malaquias, o dono da bateira em crescenças e do «estaleiro» aperreado num coberto, se limitava a chegar ao artífice as nicas dos pregos e do martelo.

Para Sebastião não há máquina de calcular, nem cálculos infinitesimais, nem um lápis para fazer contas ou debuxar uma peça...; não! basta um prego ou o bico do compasso, duas ripas (os moldes), uns riscos aparentemente a esmo, duas franzidelas de testa... e pronto, é tudo!

Segue-se agora a vistoria às duas largas e compridas *tábuas de pinho*, destinadas aos *bordos*. Tudo bem, madeira boa e seca, total aprovação com dois estalidos de língua a confirmar. Dois pregos juntam as duas tábuas em geminação... e agora é a vez do tal machado a cortar como uma lâmina os dois bordos segundo o risco feito com os moldes. E lá vai o machado, manobrado por uma só mão, firme e hábil, amoldar as tábuas ao formato dos bordos, ou asas da bateira (foto B).

Foto D



Depois, a tarefa de aplicar os bordos ao fundo, por vezes a obrigar recurso a mão-de-obra de reforço, como é o caso da mulher do Malaquias, chamada à pressa para dar uma mão (foto C).

Colocados os bordos, pregados com pregos zincados, enfeita-se a bica da proa com uma pega ou um puxador, feito à serra (foto D), no mesmo corpo da bica, de grande utilidade em manobras de atracação.

Para o corpo da bateira ficar completo há ainda que moldar e pregar os *braços das cavernas*, que Sebastião aformoseia com o machado (foto E).

Só falta a *calafetagem* com *estopa*. Entra em acção o *calafeto*, um utensílio de ferro que firma a estopa nas frinchas.

E pronto! O breu já ferve⁽¹⁰⁾ num caldeiro qualquer, o *estopeiro*⁽¹¹⁾ é mergulhado no breu fervente e vasculha-se por dentro e por fora a embarcação, besuntando com aquele pez negro todo o canto e recanto, à excepção da *tóstia*, uma tábuia colocada ao centro, de bordo a bordo, que serve de assento e de base para o mastro, quando necessário.

A finalizar: o bota-abaixo! É uma pequena festa, sem foguetes. Comemorou-se o acto à volta de uma mesa onde pontificavam enguias fritas e um canjirão de parreírol caseiro, com broa ainda morna. Para sobremesa uma côdea da dita com uma boa colher de mel.

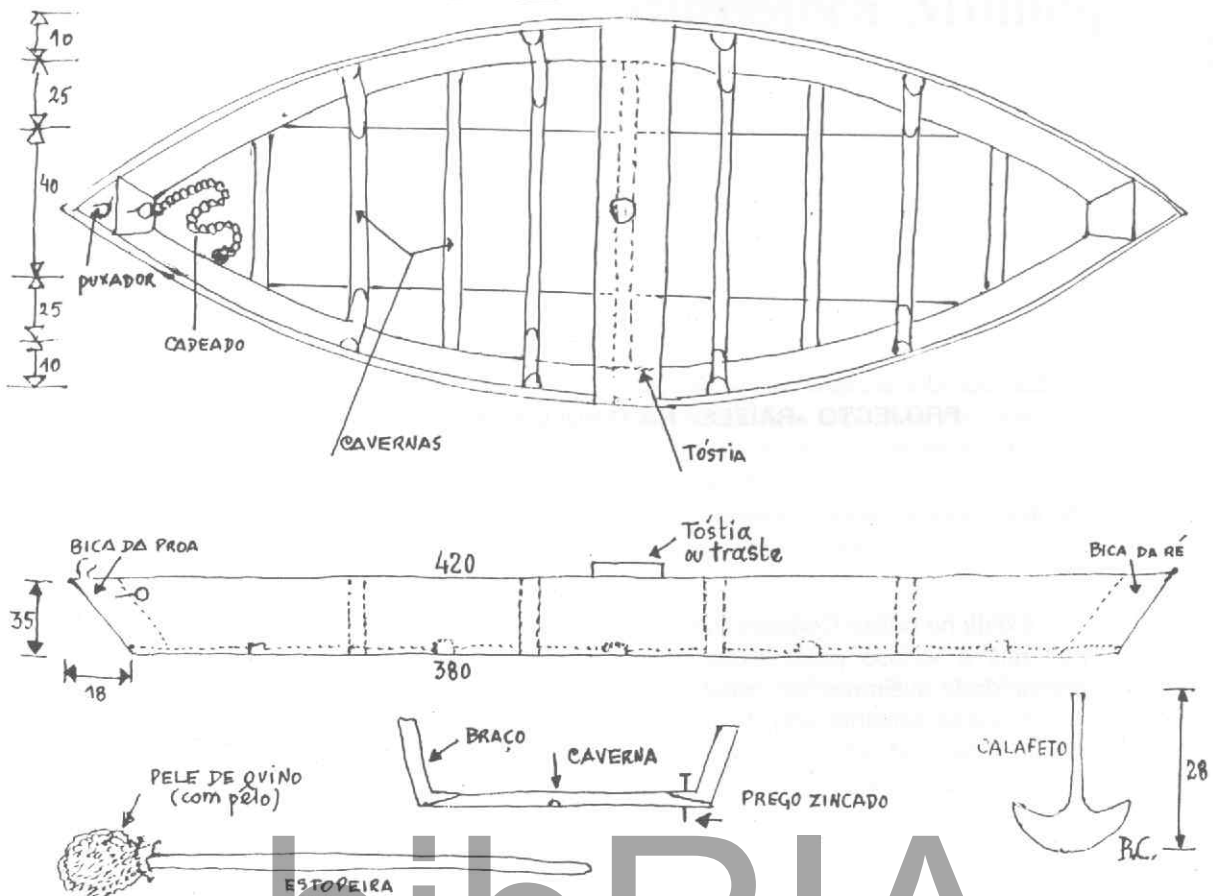


Foto C



Foto E

PLANTA DA BATEIRA



NOTAS:

- (1) — *Estrobilhos* — Forma popular de *estorvilhos*. Tem no texto o significado de coisas pequenas, de difícil arrumação ou mal arrumadas.
- (2) — *Robaco* — Forma popular de *ruivaco*, peixe muito apreciado nos meses de inverno. É cozido tal como se pesca, com cebola e salsa, e é servido nas tascas de petiscos com o sumo de laranjas azedas, espremidas na ocasião sobre o pitêu. Na falta desta fruta, usa-se do mesmo modo o limão. O povo diz: *robaco em Janeiro, sabe a carneiro*.
- (3) — *Golfos* — É o nome popular por que são conhecidos os *nenúfares*.
- (4) — *Capoeira* — É uma armadilha para melros, na forma de pirâmide achatada, feita de vime ou salgueiro, com um pingarelho que desarma com o peso do pássaro, o que faz cair a armadilha, prendendo o intruso.
- (5) — O fio de algodão era comprado em meados na feira de Santo Amaro ou às tecedeiras de cobertas de trapos, e enovelado através da dobadoira. Nos meados deste século apareceu o *nylon*, artigo mais duradouro que o algodão, pelo que este hoje é preterido.
- (6) — *Galricho* — Na área de Cacia, os bitorões dividem-se em dois grupos: o *bitorão grande*, para peixe de escama; e o *bitorão pequeno*, para enguias e ruivacos. Este bitorão é conhecido também por *galricho*.
- (7) — *Carro de vacas* — No Baixo Vouga os carros da lavoura são puxados por vacas. São (e eram) raros os bois, e esses, normalmente, destinados à cobertura.
- (8) — *Bateira* — Também conhecida por patacha, chata e canoa, e até, a montante de Cacia, por lancha, paisano e patacho — é o transporte fluvial mais barato e o mais usado no Vouga inferior, embora o seu uso tenha sofrido uma redução à volta de oitenta por cento, para o que contribuíram vários factores: redução das enxurradas por

via do aprofundamento da Barra; construção de pontes a atravessar o Vouga (Angeja, Sarrazola, Vilarinho); construção de estradas no campo; tudo isto permitiu que o transporte agrícola se faça por carros e tractores, mais rápido e mais seguro que o secular carro de vacas. É raro haver artífices deste tipo de embarcação; com o desaparecimento dos Coitos, a construção de bateiras está a ser feita fora de Cacia, em zonas onde ainda perduram as pateiras e locais alagadiços, como seja o campo de Taboeira.

- (9) — *Campo* — O lavrador do Baixo Vouga, quando diz *campo*, refere-se às zonas alagadiças do Vouga, mais propriamente à parte terminal da área agrícola da margem direita, que vai de Angeja até à Boca do Rio. Os terrenos agrícolas da margem esquerda tomam o nome de Monte ou da Seca.
- (10) — O artífice que vai aplicar o breu, para saber se a temperatura do breu que está a derreter no caldeiro atingiu a marca ideal, dá uma cuspidela para dentro do caldeiro: se a massa espilrar, o breu «está em modos de ser aplicado»; caso contrário, precisa de «mais fogo».

Nota Final: uma embarcação do tipo *bateira* custa em média 16 a 20 contos, dando o pretendente a madeira; gastam-se, conforme o comprimento da embarcação, 100 a 130 pregos zincados de dois tamanhos: prego de barco, para cavernas e fundo (32\$50 cada) e prego de bateira, para o restante (27\$50 cada). De breu gasta-se à volta de meia arroba.

As bateiras, sejam para desporto, para caça ou pesca, ou para serviços da lavoura, devem ser registadas na Hidráulica e na Capitania, conforme operem a montante ou a jusante da ponte do caminho de ferro. Pag(av)am impostos.

PROJECTO «RAÍZES» NA DIVULGAÇÃO DO MUNICÍPIO

Existe no nosso Concelho um amplo movimento associativo, rico de tradições culturais e valioso pelas experiências concretas, que vem partilhando com a comunidade aveirense em geral.

A nossa sensibilidade diz-nos, no entanto, que urge estruturar, coordenar e dar suporte a estas forças vivas, não apenas no sentido restrito de lhes criar meios que garantam a sua existência, a sua dinâmica e a sua longevidade.

Assim, procurando corresponder a esta necessidade, foi posto em acção o programa «Raízes», incluído no Plano de Actividades de 1995 e com a respectiva dotação orçamental. Através deste, serão levadas a efeito iniciativas de carácter formativo na área do património móvel do concelho, visando o inventário dos bens, de cariz etnográfico. As iniciativas na área da animação cultural, nomeadamente no âmbito da animação dos espaços físicos existentes (Centros Culturais, Sociais e Recreativos das freguesias do Concelho), assentam sobre o apoio à dinâmica das associações, à divulgação do teatro, da dança, das artes plásticas, da música, da poesia,... e à ajuda a todas as Associações a encontrarem o caminho das suas realizações.

Outros dos nossos objectivos é levar a comunidade aveirense em geral a reflectir sobre a animação cultural no meio rural, organizando-se, por isso, trocas de experiências e de informação entre as várias freguesias do Concelho. O corolário desta actividade será a Exposição «Raízes Culturais do Concelho de Aveiro na Divulgação do Património» que decorrerá no Pavilhão Rectangular do Parque de Feiras e Exposições e que se pretende ser um dos pontos altos das Festas do Município/95.

Biblioteca Municipal

Madalena Pinheiro*

Inaugurada em 1927, esteve instalada durante alguns anos na antiga Casa do Despacho da Santa Casa da Misericórdia, a quem a Edilidade pagava uma renda.

Diz a Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira que o seu fundo bibliográfico inicial era proveniente da colecção do professor de liceu Dr. Alexandre Ferreira da Cunha, tal como da família de José Luciano de Castro, em 1948.

Em Maio de 1970, é inaugurado um novo edifício projectado pelo Arquitecto Fernando Távora, o qual vinha satisfazer as necessidades culturais desse período. Durante 23 anos, os serviços da Biblioteca Municipal de Aveiro cresceram e cumpriram os seus objectivos, servindo os utilizadores de uma forma eficaz, segundo as concepções de biblioteca da época.

Em 1987, a Câmara Municipal de Aveiro e o ex-I.P.L.L. estabeleceram um contracto-programa com vista à criação de uma nova biblioteca.

Projectou-se a reconstrução de um velho edifício, recuperando um espaço que se encontrava em degradação.

Inaugurada a 18 de Junho de 1993, a biblioteca passou a ser para milhares de munícipes um novo espaço cultural da cidade. Este equipamento cultural, aberto a toda a comunidade de munícipes, dirigiu as suas orientações prioritárias para a promoção dos hábitos de leitura e do prazer de ler.

Equipada com um mobiliário moderno e funcional, dentro de um espaço arquitectónico acolhedor e com um fundo documental actualizado, os utilizadores foram estimulados a transformar esse espaço num local de frequência assídua.

Hoje, em que a mediatização da nossa forma de vida é uma realidade, em que a informação nos chega em tempo real através das televisões, provocando-nos uma globalização de conhecimentos, há que enfrentar algumas reflexões para promover um serviço que apoie a leitura como pretendem ser os espaços a que chamamos biblioteca.

A leitura é um acto íntimo de afectividade entre o leitor e o autor.

O livro aparece como um suporte físico de uma mensagem que provocará interactividade com o leitor, reflectindo este de uma forma silen-

ciosa, em momentos íntimos, sobre as palavras e sobre os conceitos que lhe foram transmitidos no livro, dando-lhe um aspecto único.

Nenhum outro suporte material da escrita até ao momento pode proporcionar este relacionamento entre o leitor e o texto.

«A escrita foi talvez a maior das invenções humanas, ligando as pessoas, cidadãos de épocas distantes que nunca se chegaram a conhecer. Os livros quebram as cadeias do tempo, provam que os seres humanos são capazes de exercer a magia»

(Sagan, Carl)

Existindo, o livro transmite-nos uma mensagem em qualquer circunstância e lugar do mundo. O futuro nos dirá se este diálogo poderá ser realizado através de outro suporte de informação. Hoje já podemos utilizar os novos suportes magnéticos sempre que nos dispomos a fazer uma investigação, visionando um vídeo ou lendo estudos sobre um assunto num visor de um computador. Mas, normalmente estes tipos de diálogos são funcionais e ligados à necessidade de obter o máximo de informação sobre o assunto.

Uma biblioteca pública deve respeitar todas as atitudes e as necessidades dos utilizadores, apoiando-os na forma como utilizam os livros para lazer ou no acesso à informação.

Imbuídos pelas necessidades acima referidas, reconheço que alguns só a utilizem pela simples curiosidade de frequentarem um espaço livremente – temos inscritos 8 mil utilizadores representando tipos diversificados que podem ter acesso a um fundo documental com 45 mil volumes, estando em livre acesso 22 mil documentos, tendo já sido emprestados 18 mil.

O nosso utilizador é o simples estudante que utiliza a biblioteca como forma de acesso para chegar à informação de que necessita.

O investigador exigente, sempre opinioso na forma como as técnicas biblioteconómicas, em vez de facilitarem, lhe dificultam o acesso à informação histórica ou reproduções de documentos no fundo local.

O reformado, que faz do espaço da zona dos periódicos um local de prazer, repetindo esta atitude diariamente.

A criança, que buliçosamente vem encontrar-se com os seus heróis, ler as suas histórias preferidas ou simplesmente possuir algo que lhe parece mágico durante um período.

O adulto, que gosta de ter a companhia dos livros escolhendo hoje um livro de poesia, amanhã um ensaio, daqui um mês um romance.

Existem ainda aqueles que apresentam afinidades literárias definidas e escolhem sempre o mesmo tipo de leitura, por exemplo a policial, esgotando rapidamente o acervo bibliográfico, notando as falhas das colecções e reclamando as novidades.

Aquele que diariamente, nas horas de lazer, vem ouvir um CD.

Ou o miúdo cansado das proibições que os pais lhe fazem para que não veja televisão, vem à biblioteca ver um vídeo de desenhos animados.

Aquele que se dirige à biblioteca com a única intenção de tirar fotocópias de um livro ou de um Diário da República.

Estes serão talvez os tipos mais vulgares de utilizadores que frequentam a Biblioteca Municipal de Aveiro.

A frequência dos utilizadores de uma biblioteca aumenta, se as actividades de animação forem correctamente coordenadas. Foram organizadas «horas do conto», encontros com escritores e visitas guiadas à biblioteca.

Este sector necessita de recursos humanos especializados para poder realizar actividades de animação à leitura com continuidade.

A zona de exposições acolhe diversos certames, proporcionando aos utilizadores da biblioteca mais um meio de obter informações.

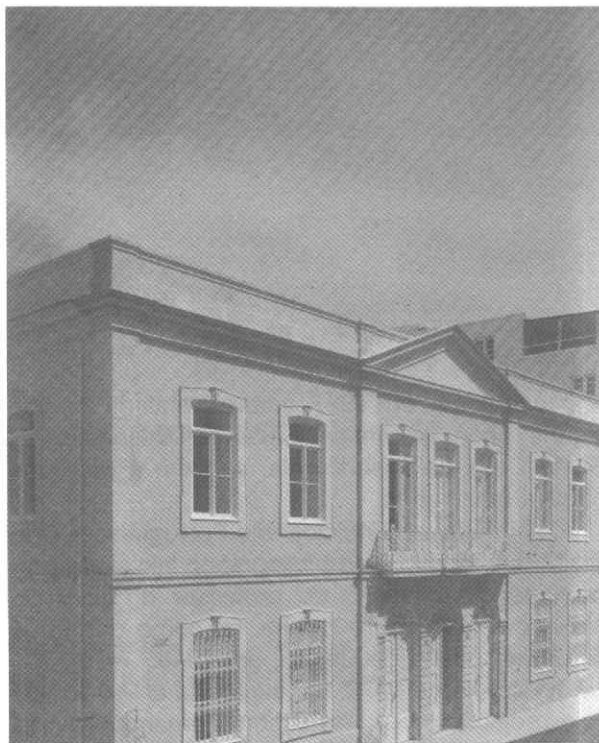
Por iniciativa dos serviços da própria biblioteca, ou em cooperação com outros agentes culturais e educativos locais, realizam-se na sala polivalente diversos colóquios, lançamentos de livros, debates e espectáculos musicais.

Organizado a nível nacional, em cooperação com o Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, realizou-se em Dezembro de 1993 o 2.º Encontro de Bibliotecários da Rede de Leitura Pública, reunião de bibliotecários, que se encontram envolvidos no sonho de transformar as bibliotecas num espaço que se reflecte nestas palavras:

«Este tipo de biblioteca foi feito à minha medida, posso decidir passar por lá um dia inteiro em santa delícia: levo os jornais, desço até ao bar com alguns livros, depois vou à procura de outros, faço descobertas(...).

A biblioteca converte-se, neste sentido, numa aventura»

(Eco, Umberto)



Os serviços da nova Biblioteca Municipal de Aveiro nasceram há um ano. Após os primeiros passos, temos já maturidade para podermos reflectir sobre um ano de sucesso a nível de frequência do público assim como sobre o número de empréstimos já realizados, estando preparados para uma auto-análise, melhorando os serviços já existentes, criando outros, ou mesmo produzir novos produtos de informação.

A descentralização dos serviços de empréstimo domiciliário será uma realidade com a instalação dos pólos de leitura de Santiago e Esigueira.

Promover e apoiar a organização da Feira do Livro é estimular o acesso ao livro. É necessário procurar potenciais leitores, organizando certames deste tipo para que o público se aproxime dos textos, quer sejam impulsionados pela simples curiosidade de encontrar um livro que desejavam ter há anos, quer pelo de facto pretenderem adquirir livros inacessíveis. Para cativar o leitor, milhares de livros são expostos, no espaço da feira, estando estes serenamente à espera que algum leitor os descubra, identificando-os com uma mensagem, os adquira necessitando de uma informação, ou os compre esperando ter alguns momentos de hilaridades.

Técnica Superior de Biblioteca
Madalena Pinheiro

Clube dos Galitos 1904 - 1994

COMEMORAÇÕES DO 90.º ANIVERSÁRIO

Fernando de Moraes Sarmiento*

Breve evocação proferida sobre o «Grupo Cénico» em 25 de Janeiro de 1994, no Salão Cultural da Câmara Municipal de Aveiro

Foi em 25 de Janeiro de 1904 que um grupo de dissidentes da Sociedade Recreio Artístico deliberou a fundação do CLUBE DOS GALITOS, após uma reunião que teve lugar na que veio a ser a sua primeira Sede, no segundo andar do edifício onde então estava instalado o Clube Mário Duarte, junto da Ponte das Almas, na antiga Praça Luís Cipriano.

Em 18 de Fevereiro, a Comissão Instaladora, verificando insuficientes estas instalações, nomeou uma sub-comissão com plenos poderes para procurar nova casa de arrendamento que apresentasse melhores comodidades e salas suficientemente amplas que uma agremiação deste tipo geralmente necessita.

Só em Novembro de 1904 foi possível negociar o prédio sito na Rua do Cais – hoje Rua João Mendonça – onde até há pouco tempo se encontrava o Banco Nacional Ultramarino.

Depois de fixada a renda anual de 120\$000 réis, o senhorio prontificou-se modificar interiormente o seu edifício, iniciando-se de seguida as obras conforme haviam sido previamente combinadas.

Foi então que o Clube, entre outras iniciativas, se arrojou a organizar um certame dramático que veio a ter lugar em 3 de Março de 1905, com o propósito de angariar fundos para mobilar e decorar as futuras instalações.

Concluídas as obras, é inaugurada, finalmente, a nova sede em 14 de Maio de 1905.

A partir daqui parece ser dado como certo ter nascido o entusiasmo entre os dirigentes da nóvel associação para a Arte Cénica.

Assim, com muito esforço e dedicação, o «GRUPO DRAMÁTICO DO CLUBE DOS GALITOS», como fora designado, leva à cena em 3 de Agosto de 1907 as primeiras peças teatrais: a comédia ESPERTEZAS DE RATO e a zarzuela A MARCHA DA CADIZ, tendo ambas obtido um enorme sucesso.

Lançada a semente e o consequente desabrochar de verdadeiras vocações, o Clube decide continuar com o Teatro, mas dando preferência ao género musical muito do agrado ao público.

Em 21 e 22 de Março de 1908, uma outra zarzuela é apresentada – A PASTORA – que veio a ter também um grande êxito, assim como a «Tuna do Clube dos Galitos» na sua primeira apresentação, dirigida por António Alves, chefe da Banda de Infantaria n.º 24.

Nas zarzuelas revela-se, entre outros amadores, como uma verdadeira artista – AUGUSTA FREIRE – que mais tarde não escaparia à atenção do mestre Eduardo Schwalbach, escritor e director do Conservatório Dramático de Lisboa que se desloca propositadamente a Aveiro para ver representar a talentosa «tricaninha».

Dispensando os melhores elogios às suas excelentes qualidades, acabou por a convencer ir para a Capital, lançando-a de imediato no profissionalismo da ribalta ao lado de artistas consagrados. Contratada para a Companhia de Teatro Apolo, logo se integrou no elenco que o Mestre estava a organizar e se destinava à sua opereta «O Chico das Pegas», a estreiar, então, com o grande actor Nascimento Fernandes, com quem veio a contracenar.

Auréliu Costa, outro grande componente do Grupo Cénico com uma excelente voz de tenorino, foi por aquele igualmente abordado para ingressar na Companhia do empresário Afonso Taveira, mas declinou o oferecimento.

Estes convites foram feitos, evidentemente, mais tarde, depois de levarem à cena operetas e outras zarzuelas, como TERNO DE CLARINS – TALISMAN – NEÓPHITO – O CARAÇA – e O PROCESSO DO RASGA, denominando-se agora o Grupo Cénico – «Tricanas e Galitos». Também cantaram árias das mais célebres Óperas e Operetas, para além do bom Teatro Declamado, destacando-se entre outras a peça policial norte-ameri-

cana «20.000 DÓLARES», que tanto sucesso mundial alcançou, chegando mesmo a bater as maiores receitas de bilheteira.

Em 9 e 10 de Julho de 1910, as zarzuelas A MARCHA DA CÁDIZ, O CARAÇA, NEÓPHITO e A PASTORA foram representadas no Teatro Sá de Miranda, em Viana do Castelo, tendo sido a embaixada aveirense envolvida em fartos aplausos e rodeada das maiores atenções. Foram duas noites de arte com verdadeiras expressões de muito afecto, inesquecíveis para o Clube dos Galitos e a nossa Cidade.

Também neste ano apresentou a revista carnavalesca «ALHOS E BOGALHOS» e em 1913 uma outra «AO CORRER DA FITA», que produziram no público boa disposição e enorme hilariedade, tendo ambas como principais intérpretes: António Máximo Júnior, Manuel Maria Moreira, Abel Costa, José Maria Monteiro, Manuel Paula Graça, Mário Teles e tantos outros.

Em 8 de Março de 1913, é apresentada no Teatro Aveirense, pela primeira vez, a grande Orquestra do Clube dos Galitos composta por 40 executantes, sob a regência competente de António Alves.

A partir de 1924 são levadas à cena, por 13 vezes em Aveiro, as revistas regionais «A CALDEIRADA» e «A FILHA DA CALDEIRADA». A primeira foi ao Porto dar duas réctas, no Teatro S. João, e uma em Viseu, no Teatro Avenida; a segunda, deu dois espectáculos no Teatro Avenida, em Coimbra. Peças que ainda hoje são recordadas com enorme saudade por alguns componentes, infelizmente já poucos, pelo sucesso que as mesmas tiveram, especialmente pela lindíssima música do genial compositor Dr. Vasco Rocha, que perdurou nos ouvidos de muitos por largos anos.

Atreveu-se a representar em 1926 a Ópera «CAVALLERIA RUSTICANA», cantada em português pela primeira vez em Portugal, numa tradução do Prof. José Duarte Simão, também este um grande actor amador do Galitos, de dicção fácil e elegante que adorava a Arte de Talma. Foi outro acontecimento inesquecível que Aveiro viveu com as lindas vozes de D. Celeste Freitas e Sebastião Amaral e outras que o Cénico dos Galitos detinha nos seus quadros, para além dos seus afamados Coros, a maior parte dos quais ensaiados pelo mestre António Lé que incansavelmente os levava à sua máxima perfeição, colhendo por isso do público e da crítica os maiores encómios.

Finalmente, com a denominação de GRUPO CÉNICO DO CLUBE DOS GALITOS, seguem-se as revistas de enorme êxito «AO CANTAR DO GALO» e «MOLHO DE ESCABECHE» que actuaram ambas em Lisboa: a primeira em 1937 e a segunda em 1941, dando cada uma delas três espectáculos no Coliseu dos Recreios com as

lotações esgotadas, sendo muito admiradas e entusiasticamente aplaudidas.

A revista «AO CANTAR DO GALO», da autoria de José Vinício Caracol Meireles, com música de Leonildo Rosa, Alexandre Prazeres Rodrigues, Nóbrega e Sousa, Nuno Meireles, António Lé, Manuel C. Martins, Armando Silva e Luís Manuel Rodrigues, com Alexandre Prazeres à frente da Orquestra, teve como seu principal responsável o grande amador de Teatro e competente ensaiador o dedicado António José Flamengo.

A fantasia-regional «MOLHO DE ESCABECHE» original de António José Flamengo, que inteligentemente soube captar e transpor ao palco os costumes da sua terra com extraordinária beleza cénica, com versos mimosos e requintados do talentoso poeta, Dr. Luís Carlos Regala, e os números musicais de influência moderna, tão em voga, de superior composição do jovem promissor João Lé, seu competente ensaiador e director da Orquestra, teve ainda uma valsa do nosso conterrâneo, Nóbrega e Sousa, que inspiradamente fez transparecer na sua composição todos os encantos que a nossa linda Ria encerra.

A revista «AO CANTAR DO GALO» representou também em Viana do Castelo e Coimbra, e o «MOLHO DE ESCABECHE» deu três espectáculos no Teatro Rivoli, no Porto.

Isto para além de muitas representações entre nós, pondo sempre em delírio o público aveirense com a maravilhosa música, o riquíssimo guarda-roupa e a deslumbrante encenação que ambas continham.

Por último, as revistas evocativas «AINDA CANTA O GALO» e «ESCABECHE E PIRIPIRI», as duas para comemorar os 25 anos de «AO CANTAR DO GALO» e o «MOLHO DE ESCABECHE», que não deslustraram os êxitos destas revistas, salvaguardando, claro está, os primores técnicos de então.

Assim se dá conta, num tracejar breve e despretenso, o que foi a brilhante actividade cénica ao longo do tempo e que tanto nome deu a Aveiro e ao nosso glorioso CLUBE DOS GALITOS que hoje perfaz, precisamente, a bonita idade de 90 anos.

PARABÉNS!...

- * Ex-componente e participante das revistas
- Molho de Escabeche (1940)
 - Ainda Canta o Galo (1961)
 - Escabeche e Piri-piri (1965)

«A Caldeirada»

Fernando de Moraes Sarmento

No próximo dia 5 do corrente mês de Junho faz precisamente 70 anos que no Teatro Aveirense foi levada à cena, pela primeira vez, esta revista-fantasia regional, desempenhada pelo famoso Grupo Cénico do Clube dos Galitos.

Composta em 3 actos e 10 quadros, de sabor local, com letra da personalidade distinta de Luís Couceiro da Costa e 25 números de música original de excelente composição do talentoso Dr. Vasco Rocha, o seu elenco repartia-se por 80 pessoas, de ambos os sexos, entre intérpretes principais e figurantes.

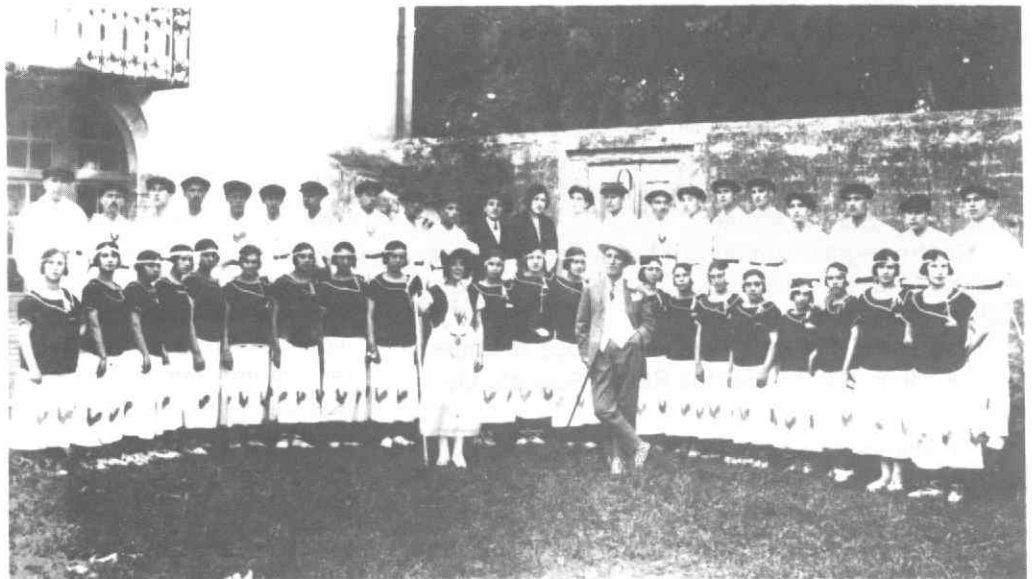
De apreciável marcação coreográfica, com rábulas de bom desempenho e solistas dotados de prodigiosas vozes, tinha a acompanhar para além dos coros, bem ensaiados e de reconhecida qualidade, uma envolvente encenação muito do agrado do público. A provar estão os seus sucessos representados pelos calorosos aplausos recebidos da plateia e da imprensa em geral, nos espectáculos que levou a efeito em 1924, 1925, 1928, 1930 e 1932, sendo dados 13 em Aveiro, no Teatro Aveirense, 2 em Coimbra, no Teatro Avenida, 2 no Teatro S. João, no Porto, e 1 no Teatro Avenida, em Viseu.

Foi seu competente ensaiador Manuel Maria Moreira, elemento destacado de reconhecidos méritos que com toda a sua arte e espírito de sacrifício soube bem ultrapassar as diferentes dificuldades encontradas num grupo totalmente amador, ajudando a alcançar os triunfos almejados, pela sua invulgar dedicação e grande amor que sentia pela arte cénica.

Para que se assinale a efeméride aqui deixamos registados os nomes dessas figuras da nossa terra que, de 1924 a 1932, fizeram parte da revista «A Caldeirada» que tanto brado deu não só em Aveiro, como noutras cidades do País.

Assim, temos como intérpretes principais em 1924:

Rita da Costa, Manuel da Paula Graça, Manuel Maria Moreira, Aurélio Costa, José de Pinho, José Monteiro, José Duarte Simão, José Parracho, Firmino Costa, Lino Marques, Marino Moreira, Augusto Natividade, Ulisses Pereira, José Duarte Vieira, Pompeu de Melo, José Santos, Manuel Félix, Sebastião Amaral, Carlos Aleluia, Leonel da Silva, F. Bessa, Belmiro Amaral, João Paula, António Serafim, Benjamim Maia, António



«A Caldeirada»
Coro de Abertura

de Almeida, António O. Silva, Francisco Picado, Artur Lobo, Agnelo Casimiro, Venício Serafim, Conceição F. Picado, Celeste Freitas, Maria L. Carvalho, Adélia Pereira, Maria da Apresentação Lima, Balbina Picado, Luz Graça, Maria J. Freitas, Lurdes Santos, Apresentação Velhinho, Ludovina Maia e Conceição Barbosa.

Como figurantes:

Maria Freitas, Bebiana Freitas, Aurea Ferreira, Carolina Lemos, Eulália d'Oliveira, Joana Miguéis Picado, Cecília Migueis Picado, Teresa Andias, Conceição Miguéis Picado, Emília R. da Paula, Célia Barreto, Benilde Carneiro, Maria de Matos, Ana Rosa Gadim, Aurora Pitarma, Esmerinda Fartura, José Barbosa, Primo da Naia, José Casimiro, Francisco dos Reis, José Marques, Américo Picado, Florentino da Maia, José Trindade, Carlos Pinto, Marques Soares, Anibal Miguéis, Jaime Lima, Domingos de Oliveira, Agnelo Coelho, António Carvalho, Mário Trindade, Américo Carvalho, e ainda:

João Costa – contra-regra, Wenceslau Pereira – ponto, com cenários de José Santana, guarda-roupa de Jayme Valverde e cabeleiras de Ribeiro.

As caracterizações a cargo de José Pinho, José Duarte Simão, Elísio Feio e Gervásio Aleluia.

De 1925 a 1932 tomaram parte mais os seguintes elementos:

Sara da Cruz Amado, Sofia Picado, Leopoldina Freitas, Olga Ana Cândida Ferreira, Lurdes da Graça, Otília Limas, Marília Reis, Élia Rodrigues, Felismina Carvalho, Ângela Moreira, Antónia do Vale, Adelaide Carapina, Isilda Pereira, Maria Ferreira, Céu da Cruz Moreira, Maria Rodrigues Limas, Maria Nogueira, Soledade Silva, Maria José do Vale, Maria de Lurdes Teles, Amariles Andrade, Olímpia Peixinho, Elías Pereira Tavares, José Martins Arroja, Eduardo Trindade, Manuel da Silva, Hermenegildo Meireles, João Miguéis Picado, João Fernandes da Silva, Joaquim Paula Graça, Arménio Cruz, José Maria Rodrigues, Amadeu Silva, José Custódio da Silva, Silvio Moreira, Roberto Garcia, Roque Gonçalves Maio, Francisco Nunes da Maia, Nuno Humberto Meireles, Mário Paulo Graça, Joaquim de Oliveira, António Regino e Manuel dos Santos Moreira.

Contra-regras: Armando Madaíl Ferreira, Luís Rocha, Eleutério Sarabando Rocha e Augusto Natividade e Silva.

Dirigentes: Pompeu Alvarenga, José Marques Soares, Henrique dos Santos Rato e Augusto Guimarães.

Chegámos, pois, à opinião manifestada pela imprensa:

«A CALDEIRADA prendeu e prenderá com os seus encantos e entrará em todos os corações, que, por mais rígidos, terão de submeter-se ao

merecido triunfo que plenamente conquistou o mimoso grupo que acaba de a desempenhar.

...Da CALDEIRADA fica-nos o perfume da ternura com que nela se cantam as belezas da nossa ria, a graça das nossas mulheres, o bramido do nosso mar – esse colosso que tem sorrisos de criança e fúrias de gigante. Ficar-nos-á a saudade acridoce dessa noite triunfal e das outras que se lhe seguirão, marcando para sempre quanto pode a vontade indomável de um grupo de modestas raparigas cheias de inteligência, de mocidade e de luz, ao lado de um punhado de rapazes activos e decididos, que metem ombros a uma empresa que para muitos teria sido impossível vencer».

(De «O Democrata» de Aveiro, de 7-6-924)

«A nossa expectativa, porém, foi muito além do que podíamos esperar, atentas as dificuldades de pôr em cena uma peça que exige um conjunto de circunstâncias para merecer, sem favor, os aplausos que alcançou do nosso público.

O êxito de uma revista não está só no trabalho do seu autor, depende também, e muito, da mise-en-scène. Quer boa música, bom cenário, bom guarda-roupa. Quer quem saiba dizer e cantar; quer movimento e acção; quer vida, jogo de cena. Ora tudo isto constitui um conjunto de dificuldades que o Grupo dos Galitos de Aveiro venceu admiravelmente. Não parecia estarmos em presença de amadores dramáticos».

(De «A Gazeta de Coimbra» de 28-4-925)

«O povo de Coimbra foi ali, não só pela simpatia que lhe mereceu o povo da linda cidade do Vouga, mas também para os saudar entusiasticamente e ovacionar, pela sua competência e habilidade cénica, já conhecida em Coimbra. A música encantou os espectadores, sendo bisados quase todos os números, cantados correctamente em coros bem afinados. O Dr. Vasco Rocha devia sentir-se satisfeito por reger a grande orquestra no mesmo teatro onde tanta vez se fez ouvir em esplêndidos solos de violino. Bem hajam os directores da cena, em enriquecer a revista com tão linda música, que muito apreciada foi por todos quantos a ouviram.

Podem, pois, os Aveirenses estar muito satisfeitos pelo êxito alcançado, muito superior ao que algumas Companhias não conseguiram conquistar, por lhes faltarem as qualidades excelentes que possuem muitos dos associados do CLUB DOS GALITOS».

(De «O Correio de Coimbra» de 2-5-925)

«Os dois espectáculos do Grupo Scenico do Club dos Galitos, de Aveiro, com a revista fantasia A CALDEIRADA, no sábado e no domingo últimos,

no Teatro Avenida, obtiveram um êxito extraordinário pela singeleza do diálogo, pela movimentação das cenas, pela boa música que abundantemente a recheia, pela correcção do desempenho, pela afinação dos coros e pelas magníficas vozes que interpretam alguns dos seus mais interessantes números de música. Tudo isto fez com que os intérpretes recolhessem fartos e justos aplausos».

«A vinda a esta cidade do Grupo Dramático Tricanas e Galitos de Aveiro – Grupo que representou no Avenida a revista-fantasia A CALDEIRADA – veio pôr em foco os amadores dramáticos de Coimbra, chamando para eles as atenções de todos aqueles que, nesta cidade, se interessam por coisas do Teatro.

Pela forma levantada como se apresentaram os distintíssimos intérpretes de A CALDEIRADA, cujos dois espectáculos deixaram nos assistentes as melhores e mais gratas impressões, uma coisa deviam de ter aprendido os nossos amadores dramáticos: que «querer é poder» – isto é, que uma vontade disciplinada triunfa sempre dos maiores obstáculos.

Devem a esta hora estar convencidos os nossos cultores-amadores da arte de Talma que o tempo das **cardanhadas** já passou, e que é

necessário, para satisfazer às exigências da época, aquilo que os distintíssimos amadores de Aveiro nos patentearam nessas duas noites de representação: ordem, disciplina, apuro na apresentação, e **mise-en-scene** cuidada.

Confrontando o que para aí temos visto com o que os amadores de Aveiro nos proporcionaram nessas duas noites de espectáculo, chegando, por vezes, a dar-nos a impressão – tal foi a harmonia do conjunto – de que estávamos a assistir a um espectáculo por artistas consumados – temos de confessar que a nossa inferioridade é flagrante».

(De «A Defeza» de Coimbra, de 1-5-925)

Assim se evoca a revista A CALDEIRADA» no 70.º Aniversário da sua estreia e da qual tanto se falou durante os anos dos seus grandes sucessos, graças a todos estes dedicados, esforçados e admiráveis componentes do Grupo Cénico que tão abnegadamente se entregaram de alma e coração, tendo sempre em mente o engrandecimento do Clube dos Galitos e a tão querida cidade de Aveiro.



«A Caldeirada»
Componentes e autores da revista

EFEMÉRIDES – 1995

- 12 de Janeiro** **1445** – Foi passada carta de seguro aos biscaínhos e galegos que viessem «merchantemente» à vila de Aveiro durante um ano, para que ninguém ousasse fazer-lhes desaguizado, nos termos das pazes com o rei de Castela.
550 anos
- 12 de Janeiro** **1970** – Em Belém do Pará, Brasil, firmou-se o convénio de amizade fraterna entre esta cidade e Aveiro, passando a designar-se como «cidades irmãs».
25 anos
- 9 de Fevereiro** **1945** – Faleceu em Aveiro o Dr. Jaime Duarte Silva, prestimoso e distinto advogado, que dedicadamente serviu a sua terra em vários cargos públicos.
50 anos
- 2 de Março** **1920** – Por escritura pública foi constituída, com sede em Aveiro, numa sociedade denominada «Empresa Electro-Oceânica», com o fim, entre outros, de produzir e distribuir energia eléctrica.
75 anos
- 15 de Março** **1620** – Concluída a construção do Convento do Carmo, deram aí entrada os primeiros religiosos, que já se encontravam em Aveiro, em edifício cedido gratuitamente.
375 anos
- 30 de Março** **1670** – Faleceu em Verdemilho, onde nascera, o conhecido aveirense Dr. Manuel Mendes de Barbuda e Vasconcelos, ilustre magistrado e poeta, autor de «Virgínidos» ou «Da Vida da Virgem Senhora Nossa», poema de reconhecido mérito.
325 anos
- 28 de Abril** **1820** – Nasceu em Aveiro, no bairro do Albói, o ilustre advogado Dr. Bento de Magalhães, que foi presidente da Câmara Municipal, procurador à Junta Geral, conselheiro do Distrito, presidente da Associação Comercial e vice-presidente da Caixa Económica de Aveiro.
175 anos
- 4 de Julho** **1495** – O insigne aveirense Mestre Aires Barbosa foi para Salamanca, em cuja Universidade começou por reger a cadeira de Retórica e mais tarde as de Grego e de Latim, tendo entre os seus discípulos o erudito humanista André de Resende.
500 anos
- 18 de Julho** **1095** – Nesta data (ano de 1133 da Era de César), o «servo de Deus» Zoleima Gonçalves fez doação de diversas propriedades à igreja ou comunidade cristã de Santo Isidoro de Eixo.
900 anos
- 6 de Agosto** **1870** – Foi inaugurado o Asilo de José Estêvão, destinado à infância desvalida do Distrito – obra que se ficou a dever à iniciativa do grande tribuno aveirense, já falecido há anos.
125 anos
- 16 de Agosto** **1970** – Na povoação de Aradas, no concelho de Aveiro, foi inaugurada a nova capela de S. Sebastião.
25 anos
- 30 de Agosto** **1820** – Os vereadores, o clero, a nobreza e o povo, reunidos nos Paços do Concelho, aprovaram uma proposta, apresentada pelo juiz de fora, Dr. José de Vasconcelos Teixeira Lebre, na que se propunha o reconhecimento da legitimidade da Junta Provisória do Supremo Governo do Reino e, conseqüentemente, a aderência ao movimento revolucionário iniciado no Porto em 24 de Agosto.
175 anos
- 29 de Novembro** **1970** – Foi descerrada a estátua do egrégio aveirense Dr. Alberto Souto, erguida no Jardim de D. Afonso V, junto ao Museu de Santa Joana.
25 anos

No mês de Setembro em 1994, comemorou-se festivamente o quinto aniversário da geminação de Aveiro com Arcachon (França), que tiveram o seu apogeu no dia 18. O principal número do programa foi a recepção oficial às entidades políticas, industriais, comerciais e culturais que integraram a comitiva aveirense, a qual se efectuou no salão nobre da Câmara de Arcachon. No seguimento desta breve notícia, transcrevem-se os discursos então proferidos pelos Presidentes dos Municípios de Arcachon e de Aveiro, respectivamente Pierre Lataillade e Prof. Celso dos Santos.

Na mesma ocasião, procedeu-se à cerimónia da entrega da Medalha de Prata da Juventude e dos Desportos ao eurodeputado Dr. José Girão Pereira — condecoração com que o Governo de França o tinha recentemente agraciado. Perante uma sala literalmente cheia e ao som do Coral de Arcachon, o Maire Lataillade desempenhou esse honroso encargo. A distinção conferida, que raramente é atribuída a um estrangeiro, ficou a dever-se à proposta da Ministra da Juventude e dos Desportos, Marie Michèle Alliot.

O Dr. José Girão Pereira, sensibilizado, agradeceu, em breves palavras improvisadas, a distinção recebida e garantiu que tudo faria ao seu alcance para honrar a mercê recebida.

1 — Mensagem do Presidente da Câmara de Arcachon aos Aveirenses (15-09-1994)

«Só as montanhas não se encontram, diz-se. Era fatal que um dia os lanchões do lago e os moliceiros de Aveiro se conhecessem. São numerosas as similitudes: estações balneares, pesca, lagoa de um lado, ria do outro não deixariam de aproximar as duas cidades e, finalmente, levá-las a geminar-se, tendo como base a amizade e a ajuda mútua.

Em 23, 24 e 25 de Setembro de 1989 foram oficializados os laços que unem as duas cidades de Aveiro e Arcachon. Desde então, várias delegações deram vida e dinamismo a esta geminação. Cito de memória a descoberta de Portugal por 15 jovens do nosso distrito, a inauguração da piscina de Aveiro com uma delegação de nadadores e nadadoras, as festas da ria, o cruzeiro de vela Arcachon-Aveiro. A nossa cidade teve o grande prazer de acolher o coral Vera-Cruz, a fanfarra de S. Bernardo, os minis do clube de Futebol «Beira-

Mar» e as delegações oficiais chefiadas pelo Presidente Girão Pereira.

O 5.º aniversário da geminação entre as nossas duas cidades é uma etapa importante na estrada de amizade que abrimos, assinando a carta que nos une.

Estou particularmente feliz por festejar este acontecimento com o Professor Celso dos Santos, o novo Presidente da Câmara de Aveiro, a quem desejo as boas vindas. Com ele continuaremos a tecer os laços estreitos e a desenvolver as trocas entre as duas cidades que tantos pontos comuns possuem.

Pierre Lataillade, Maire d'Arcachon

2 — Discurso de Pierre Lataillade,
Presidente da «Mairie» de Arcachon

Ex.mos Senhores
Presidente da Câmara
Deputado Europeu
Minhas Senhoras e Meus Senhores

É uma alegria verdadeira e sincera que a cidade de Arcachon sente ao receber-vos no Município para festejar a geminação entre as nossas duas cidades e marcar a cordialidade que anima esta aproximação.

Os nossos agradecimentos.

Não poderia acontecer um aniversário sem relembrar o passado e eu desejo, nesta ocasião, senhor Presidente da Câmara, senhor Deputado Europeu, minhas Senhoras e meus Senhores, relembrar como foi preponderante a acção de um pequeno grupo de personalidades que se dirigiram a Arcachon no Outono de 1986.

Com efeito, a caminho de Bourges, cidade com a qual Aveiro tinha relações de amizade desde há muito tempo, uma pequena delegação anunciada pelo Senhor Leitão Frota, então cônsul de Portugal em Bordéus, fez-nos uma simpática visita.

No seguimento de um passeio na cidade, recebi este grupo de pessoas (entre as quais os eleitos de Aveiro) no meu gabinete e foi então que tomámos conhecimento de que, em alguns quartos de hora, uma «transfusão recíproca de simpatia» se operou, resultando daí um convite a visitar

Aveiro, a que eu respondi em Maio de 1987. Depois, prosseguiu uma série de visitas de diversos grupos, tanto a Aveiro como a Arcachon, até à nossa geminação oficial em 24 de Setembro de 1989, em Arcachon e Aveiro. Depois, tudo foi alicerçado sobre a certeza de uma simpatia comum, de uma forma de olhar de vida e os contactos humanos partilhados.

A personalidade do Doutor José Girão Pereira e a sua presença fiel nas festas do mar tiveram um papel essencial no decorrer destes cinco anos.

Sem dúvida, a natureza das suas propostas, a cordialidade dos seus contactos e a de diversas pessoas reencontradas, tanto pela cidade de Arcachon, como por grupos de cidadãos, constituíram o encaminhamento normal conducente à geminação, e daí a celebração do seu aniversário.

Senhor Celso dos Santos, vós sois chamado a continuar a tarefa. Nós conhecemo-nos também há muitos anos. Sabemos que consigo a geminação conhecerá de novo a amizade cultural e popular na fidelidade ao ideal que nos anima todos.

Contamos com as qualidades que todos possuem, das quais a amizade não é certamente a menor. Aqui presentes, minhas senhoras e meus senhores, vós sois as testemunhas e os laços de uma vontade comum.

Senhor Presidente, Senhor Deputado Europeu, minhas Senhoras e meus Senhores, tudo é mensagem.

Quaisquer que tenham sido as vicissitudes do passado, a união dos homens sempre foi a melhor resposta ao desafio que lhes propõe um destino comum.

Permanecer único, associando-se aos outros, levar-lhes o que não poderiam ser, recebendo o que não poderíamos ser nós mesmos; procurar a dignidade e querê-la plural. É a base cultural dos valores que nos são comuns.

A presença do grupo folclórico de Cacia, que deu ontem à noite um magnífico espectáculo, e a da Confraria de São Gonçalo de Aveiro ilustram este propósito com uma demonstração pessoal e física. Agradecemos aqui aos seus responsáveis, aos seus componentes e a todos os que os acompanham.

Porque o que nós buscamos junto do que determinámos para o melhor funcionamento da nossa geminação é o que a Europa indispensável deve não só respeitar, mas também querer.

Nestes anos em que a Europa se constrói, e onde, pouco a pouco, se abate uma parte do que determinou as diferenças, desejaria concluir a propósito lembrando-vos toda a importância de que se revestem, a meus olhos, estes laços privilegiados, tecidos e preservados entre nós, entre as nossas duas cidades. Não saberia fazê-lo melhor senão lembrando «Os Lusíadas» do famoso poeta português que, como profeta, compreendeu que a

expressão das grandes descobertas e da epopeia do homem moderno não devia revestir-se unicamente de um ideal, mas apresentar-se como o princípio da difusão da cultura própria do continente europeu, e as trocas económicas organizadas à escala mundial, em benefício de todos os povos. Camões, já que é dele que se trata, soube ser um poeta europeu que encontraria o seu lugar quatro séculos depois, já que afirmava na sua diferença a Europa, tanto no plano político, geográfico e económico como nos seus laços e interesses específicos.

O texto dos *Lusíadas*, VII, 62, é disso ilustração: «se por acordos, por tratados de paz invioláveis e sinceros, tu consentes a troca de inúmeros recursos do seu país e do teu, com vista ao conhecimento e riquezas dos vossos reinos – fim supremo do labor e do suor dos homens – será sem dúvida proveitosos para ti, glória imensa para ele». Assim escreveu o Épico:

«E se queres, com pactos e lianças
De paz e amizade, sacra e nua
Comércio consentir das abundanças
Das fazendas de terra sua e tua,
Porque cresçam as rendas e abastanças
(Por quem a gente mais trabalha e sua)
De vossos Reinos, será certamente
De ti proveito, e dele glória ingente.»

Com esta mensagem de esperança sempre actual, o Presidente da Câmara de Arcachon deseja homenagear-vos em nome da sua cidade. É a mensagem de troca sem dúvida, mas também de partilha das riquezas culturais e humanas. É a mensagem da nossa fraternidade partilhada.

Chamo para junto de mim o Senhor Girão Pereira, antigo Presidente da Câmara de Aveiro, Deputado ao Parlamento Europeu. Vou-lhe entregar, em nome do Senhor Ministro da Juventude e dos Desportos de França, a medalha da Juventude e dos Desportos.

3 – Discurso do Prof. Celso dos Santos,
Presidente da Câmara Municipal de Aveiro

Senhoras, Senhores:

Quando há cinco anos, após um período de contactos amistosos, os responsáveis dos nossos Municípios assinaram um protocolo de amizade e geminação que tornou Aveiro e Arcachon como cidades-irmãs, foi publicamente afirmado: – Este acordo será o início de um longo intercâmbio não só nas relações humanas, mas também nas relações científicas, técnicas e económicas; nós não esperamos nem queremos que sejam apenas o Estado e as instâncias governamentais a fazer aquilo que os cidadãos, nas suas associações, e os próprios municípios podem e devem fazer, em ordem a tornar a Europa tanto numa verdadeira

comunidade de povos e nações, como também numa comunidade de pequenas comunidades.

De facto, com esta política de geminação entre povoações e cidades, verifica-se um maior conhecimento recíproco e um mais estreito encontro fraterno. É claro que não se pretende que todos sejamos iguais em qualidades e aptidões; mas sim que todos, trabalhando fraternalmente em liberdade e igualdade, mutuamente se respeitem e aceitem; que todos, sem quaisquer subserviências, colaborem uns com os outros; que todos, ultrapassando o sentimento de inferioridade, afastando o egoísmo da solidão e vencendo a tentação da superioridade, se decidam a construir uma comunidade plurinacional. E isto também pode passar pelos tratados de amizade e pelos protocolos de irmanação, quando, evidentemente, não ficando letra morta, são concretizados nas suas diversas alíneas.

Nestes cinco anos, Aveiro e Arcachon, cultivando laços mútuos e respeitando e observando o que prometeram, tornaram-se cidades mais conhecidas e mais amigas entre si. E hoje pensamos que valeu a pena: – a troca de experiências e trabalhos desenvolvidos no domínio do património natural, no sector das pescas e aquicultura, no funcionamento e estudo das áreas portuárias, no intercâmbio de associações culturais e desportivas, na solidariedade social e humana e no desenvolvimento económico através da participação em feiras e contactos de investidores, confirmam que na verdade, tem valido a pena.

Não há cidades nem regiões iguais na sua configuração, na sua paisagem, na sua geografia. Mas há esta ou aquela cidade, esta ou aquela região que nos levam a fazer comparações, que nos fazem recordar outra cidade ou outra região. Aveiro e Arcachon não são iguais nem pretendem sê-lo, mas, banhadas pelo mesmo Mar Atlântico, plantadas no litoral oceânico, servidas por portos marítimos, embelezadas por deltas formosos – a ria de Aveiro é a bacia de Arcachon – onde desaguardam os rios Vouga e Leyre, as nossas cidades sentem-se naturalmente irmanadas pelo mesmo ar salgado que as tonifica, pelas mesmas dunas arenosas e movediças, pelo mesmo contínuo vai-vém de um sem-número de embarcações de pesca, de trabalho ou recreio.

Mas não só. No passado, em Aveiro foi florescente a cultura das ostras, que agora volta a dar novos passos; nos primórdios do desenvolvimento ostreícola de Arcachon, entre as ostras provenientes de várias regiões, para o seu fomento no vosso delta, encontramos as ostras da ria de Aveiro, de boa qualidade.

As primeiras dessas ostras terão sido trazidas para aqui, no início do séc. XIX, pelo Coronel-Engenheiro Reinaldo Oudinot, natural de Verdun, quando ele se encontrava na direcção dos traba-

lhos para a fixação da nossa barra.

Mas, como se tudo isto não fosse suficiente, é hoje aqui concedida uma distinção que muito nos honra e que não podemos deixar de registar: a atribuição da Medalha de Mérito em Prata do Ministério da Juventude e Desportos francês ao ilustre cidadão aveirense Dr. José Girão Pereira.

Esta homenagem ao autarca que serviu Aveiro quase duas décadas é, sem dúvida, também uma homenagem da Comunidade de Arcachon ao Município de Aveiro.

É assim, Senhor Lataillade, ilustre Presidente da Câmara de Arcachon, que muito sensibilizado, em meu nome e de todos os que me acompanham a testemunhar esta comemoração, lhe apresento o nosso sentido agradecimento.

Minhas Senhoras e Meus Senhores, para nós estar em Arcachon parece estarmos em Aveiro. Mais nos sentimos em nossa casa e na nossa cidade, porque sempre que nos encontramos e convivemos uns com os outros, vêmo-nos rodeados pelas vossas desmedidas atenções, pelas vossas inigualáveis gentilezas. Tudo faremos para fortalecer a nossa amizade e cumprimos o que nos prometemos realizar há cerca de sete anos.

Desejamos as maiores felicidades pessoais ao senhor Lataillade e Esposa, bem como a toda a comunidade Arcachonesa, para quem formulamos votos de grande progresso e agradecemos do fundo do coração as gentilezas de que fomos rodeados durante estes dias de festa para os nossos Municípios.

Finalmente e para registo desta comemoração, queremos oferecer à Mairie d'Arcachon uma lembrança que esperamos contribua para fazer perdurar o nosso relacionamento.

Bem hajam! Muito e muito vos agradecemos.



Aveiro – Canal Central

ARCACHON

"Ontem solidão, hoje cidade" - esta é a divisa da cidade de Arcachon, desde há muito tempo de muita reputação como estância balnear e climática, e que em 1851 contava apenas 112 habitantes permanentes e agora tem muitos milhares.

Alguns pontos fulcrais através da História permitem-nos situar a evolução desta tão dinâmica cidade.

Em 1853, Adalbert Deganne mandou construir na baía um castelo, modelo reduzido de castelo de Boursalt (nas margens do rio Marne, afluente do Sena). Permanecendo desabitado durante bastante tempo, esse imóvel serviu então de local para exposições de pintura e para brilhantes recepções até que, em 1903, passou a ser o actual Casino da Praia. Recorde-se que, em 1859, recebeu a visita de um hóspede de prestígio: Napoleão III.

Arcachon passou a cidade propriamente dita em 1857, na sequência de um decreto imperial de Napoleão declarando a secção de Arcachon separada da comuna de La Teste e tornada comuna distinta.

No dia 25 de Julho desse mesmo ano, foi inaugurado o prolongamento da linha férrea Bordéus - La Teste até Arcachon, o que foi de grande importância para o posterior desenvolvimento da cidade. Com efeito, para rentabilizar a linha, que funciona sobretudo no Verão, uma operação imobiliária, orientada pelos banqueiros Péreire e pela Companhia dos Caminhos de Ferro do Sul, levou à construção de uma "cidade nova", dita "cidade de Inverno" - o que aconteceu em 1862.

O Casino Mourisco viria a ser um dos primeiros novos edifícios. Cerca de 1864, foram construídas moradias, mais tarde designadas "villas", de preferência alugadas mobiladas.

A cidade de Inverno, graças às virtudes curativas do microclima de Arcachon, passou a ser um "sanatorium" aberto.

Muitas das referidas "villas" receberam ilustres personagens. Gounod aí foi procurar a tranquilidade. A arquiduquesa Maria Cristina de Habsbourg - Lorraine aí conheceu o seu real noivo, o rei Afonso XII de Espanha. Afonso XIII, nascido dessa união, ali festejou um dos seus aniversários. Uma das filhas de J.M. de Heredia ali convalesceu. Citemos ainda os filhos de Antoine d'Orléans, os poetas François Coppée e d'Annunzio, os músicos Saint - Saens, Debussy e muitos outros ainda.

Em 1867, Arcachon tinha quinze quilómetros, da Ponta de l'Aiguillon, a este do Parc Péreire, ao bairro do Moulleau, a oeste. Um transporte eléctrico permitia atravessá-la de ponta a ponta.

Na véspera da primeira guerra mundial, Arcachon tinha mil "villas" e mais de dez mil habitantes. É o segundo porto de pesca francês e é também já o símbolo do maior centro europeu de criação de ostras.

Actualmente, o seu porto acolhe cerca de dois mil barcos de recreio e uma flotilha de trinta barcos de pesca, assim como dispõe de estaleiros de construção naval.

EM SÃO BERNARDO Homenagem ao Padre Félix

No dia 5 de Janeiro de 1994, o Padre José Félix de Almeida foi alvo de significativa homenagem, que lhe foi prestada pela Junta de Freguesia de São Bernardo. A cerimónia realizou-se na ocorrência do trigésimo aniversário sobre o início do seu múnus sacerdotal naquela freguesia.

Apesar da inclemência do tempo, o salão da sede da Junta de Freguesia ficou repleto de público que se quis associar a esta cerimónia. Várias individualidades estiveram presentes, nomeadamente o Bispo de Aveiro, o Governador Civil, o Presidente da Câmara Municipal, o representante do Centro Regional da Segurança Social e alguns Vereadores.

Depois de aberta a sessão pelo Presidente da Assembleia de Freguesia, Rui Lima Baptista, usou da palavra o Secretário da Junta, Manuel Bolais Mónica – pessoa que mais de perto tem convivido com o Padre Félix; relembrou diversos acontecimentos e circunstâncias onde a figura do Pároco de São Bernardo se evidenciou pela sua prudência, sentido de justiça e paciência.

O Dr. Gilberto Madail e o Dr. Girão Pereira, de modos diferentes, referiram a admiração pelo homenageado, sobretudo no capítulo da sua actividade em obras sociais e no interesse pela comunidade humana na freguesia.

Por sua vez, o Presidente da Junta de Freguesia, Élio Maia, focou o facto de o Padre Félix ter sabido unir toda a freguesia e «entusiasma-la para que fosse capaz de lutar para o seu próprio bem e de construir o próprio futuro».

D. António Marcelino resumiu a sua intervenção, afirmando que a actuação do Padre Félix sempre se tem subordinado à missão que, como sacerdote, lhe cabe desempenhar; de uma forma exemplar, ele manifesta-se, em todas as circunstâncias, como pastor e homem da Igreja, inserido na vida do povo e preocupado com as suas ansiedades.

Tendo-lhe sido entregue a Medalha de Ouro, que constitui o mais alto galardão atribuído pela Junta de Freguesia de São Bernardo, o homenageado disse, entre outras coisas:

–«Completem-se hoje trinta anos sobre o dia em que cheguei a São Bernardo, com a missão de ser o seu pároco. Encontrei um povo tão acolhedor, alegre, amigo e colaborador, que não tive medo da cruz – cruz que está unida a tudo o que é serviço público. Como quem acorda depois de um sonho lindo, dou-me conta da realidade e vejo que não é possível parar, quando se tem um povo como este, que é capaz de se privar de alguns bens materiais para que nada falte à concretização de mais um sonho paroquial: a construção do Centro de Dia para os idosos terem uma velhice mais feliz, como merecem e precisam».

A terminar, deixou estas palavras: – «Acorado para as realidades da vida, estimulado para não parar e com a certeza de encontrar a ajuda necessária dos paroquianos, amigos e entidades oficiais, agradeço esta encorajadora distinção que me foi conferida».

Lembramos que o Padre José Félix de Almeida foi galardoado, em Janeiro de 1974, com as insígnias de primeiro Oficial da Ordem da Benemerência, pelo então Presidente da República Almirante Américo Tomás e, em Maio de 1991, com a Medalha de Mérito Municipal, em prata, atribuída pela Câmara de Aveiro. Em 1989, foi criada na mesma freguesia a «Fundação Padre Félix» que tem por finalidade principal ajudar os mais necessitados.

Foram diversas as iniciativas e obras, de carácter religioso e social, que o Padre Félix levou a bom termo. Destacam-se a igreja matriz, a residência paroquial, o Centro Social Paroquial para crianças, o posto médico, a casa mortuária, o recinto polidesportivo, o arranjo do adro da igreja e a intervenção na construção do cemitério local. No que respeita a novas obras, encontra-se em fase de construção adiantada o Centro de Dia para idosos, cujo orçamento atinge os cem milhões de escudos.

No seu interesse por São Bernardo, também não lhe foi alheio o processo da criação da freguesia civil, que culminou com o Decreto-Lei n.º 48.841, de 18 de Janeiro de 1969.

V SALÃO DE ANTIGUIDADES

O V Salão de Antiguidades, promovido pelo Lions Clube de Santa Joana Princesa, com o apoio da Câmara Municipal de Aveiro, realizou-se de 24 a 27 de Fevereiro de 1994. A edição deste ano teve uma enorme adesão do público, que ocorreu ao Parque de Feiras e Exposições.

Segundo a estatística dos organizadores, o evento conseguiu uma participação que largamente ultrapassou os dez mil visitantes. No último dia, foi necessário diligenciar no sentido de evitar a aglomeração excessiva das pessoas, encerrando as bilheteiras por momentos e facilitando o escoamento do público.

Para além do aspecto comercial, o V Salão de Antiguidades manifestou-se como uma iniciativa de raro nível cultural pela quantidade e qualidade das peças expostas, algumas de excepcional valor. Ao mesmo tempo, a exposição serviu de incentivo na preservação do património que foi passando de pais para filhos.

No pavilhão octogonal do Parque estiveram cinquenta e dois expositores, provenientes não apenas do Distrito de Aveiro, mas também de Braga, Porto, Leiria, Lisboa, Francelos, Vila do Conde, Valadares, Estoril, Borba e mesmo de Pontevedra (Galiza).

Esta mostra de antiguidades significa, também, para o Lions Clube de Santa Joana, a mais importante forma de angariação de fundos para a sua acção de solidariedade social

V SALÃO DE ANTIGUIDADES LIONS SANTA JOANA PRINCESA

DE 24 A 27 DE FEVEREIRO DE 1994



PARQUE DE FEIRAS E
EXPOSIÇÕES DE AVEIRO

Rosto do folheto relativo
ao V Salão de Antiguidades

FEIRA DO AMBIENTE

Realizada pela primeira vez em Aveiro, Feira do Ambiente decorreu de 3 a 6 de Março de 1994, no Parque Municipal de Feiras e Exposições. Tendo despertado invulgar interesse junto do público, nomeadamente junto de investidores em tecnologias ligadas ao ambiente e mobiliário urbano, de instituições e de escolas, o certame contabilizou uma afluência de cerca de trinta mil visitantes. Os quarenta e dois expositores, que se apresentaram, foram distribuídos pelos dois pavilhões. Entre eles, registou-se a presença das associações ambientais «Quercus» e «Os Amigos da Ria», além de alguns Municípios, várias empresas industriais e diversas escolas.

A sessão solene foi presidida pelo Eng.º Marques Ré, Director Regional do Ambiente, em representação do Secretário de Estado do Ambiente e Recursos Naturais. As palavras de abertura pertenceram ao Vereador Prof. Celso dos Santos, que afirmou a vontade de institucionalizar

a Feira do Ambiente, como aconteceu com a Agrovouga, a Bicimota, a Farav e outras.

Pela Associação Portuguesa dos Engenheiros do Ambiente, o Eng.º Rui Marcelino defendeu, por sua vez, que o ambiente não é apenas uma questão para técnicos, mas um caso pessoal que a todos pertence.

O Dr. José Girão Pereira, Presidente do Município, sublinhou que os problemas do ambiente são a primeira prioridade do nosso tempo e têm de ser assumidos por todos os cidadãos, e não somente pelos órgãos do Poder Central ou Local.

O Governador Civil do Distrito, Dr. Gilberto Madaíl, considerou esta realização como «um positivo ensaio num sector tão sensível» e frisou, com insistência, que «a defesa do ambiente não é apenas uma questão nem do Governo nem das Autarquias, mas de cada um dos cidadãos».

Encerrando a breve sessão, o Director Regional do Ambiente congratular-se-ia com esta inicia-



Cartaz da Feira do Ambiente

tiva da Câmara Municipal de Aveiro, testemunhando assim a sua atenção para um assunto de nível mundial, que deve ser resolvido com insistência e sem perda de tempo.

Durante os dias da Feira, realizaram-se dois colóquios, subordinados aos temas gerais «Conservação da Natureza – Ria de Aveiro» e «Ambiente e Qualidade de Vida», em que intervieram diversos oradores: – Dr. Gustavo Pires, Eng. Marques Ré, Dra. Helena Moreira, Dra. Cristina Isabel Fernandes, Dr. José Eduardo Rebelo, Eng.ª Luísa Ramos, Dr. João Carlos Farinha, Dra. Anabela Trindade, Eng.ª Teresa Magalhães, Prof. Dr. Carlos Borrego, Joaquim Costa, Carlos Fredoca, Eng.ª Graça Sacadura, Eng.ª Rui Ferreira, Eng.ª João José Maia e Dr. Luís Arroja.

Ao mesmo tempo, passaram-se filmes alusivos à fauna, floresta de protecção, espécies cinegéticas, comportamento do caçador, etc.; divulgaram-se trabalhos realizados pelas escolas e publicações diversas; demonstraram-se actividades ao ar livre.

Aqui se transcrevem os depoimentos do Presidente da Câmara Municipal e do Vereador de Feiras e Exposições, publicadas no respectivo folheto:

1 – «Em nome da Câmara de Aveiro quero, em primeiro lugar, regozijar-me por esta primeira Feira do Ambiente. Situamo-nos, como se sabe, numa zona do país onde, pela sua riqueza e pela sua sensibilidade, os problemas ambientais devem constituir uma preocupação contínua, quer da administração, quer dos cidadãos.

Para além do debate das questões, mais importantes nos parece esta tomada de consciência de que estamos numa área em que só com a participação e o empenhamento de todos é possível resolver os problemas que nos envolvem e legar às gerações vindouras melhores condições de vida.

O grande mérito desta iniciativa pode ser este mesmo: o de subverter a ideia de que só ao Estado e às autarquias compete abordar e resolver os problemas ambientais, introduzindo na consciência colectiva, desde o industrial ao pequeno agente social, a preocupação moral e cívica de defender um valor universal.

Aos expositores, restantes participantes e público em geral, as nossas boas-vindas e o nosso agradecimento».

2 – «Procurando dinamizar o Parque de Feiras e Exposições e atentos aos problemas do ambiente que a todos preocupam inseriu-se no calendário anual de feiras e Exposições um novo certame, a «FEIRA DO AMBIENTE».

De facto, numa Região extremamente sensível em termos ambientais, esta feira revela-se de inegável importância.

O conhecimento de técnicas e meios para resolver os problemas criados pelo sector industrial, a valorização dos espaços urbanos, o debate técnico das questões que em geral se levantam à Comunidade, bem como a divulgação e sensibilização de todos, justificam plenamente a sua realização.

Deste modo nela poderão ser vistos equipamentos diversos, nomeadamente os relacionados com o mobiliário urbano, apreciados estudos e projectos como ainda participar-se no colóquio que decorrerá paralelamente à exposição e no qual intervirão personalidades de reconhecido mérito sobre o tema «AMBIENTE».

Saudamos todos os expositores e todos os que conosco colaboraram para a sua realização.

Agradecemos a presença de todas as Entidades, muito especialmente o representante de Sua Excelência o Senhor Secretário de Estado do Ambiente e Recursos Naturais, Prof. Joaquim Poças Martins».

Comissão Executiva da Feira do Ambiente:

– Prof. Celso dos Santos (Vereador); Maria Alexandra Maximino, Irene Bártolo e Nelson Chaves (Secretariado); João Portugal (Designer); Elmano Lopes Ramos (Encarregado Geral); Eng.ª Acílio Vitória (Serviços de Limpeza e Higiene).

Colaboração: Instituto Florestal; Instituto de Conservação da Natureza; Quercus; Associação Portuguesa de Engenharia do Ambiente; Departamento do Ambiente e Ordenamento da Universidade de Aveiro.

FEIRA DE MARÇO

De 25 de Março a 25 de Abril, realizou-se a habitual Feira de Março que, neste ano de 1994, foi a 560.ª edição. Mais uma vez, o espaço disponível não chegou para os pretendentes; foram setenta e um expositores os que não puderam levar para o Recinto Municipal de Feiras e Exposições os seus stands ou barracas e dar o seu contributo ao colorido geral do certame.

Distribuídos pelos três pavilhões – octogonal, rectangular e verde – e pelos módulos novos e antigos, bem como pela zona ao ar livre, os 274 expositores ocuparam 10.799 metros quadrados. Não faltaram os costumados divertimentos, desta vez com um total de vinte e quatro presenças, espalhados numa área de 4.043 metros quadrados; de fora ficaram, apenas neste sector, vinte e um candidatos, por falta de espaço.

Para além de tudo o que é próprio de uma feira, onde se compram os mais variados objectos, desde uma simples ferramenta, brinquedo ou peça de vestuário, até uma máquina, um automóvel ou um barco, ela significa também um espaço privilegiado de encontro e convívio e serve para mostrar as potencialidades da região, através da presença de várias empresas locais. Outrossim é justo referir a participação de estabelecimentos de ensino, de associações culturais e de solidariedade social, como a Cruz Vermelha e os Bombeiros Voluntários, dos Serviços Técnicos da Autarquia, da Electricidade de Portugal e dos órgãos da Comunicação Social. Ainda estiveram presentes as cidades irmãs e amigas de Arcachon, Bourges, Ciudad Rodrigo, Tordesilhas, Viana do Castelo e Viseu.

Ao longo de todo o mês, desenvolveu-se um vasto programa de animação, com a colaboração de conjuntos típicos, ranchos folclóricos e grupos de música ligeira e popular, rock e samba, além da Fanfara de São Bernardo e da Banda Amizade.

No dia 22 de Abril, efectuou-se uma reunião, sob a presidência do Prof. Celso dos Santos, em representação da Câmara Municipal, durante a qual, além do agradecimento aos feirantes, se galardoaram os premiados da Feira de Março de 1994.

Assim, no que se refere ao Concurso de Desenhos para o Cartaz, foram atribuídos os seguintes prémios, cuja escolha já havia sido feita em 14 de Fevereiro pelo respectivo Júri (Vereador Prof. Celso dos Santos, Arquitecto José Quintão, Designer João Portugal, Pintora Luísa Seabra e Arquitecta Teresa Campos):

1.º PRÉMIO: Ricardo Marques Vicente, aluno do 11.º ano, Turma J, da Escola Secundária de José Estêvão (50.000\$00);

2.º PRÉMIO: Renata Lopes, aluna do 8.º ano, Turma F, da mesma Escola (30.000\$00);



Cartaz da Feira de Março
(Ricardo Marques Vicente)

3.º PRÉMIO: Pedro Miguel Parada Dias Rosa, aluno do 11.º ano, Turma J, da mesma Escola (20.000\$00).

Menções honrosas: – Rui Miguel Esteves Antunes Seabra Conde, aluno do 8.º ano, Turma L, da Escola Secundária do Dr. Jaime de Magalhães Lima; e João Pedro Simões Aparício Carvalho, aluno do 11.º ano, Turma J, da Escola Secundária de José Estêvão.

Na mesma cerimónia foram galardoados os vencedores do Concurso de Stands:

- 1.º PRÉMIO: Medilitoral;
- 2.º PRÉMIO: Stand Vicente;
- 3.º PRÉMIO: Induslubre.

O Júri deste Concurso, constituído pelo Presidente da Câmara Municipal de Aveiro, pelos representantes da Comissão da Feira, da Associação Comercial e da Associação Industrial, por um designer e por um representante da Imprensa, ainda atribuiu quatro menções honrosas: – Adágio, Ases, Aveirotel e Soteporta.

Transcrevemos os textos assinados pelo Dr. José Girão Pereira e Prof. Celso dos Santos e publicados no folheto da Feira de Março:

1 – «Sem necessidade de apresentações, decorrente de créditos firmados ao longo de mais de quinhentos anos, aí está mais uma Feira de Março, este ano na sua 560.ª edição.

Escusado será repisar aqui o carácter único deste certame secular, onde tradição e modernidade se conjugam de uma forma singular, resultando num dos acontecimentos anuais mais apetecidos e de maior adesão popular.

Ele é feira, festa e romaria popular, local de encontro, de convívio e de negócios, mostra significativa das potencialidades locais.

Nesta hora, desejo apenas deixar bem expressa uma palavra de agradecimento àqueles que tornaram possível mais esta edição/94 do popular certame e desejar a todos – expositores, feirantes e visitantes – as melhores boas-vindas».

2 – «A Cidade e a Região vão assistir a mais uma Feira de Março. Realiza-se há 560 anos, constituindo já como que uma rotina.

Surge-nos contudo sempre renovada e actual, sem abandonar o que tem de tradição.

Nela vai ser possível ver uma boa exposição que reflecte a capacidade de uma região, adquirir quinquilharias e diversos objectos que tanto nos encantam, assistir à animação e divertir-se nos carroceis e outros brinquedos até cansar, sem esquecer a visita às farturas.

É uma feira de todos na qual todos participam.

Nela colaboram Estabelecimentos de Ensino, Associações Culturais, de Solidariedade Social,

como a Cruz Vermelha, Bombeiros Voluntários, Serviços Técnicos da Câmara Municipal, a EDP, a Comunicação Social, muito especialmente os visitantes que a ele acorrem diariamente dando-lhe vida e aquele ar festivo que lhe conhecemos.

É assim todos os anos. Sentimos muito quando não podemos atender todos os expositores e feirantes que nela desejam participar, dificuldade que se vem ampliando de ano para ano.

Desejamos a todos os que nela participam, e a quem agradecemos a presença, uma boa feira e saudamos com muito carinho as cidades Irmãs Arcachon, Bourges, Tordesilhas, Ciudad Rodrigo, Viseu e Viana do Castelo – cuja presença muito nos honra.»

Comissão da Feira de Março:

Presidente: Vereador Prof. Celso dos Santos.

Secretariado: Maria Alexandrina Maximino, Irene Bártolo e Nelson Chaves.

Comissão Técnica: António José Bartolomeu (DSU), João Portugal (Gabinete de Design), Gonçalves Lé (GRUA), Dr. Emanuel Cunha (Serviços de Cultura), Elmano Ramos (Armazéns Gerais), Justino Tomás Ribeiro, José Esperança; Serviços de Higiene e Limpeza; Serviços de Fiscalização e José Carlos Maximino (Gabinete de Imprensa).

FESTAS DO MUNICÍPIO DE 1994 MAIO DE 1994

PROGRAMA

8 DOMINGO

7 SÁBADO

9.00 H

CLUBE DE TÊNIS
DE AVEIRO

10.00 H

PR. DA REPÚBLICA
AV. DR. L. PEIXINHO

14.00 H

CANAL DA GAFANHA

15.00 H

PR. DA REPÚBLICA

15.30 H

TÉNIS

1.ª JORNADA DO TORNEIO
SANTA JOANA

ARRUADA

FANFARRA DE S. JACINTO
E PREGÕES

VELA

REGATA SANTA JOANA

ACTUAÇÃO

BANDA AMIZADE

EXPOSIÇÕES

INAUGURAÇÃO DE
EXPOSIÇÕES ALUSIVAS
NÓBREGA E SOUSA
GALERIA MUNICIPAL
ZECA AFONSO
BIBLIOTECA MUNICIPAL
A DECORRER ATÉ AO DIA 22

TEATRO

QUEREMOS SER UM QUARTETO DE
CORDAS, PELO CÍRCULO
EXPERIMENTAL DE TEATRO DE AVEIRO

DANÇA

PROJECTO DE DANÇA DE AVEIRO

ANDEBOL

TORNEIO SANTA JOANA

EXPOSIÇÃO

MACAU NAS ESCOLAS: UM OLHAR
SOBRE O ORIENTE
ATÉ 05 DE JUNHO

9.00 H

CLUBE DE TÊNIS
DE AVEIRO

14.00 H

CANAL DA GAFANHA

15.30 H

CENTRO SOCIAL E
CULTURAL DE
S. JACINTO

16.00 H

PAVILHÃO DA
UNIVERS. DE AVEIRO

18.00 H

LARGO DO
ROSSIO

TÉNIS

2.ª JORNADA DO TORNEIO
SANTA JOANA

VELA

REGATA SANTA JOANA

ESPECTÁCULO

TUNA MUSICAL SANTA CECÍLIA
GRUPO DE TEATRO SÉ NO PALCO

ANDEBOL

TORNEIO SANTA JOANA

CAMPEONATO DO MUNDO DE PESCA (ENCERRAMENTO)

9 SEGUNDA

17.00 H

PR. DA REPÚBLICA

21.30 H

SALA ESTÚDIO
DO GRETUA

TEATRO

INTERVENÇÃO TEATRAL URBANA
PELO ACTO: COMPANHIA TEATRAL

TEATRO

VACLAVER PELO GRUPO
EXPERIMENTAL DE TEATRO DA
UNIVERSIDADE DE AVEIRO

10 TERÇA

15.00 H

PR. DA REPÚBLICA

TEATRO

INTERVENÇÃO TEATRAL URBANA
PELO ACTO: COMPANHIA TEATRAL

21.30 H
SALA ESTÚDIO
DO GRETUA

TEATRO
VACLAVER PELO GRUPO
EXPERIMENTAL DE TEATRO DA
UNIVERSIDADE DE AVEIRO

11 QUARTA

11.00 H
PARQUE DE FEIRAS
E EXPOSIÇÕES

EXPOSIÇÃO
ABERTURA DA EXPOSIÇÃO ALUSIVA
A JOÃO CASAL
PARQUE DE FEIRAS E EXPOSIÇÕES
DE AVEIRO A DECORRER ATÉ AO DIA 15

16.00 H
LARGO DR. JAIME
MAGALHÃES LIMA

TEATRO
INTERVENÇÃO TEATRAL URBANA
PELO ACTO: COMPANHIA TEATRAL

12 QUINTA

9.30 H
PR. DA REPÚBLICA

(FERIADO MUNICIPAL)
**HASTEAR DAS BANDEIRAS
NACIONAL E DA CIDADE**

10.00 H
NÓ DAS PIRÂMIDES

INAUGURAÇÃO
MONUMENTO AO MARNOTO E À SALINEIRA

10.30 H
AV. DR. L. PEIXINHO

II CORRIDA DE BANDEJAS DE AVEIRO

12.00 H
SALÃO NOBRE PAÇOS
DO CONCELHO

SESSÃO SOLENE
ENTREGA DE DISTINÇÕES HONORÍFICAS

15.30 H
BAIXA DE S. ANTONIO

DESCERRAMENTO DE UMA LÁPIDE
EVOCATIVA DE ZECA AFONSO

PROGRAMA
AVEIRO 07 a 22 de Maio

**FESTAS
DO MUNICÍPIO**

Cartaz-programa das Festas do Município/94
(João Portugal)

PROGRAMA

16.30 H

PROCISSÃO DE SANTA JOANA

18.30 H

IGREJA DA
MISERICÓRDIA

CONCERTO
PELA ORQUESTRA DE CÂMARA DE AVEIRO

14 SÁBADO

16.00 H
PAVILHÃO
GIMNODESPORTIVO

BASQUETEBOL
1.ª JORNADA DO TORNEIO
SANTA JOANA

21.30 H
TEATRO AVEIRENSE

ESPECTÁCULO DE HOMENAGEM
NÓBREGA E SOUSA

15 DOMINGO

9.00 H
PAVILHÃO
GIMNODESPORTIVO

BASQUETEBOL
2.ª JORNADA DO TORNEIO
SANTA JOANA

21.30 H
TEATRO
AVEIRENSE

ESPECTÁCULO
ORQUESTRA DE CÂMARA DE AVEIRO
COMPANHIA DE DANÇA DE AVEIRO

19 QUINTA

21.30 H
TEATRO
BOLSO CETA

TEATRO
SHIN, PELO CÍRCULO EXPERIMENTAL
DE TEATRO DE AVEIRO

21.30 H
INSTITUTO DA
JUVENTUDE

TEATRO
MAR, LUTA E DOR PELO GRUPO DE
TEATRO DA ESCOLA JOÃO AFONSO
DE AVEIRO

21 SÁBADO

21.30 H
IG. PAROQUIAL
DE S. JOANA

ESPECTÁCULO
TUNA MUSICAL DE SANTA JOANA
PROJECTO DE DANÇA DE AVEIRO

21.30 H
TEATRO AVEIRENSE

ESPECTÁCULO
HOMENAGEM A ZECA AFONSO

22 DOMINGO

21.30 H
JUNTA DE FREGUESIA
DE CACIA

ESPECTÁCULO
GRUPO FOLCLÓRICO DE CACIA
CORAL POLIFÓNICO DE AVEIRO
PROJECTO DE DANÇA DE AVEIRO

EXPOSIÇÃO
CERTAME INTERNACIONAL DE ROCHAS,
MINERAIS, FÓSSEIS NA GALERIA MORGADOS
DA PEDRIGOSA A DECORRER ATÉ AO DIA 15

HOMENAGEM A AVEIRENSES

A sessão solene, realizada anualmente no dia 12 de Maio, feriado municipal, em homenagem a aveirenses, associações e entidades, considera-se como um dos pontos altos no programa das Festas do Município. Assim aconteceu em 1994, no salão nobre dos Paços do Concelho, sob a presi-

dência do Dr. Rogério Leitão e do Prof. Celso dos Santos, respectivamente presidentes da Assembleia Municipal e da Câmara Municipal, em exercício, e com a presença do Dr. Artur Cunha, representante do Governo Civil, de D. António Marcelino, Bispo de Aveiro, do Dr. Manuel Assunção, pre-

sidente do Conselho Pedagógico da Universidade de Aveiro, de todos os vereadores e de muitas outras pessoas.

Este ano, foram agraciadas com a Medalha de Mérito Municipal, em prata, o compositor Carlos de Melo Garcia Correia Nóbrega e Sousa, o empresário João Francisco Casal, o Almirante Fer-
rer Caeiro, o Chefe dos Bombeiros Novos Saúl Castro e o Coral Vera-Cruz. Sete funcionários camarários receberam a placa de homenagem, por vinte e cinco anos de serviço dedicados ao Município: – António Lopes, Carlos Fernandes, Fernando Luís, José dos Santos, Maria Pinto Calisto, Maria de Jesus Costa e Severino Morais.

Na Galeria Municipal também esteve patente uma exposição sobre o compositor aveirense Nóbrega e Sousa, inaugurada em 7 de Maio, comemorando os seus sessenta anos de carreira musical. Na dita exposição podiam ver-se fotografias, recortes de jornais, partituras de música, val-
sas, marchas populares, canções e árias de revista, além dos vários galardões, nacionais e estrangeiros, que recebeu ao longo da sua vida. A ideia desta homenagem partiu da Câmara Municipal e do Clube dos Galitos.

Com a mesma finalidade, realizou-se no dia 14, no Teatro Aveirense, um espectáculo oferecido pela Banda da Força Aérea, que teve a colaboração dos alunos do Conservatório de Música de Aveiro e de grupos corais da cidade.

Referindo-se a Aveiro, Nóbrega e Sousa diria ser uma «terra adorável e encantadora», que o viu nascer e onde viveu durante dez anos; depois da partida, os laços não se quebraram.

Amadeu de Sousa assim se haveria de referir ao ilustre compositor:

– Carlos de Melo Garcia Correia Nóbrega e Sousa. Natural de Aveiro, Nóbrega e Sousa é compositor musical, personalidade de marcante projecção no meio musical da Capital, é autor de numerosos trabalhos de música ligeira, de rica ins-
piração, e que, por isso, tem alcançado grande voga.

Estas composições, vivas e alegres, têm sido editadas e gravadas em disco no nosso país e no Brasil. Tem colaboração espalhada por diversos jornais e revistas.

É diplomado com o curso superior de piano do Conservatório Nacional de Música de Lisboa. Foi assistente de programas ligeiros da E.N. e foi colaborador do Semanário Rádio Nacional. É sua a linda canção que compôs expressamente para a revista intitulada «Sonho de Luar»: – «A navegar/serena docemente... / (Ao Cantar do Galo)

Nóbrega e Sousa, embalado pela ria que lhe serviu de berço, com fraldas de salgado e odores de maresia, foi o veleiro de rara inspiração sob um céu de alacridade, que o transportou a um mar de

inconfundíveis êxitos.

Auréola ímpar que revolucionou o panorama da música ligeira portuguesa, fruto de uma composição admirável e de invulgar sensibilidade, impregnada de lirismo e poesia, lega à posteridade as mais belas e inesquecíveis melodias.

João Casal, fundador da Metalurgia Casal, também já havia sido homenageado no contexto da BICIMOTA/94, no dia 11 de Maio, por iniciativa do Município. Neste certame, inaugurado pelo Ministro da Indústria e Energia, Mira Amaral, encontrava-se um espaço dedicado inteiramente à actividade de João Casal.

Sobre este empresário escreveu o Dr. Manuel Ferreira Rodrigues:

– O empresário João Casal é uma referência patrimonial importante para a indústria portuguesa e para a região de Aveiro. O fabrico de motores e veículos de duas rodas CASAL, bem como a Escola de Formação da Empresa são os títulos maiores da sua obra e da notariade que gran-
jeou.

Apesar das inúmeras dificuldades sentidas, a vontade de vencer foi decisiva. Em 21 de Junho de 1966 começou a trabalhar o 1.º motor CASAL, o «M152» de 50 c.c., com 4 velocidades; em 18 de Novembro desse mesmo ano, iniciava-se a produção do primeiro veículo CASAL, a scooter «Carina S170», equipada com um motor próprio, o «M153». Ao fim de meio ano de produção, já haviam sido produzidos 8.770 motores e 350 scooters.

A formação de trabalhadores especializados era vital para a sobrevivência e expansão do projecto. Tendo por modelo o ensino profissional de empresas alemãs que conheceu, João Casal cria na fábrica uma Escola de Formação que constitui, para si, o projecto mais gratificante, o seu maior orgulho. A «Escola da Fábrica» viria a formar um elevado número de técnicos decisivos para a expansão da empresa, os quais são hoje um factor importante para fixação de indústrias de metalomecânica na região. Alguns desses técnicos viriam-se a tornar industriais inovadores e empreendedores.

Por tudo o que há de singular ou típico no seu percurso e em toda a sua actividade, pela natureza e dimensão da sua empresa, este «self-made man» nascido no Bonsucesso, em 1922, conquistou um lugar de relevo na história da indústria portuguesa.

Uma outra personalidade aveirense a quem a Edilidade deliberou homenagear foi José Manuel Cerqueira Afonso dos Santos – o conhecido Zeca Afonso – poeta, músico e cantor, nascido em Aveiro no dia 2 de Agosto de 1929 e falecido em 1987. A sua música reflecte as suas vivências e os contactos com a cultura popular; iniciou-se no

fado, cantou músicas tradicionais, baladas e canções de intervenção.

Algumas fotografias, recortes de jornais, textos alusivos e dados biográficos, entre outras coisas, ilustraram a exposição que esteve no átrio da Biblioteca Municipal, de 7 a 12 de Maio.

No dia 12 de Maio, na Baixa de Santo António, foi também inaugurada uma lápide evocativa de Zeca Afonso. E no dia 21, no Teatro Aveirense, o cantor tornou-se presente, nas suas canções, pela interpretação dos grupos Culto de Orfeu, Quarteto de Saxofones, Quarteto de Clarinetes, Grupo de Metais, Últimos Dias, Só Nós, Companhia de Dança de Aveiro e Teatro do Efémoro, e pela voz de José Lino, Vítor Marques e Jacinta Ramos.

A respeito de Zeca Afonso, escreveu o Prof. Celso dos Santos:

– «Dentro do propósito de homenagear os aveirenses que se distinguiram ou se distinguem ao longo da sua vida, a Câmara Municipal como representante do nosso povo e dos seus sentimentos, deseja não esquecer a figura de José Manuel Cerqueira Afonso dos Santos – Zeca Afonso.

Nasceu em Aveiro, numa casa situada na velha Travessa do Passeio, junto à Escola Primária da Glória – casa e travessa que hoje não existem – em 2 de Agosto de 1929; seu pai Dr. José Nepomuceno Afonso dos Santos, natural do Fundão, era magistrado, e sua mãe D. Maria das Dores

Dantas Cerqueira, natural de Ponte de Lima, exercia o professorado no Ensino Primário.

Em reminiscência de memória, Zeca Afonso havia de confidenciar: «Nasci em Aveiro: lembro-me que jogava o pião e a malta dizia: – Ó pião de Aveiro, ó pião de Ovar...; foi uma infância turva, ligada a uma tia que foi praticamente a minha mãe: vivia numa espécie de paraíso». Assim como outra vez contou que tinha descoberto que «sou neto de um livre pensador de Aveiro. (...) um republicano que esteve ligado a um movimento importante de renovação escolar. Chamava-se Domingos Cerqueira (...) que chegou a fazer uma «cartilha», a segunda depois da «Cartilha Maternal» de João de Deus».

Zeca Afonso, preocupado com as suas composições e canções de intervenção, não dedicava grande espaço da sua memória à ria e à paisagem aveirense; contudo guardava certas imagens de alguns dos seus parentes. «...O Eduardo Cerqueira, velho jornalista de monóculo, a mulher de Carlos Candal...».

Zeca Afonso, «Andarilho dos Cantares», é um aveirense que fez história e entrou na história: deixou um legado musical que não se pode olvidar. Viveu anos intensos de sonhos e utopias, juntamente com privações e temores. Faleceu em 23 de Fevereiro de 1987, mas fica-nos a sua mensagem:

– «Nós não devemos apagar fogueiras, mas atear chamas».

MONUMENTO AO MARNOTO E À SALINEIRA

Na manhã do dia 12 de Maio, foi inaugurado o Monumento ao Marnoto e à Salineira, na rotunda rodoviária das Pirâmides; nem a chuva impediu a cerimónia. Nele se procuraram representar, além daquelas figuras tradicionais de Aveiro, as pirâmides de sal, as casas típicas da Costa Nova e os barcos moliceiros.

Idealizado e projectado pelo artista António Quintas, na sua execução colaboraram diversos técnicos municipais e várias empresas. Assim, a Edilidade Aveirense pretendeu perpetuar, num ponto estratégico da cidade, as figuras que fazem parte da história da região, traduzindo-as num monumento em aço inox, assente numa base de betão, onde se destacam lagos intercomunicáveis. Toda a obra foi custeada pelo Erário Municipal.

Transcrevem-se, a seguir, os textos inseridos na brochura explicativa.

1 — RAZÃO PARA O MONUMENTO

Braços hercúleos, traços morenos, pele tsnada pela torreira do sol, mãos calejadas das alfaias e



Monumento ao Marnoto e à Salineira

dos remos, pés endurecidos pelos cristais do sal, roupas singelas para o trabalho, assim nos aparece o MARNOTO.

Árdua labuta no transporte do sal em canastras de vime, passo apressado e leve do barco para o armazém, vestes que não lhe roubam a graça e a única espectacularidade onde o branco do sal contrasta com o azul da água e do céu, caracterizando uma região.

Figuras simbólicas de Aveiro milenar, o marnoto e a salineira fizeram da paisagem um gracioso e único espectáculo onde o branco do sal contrasta com o azul da água e do céu, caracterizando uma região.

Por isso, a Câmara Municipal de Aveiro deliberou, em 16 de Fevereiro de 1987, erigir um monumento que perpetuará as personagens que identificam uma actividade tradicional em Aveiro.

Finalmente, após reflexão demorada, profunda e cuidadosa, a Edilidade aceitou o projecto da autoria do artista António Quintas em ordem à sua execução na qual colaboraram diversos técnicos municipais e várias empresas.

*O Presidente da Câmara Municipal, em exercício,
Prof. Celso Santos*

2 — NOTAS DO AUTOR DO MONUMENTO

O Marnoto e a Salineira são figuras características desta cidade, que projectaram a sua imagem além fronteiras e a engrandeceram com o seu trabalho. São figuras que praticamente já só pertencem ao passado, assim como outras imagens ex-libris desta Urbe. Só tiveram a sua razão de ser e existência, inseridas num meio característico, por sua vez indissociável das mesmas. Assim, quando se fala no Marnoto e na Salineira, vêm-nos à memória também as salinas, a água, o sol, o moliceiro, os palheiros e as casas típicas da Costa Nova.

É precisamente esta simbiose que se pretendeu condensar num Monumento só, como um todo.

Toda a obra monumental está assente sobre uma base de betão, onde se destacam vários lagos intercomunicáveis que representam as salinas, local de trabalho do Marnoto e da Salineira. As duas formas piramidais representam as pirâmides e o sal. Nestes módulos descortinam-se umas faixas verticais, que simbolizam os armazéns de sal e as típicas casas da Costa Nova. A proa e ré do moliceiro, barco único do Mundo e como tal imagem a preservar, também se encontra neste monumento; conforme o ângulo de visão, vê-se completo. As velas açoitadas pelo vento estão representadas pelo módulo central, com forma de vela de moliceiro, totalmente preenchido por uma queda de água. As figuras do Marnoto e da Sali-

neira, com os seus apetrechos, estão conscientemente estilizados, como se fossem o reflexo dessas figuras na água; são um conjunto de salinas que, colocadas topo a topo, formam estas figuras humanas. As salinas e o Homem são assim um todo. São a expressão simples dos desenhos das proas dos moliceiros.

Este monumento foi ainda concebido para ser observado em 360 graus, à velocidade de 20 a 30 Km, o que lhe confere leveza e movimento em sentido contrário a quem circunda o local, provocando a leitura de imagens como se de um animatógrafo se tratasse e manifestando um regresso nostálgico no tempo:

Medidas:

Altura máxima cota zero 21,60 metros
Comprimento 23,20 metros

Na zona lagunar a paisagem é decorada com as salinas e os montes de sal em forma piramidal. Também no Egipto as pirâmides são o seu ex-libris. Atendendo a esta semelhança, em escala de valor diferente, não quis deixar de associar ao monumento certas curiosidades, como se verifica nas referidas pirâmides egípcias.

Assim: O monumento está orientado de forma a que cada um dos braços piramidais indique os 4 pontos cardeais. O módulo central está orientado na posição Norte-Sul. As figuras estão viradas a Sul e para a zona lagunar.

Datas que se obtêm somando várias medidas das peças:

A soma de medidas de secção do módulo central exceptuando-se o zero (5+2) é 7. A medida de qualquer das bases em metros é 10. A soma da altura máxima com a altura mínima do módulo central mais a medida de uma das bases em metros (21+18+10) será 49. - 7/10/49 data de nascimento do autor.

A soma (21+18) módulo central + (1,40x4) medidas entre verticais + (3,20) largura interior módulo central + (40) soma das bases em metros = 959, o ano em que pela primeira vez Aveiro aparece referenciado em documentos escritos.

A soma (21+18+3,20) módulo central + (11,20) altura da pirâmide menor + (2x1,40) medida entre as verticais da pirâmide e o módulo central = 1759 ano em que Aveiro passa à categoria de cidade.

A soma (1,40+7,50) medida interior das pirâmides + (10,20) uma base = 1910 ano da implantação desta República.

A soma das bases em metros (40) dá-nos a latitude de Aveiro que é 40 graus Norte.

A soma dos centímetros da base, exceptuando-se o zero (8) dá-nos a longitude de Aveiro que é 8 graus Oeste.

António Quintas

VARANDA, JANELA E JARDIM FLORIDO

Durante o mês de Maio de 1994, decorreu o concurso da Varanda, Janela e Jardim Florido que, como nos anos anteriores, pretendeu sensibilizar a população para a melhoria da imagem urbana de Aveiro; o concurso estendeu-se não apenas às freguesias da Glória e da Vera-Cruz, mas também às de Esgueira, de Aradas, de São Bernardo e de Santa Joana. As inscrições efectuaram-se até ao dia 29 de Abril, nas sedes das Juntas de Freguesia e na Câmara Municipal.

Os critérios que regeram este concurso tiveram em consideração a beleza e a harmonia do conjunto, assim como a qualidade e o estado de floração; foram aceites todas as qualidades de flores.

Em Agosto reuniu-se o júri, constituído pela Vereadora da Cultura, D. Maria da Luz Nolasco, e

pelos técnicos municipais D. Celeste Maia e Arq. José Quintão, e ainda pelos Presidentes das respectivas Juntas de Freguesia. As atribuições foram as seguintes:

Varandas: 1.º Prémio: Ilda Melo Neves, moradora na Rua Cândido dos Reis, 68 - 1.º Dto.;

Janelas: 1.º Prémio: Caminhos de Ferro Portugueses, através da Estação de Aveiro;

Jardins: 1.º Prémio: Escola Prepartória Aires Barbosa.

Os primeiros classificados receberam um prémio pecuniário de cinquenta mil escudos, os segundos trinta mil escudos, os terceiros vinte mil escudos, os quartos dez mil escudos e os quintos cinco mil escudos. Os que foram contemplados com menções honrosas também receberam a compensação de mil e quinhentos escudos.

BICIMOTA/94

Realizou-se em Maio, de 11 a 15, a exposição bienal dos veículos de duas rodas, conhecida por BICIMOTA e promovida pela Associação Nacional de Industriais de Bicicletas, Ciclomotores, Motocicletas e Acessórios (ABIMOTA), a que preside o aguedense José Maria Marques. Como as duas mostras anteriores, também esta se realizou no Parque Municipal de Feiras e Exposições, em Aveiro, com a colaboração interessada de diversas entidades, entre as quais se refere a Autarquia aveirense.

O Ministro da Indústria e Energia, Mira Amaral, presidiu à sessão de abertura, em que também estiveram o representante do Governo Civil, o Bispo da Diocese, os presidentes das Assembleias e Câmaras Municipais de Aveiro e de Águeda e o representante do ICEP - Investimentos, Comércio e Turismo de Portugal. Tendo falado José Maria Marques, o Prof. Celso Santos e o Dr. Dinis

Ramos, o Ministro Mira Amaral começou por dizer «que era com todo o gosto que visitava o certame», uma das mostras mais importantes de veículos de duas rodas; frisou ainda que «o sector tem de continuar a apostar na internacionalização e na diversificação de mercados», indo «ao terreno dos outros fazer aquilo que eles estão a querer fazer em Portugal».

Mira Amaral afirmou também que «era bom que todos percebessem que quem assegura hoje os postos de trabalho, a defesa das condições de vida, as melhores regalias sociais das empresas e salários condignos, é a competitividade das empresas, não são os decretos governamentais».

A BICIMOTA/94, com sessenta e oito expositores nos dois pavilhões do Parque, registou a visita de cerca de noventa mil pessoas; isto certamente ficou a dever-se à grande divulgação que dela se fez, tanto no País como na Europa.

FEIRA DO LIVRO

Em moldes diferentes dos anteriores, decorreu em Aveiro a Feira do Livro de 1994, entre os dias 28 de Maio e 5 de Junho; o certame, que já foi o vigésimo segundo que se realizou nesta cidade, teve a representação de quarenta e duas editoras, embora fosse reduzido o número de livros. Em paralelo, viu-se uma significativa presença de diversas entidades, desde os estabelecimentos de ensino até aos jornais, clubes e associações.

A área central do pavilhão octogonal do Parque de Feiras e Exposições, onde decorreu a mos-

tra, foi preenchida por uma exposição de artes plásticas e pelo «stand» da Biblioteca Municipal,

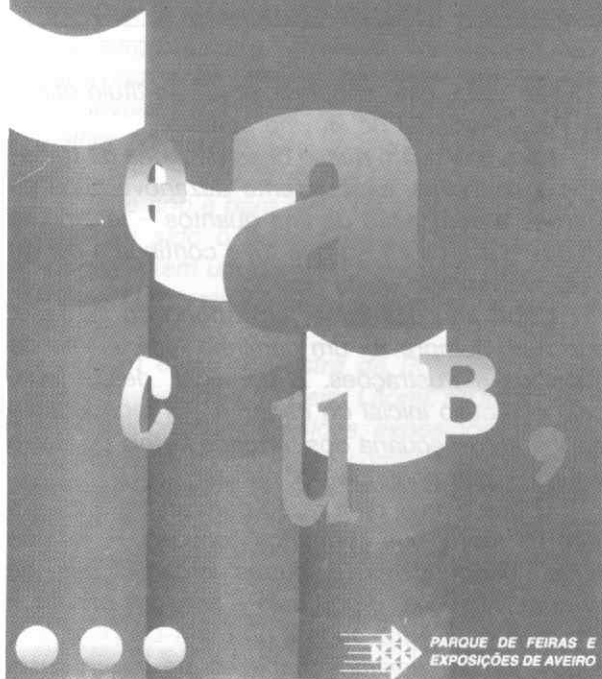
Naquela exposição de pintura, da responsabilidade da «Aveiro-Arte», encontravam-se obras de Alexandre Baptista, Artur Fino, Cândido Teles, Carlos Lourenço, Emerenciano, Guerra de Abreu, Jeremias Bandarra, João Lemos, Leonor Afonso, Lúcia Seabra, Luís Campos, Milú Sardinha, António Quintas, Vasco Afonso, Vasco Branco, Waldemar Ribau e Zé Monteiro.

O programa de animação contou com diver-

FEIRA DO LIVRO

Aveiro, 28 de Maio a 5 de Junho / 94

Cartaz da Feira do Livro
(João Portugal)



As iniciativas, das quais destacamos: – Actuação do Quarteto de Cordas, da Orquestra da Câmara de Aveiro; concerto de Guitarra Clássica por António Gonçalves (professor do Conservatório Real de Bruxelas); espectáculos de Teatro Infantil; sessões de banda desenhada, por Augusto Trigo; Palhaços, poesia, teatro e música, pela Oficina de Diósinos.

No dia da abertura, foi proferida uma Conferência sob o tema «Escrever para crianças e adolescentes – As experiências», com a participação de Arsénio Mota, Graça Gonçalves e António Mota; no dia 31, realizou-se outra conferência – esta subordinada ao tema «Famílias, companheiras na leitura», de que se encarregaram o Dr. José António Gomes, presidente da Secção Portuguesa do IBBY (Organização Internacional para o Livro Juvenil) e a Dra. Natércia Rocha; no dia 2 de Junho, a Dra. Cecília Sacramento, o Dr. Daniel Tércio e a Dra. Clara Sacramento dirigiram um colóquio; finalmente, no último dia da Feira – Dia Mundial do Ambiente – após um debate com os núcleos de ambiente das escolas da cidade, decorreu a entrega dos prémios do concurso inter-escolar «A Natureza precisa de ti».

Houve ainda o lançamento de dois novos livros, respectivamente nos dias 31 de Maio e 4 de Junho: – «Sobre a História dos Meus Pais?», da autoria da escritora eixense, Graça Gonçalves, apresentado pela Dra. Natércia Rocha; e «Espero que tudo acabe bem e que fiquemos todos juntos», da autoria dos alunos dos segundos e terceiros ciclos das Escolas C+S de Cacia, Oliveirinha, de São Bernardo e João Afonso de Aveiro.

A crescente actividade da imprensa e edição

regionais é um sintoma importante que prometemos explorar. Na realidade proliferam em quantidade e qualidade jornais, por vezes associados a emissoras, para além de ser cada vez mais frequente a edição de obras de carácter diverso, essencialmente por parte das autarquias.

Reconhecendo a necessidade de no futuro ser encontrado um local mais integrado no dia-a-dia da cidade, faço votos para que os aveirenses reconheçam com a sua participação a utilidade deste certame, garantindo-lhe o futuro».

Escreveu na altura o Prof. Celso dos Santos, Presidente da Câmara de Aveiro, em exercício:

– «A propósito de mais uma Feira do Livro, que decorre de 28 de Maio a 5 de Junho, há a referir a sua longevidade de 22 anos consecutivos que agora se completam.

Deste modo uma palavra de apreço pelo empenhamento dos livreiros aveirenses que têm sabido ultrapassar dificuldades várias para tornarem realidade esta Feira, contribuindo, assim, para que todos possam encontrar-se com o que há de novo no âmbito da leitura sem terem que se deslocar.

Pese embora alguns problemas, aí está a Feira com virtudes e defeitos, certamente.

Agradecemos a todos os livreiros a sua presença e confiamos que os esforços sejam compensados com a adesão dos aveirenses.»

Por sua vez, a Vereadora do Pelouro da Cultura, Dra. Maria da Luz Nolasco Cardoso, deixou o seguinte testemunho:

– «No domínio dos esforços para a promoção do livro e da leitura no Concelho de Aveiro, a Feira do Livro desempenha um lugar central.

Não bastam iniciativas como a já concretizada reinstalação da Biblioteca Municipal e o início da criação de uma rede de leitura concelhia através da instalação em breve de núcleos fixos em Esgueira e Santiago. Outros se seguirão. Fundamentalmente é também o estabelecimento de rotinas de animação em todos os núcleos – hora do conto, apresentação e discussão de obras, encontros de leitura colectiva, exposições, etc.. A expontaneidade do recente aparecimento de uma tertúlia literária – Grupo Poético de Aveiro – é um sinal, que saúdo, da apetência que a cidade começa a demonstrar.

A Feira do Livro, pelo seu carácter e periodicidade, é o evento que potencialmente pode de forma mais global criar na população interesses pela leitura e pelo livro. Neste sentido é com muito interesse que a Câmara Municipal tem vindo a desenvolver esforços para a sua valorização, introduzindo ano a ano novos conteúdos na programação. Muito poderá ainda vir a ser feito. Devemos, no entanto, ter presente que a dimensão concelhia do acontecimento tudo faz depender do interesse dos livreiros locais.

A Feira Nacional do Bovino Leiteiro e Mostra Agrícola-Industrial – AGROVOUGA/94 – decorreu no Parque Municipal de Feiras e Exposições de Aveiro, de 16 a 24 de Julho. Para além das habituais exposições de animais bovinos e equinos, de maquinaria, de artesanato, de vários concursos e diversas palestras, colóquios e convívios, o certame deste ano, já na décima nona edição, teve como novidade a I Mostra de Produtos Tradicionais de Qualidade da Beira Litoral – uma iniciativa que ocupou uma grande área no pavilhão rectangular e que pertenceu à Direcção Regional de Agricultura da Beira Litoral.

Presidiu à cerimónia inicial o Ministro da Agricultura, Alimentação e Pescas, Duarte Silva, que, nas palavras de circunstância durante a breve sessão, disse que a «Agrovouga dá prestígio a Aveiro», e que «permite se mostre que é importante para a agricultura portuguesa, defendendo ainda que os «eventos como este são importantes e mostram que há quem acredite e quem queira fazer melhor na agricultura portuguesa».

Entre os presentes, encontravam-se o Dr. José Girão Pereira, Presidente da Edilidade Aveirense, o Prof. Celso dos Santos, Vereador do Pelouro das Feiras, Carlos Vicente Mendes, Presidente da Associação de Criadores de Cavalos de Aveiro, Eng. Carlos Manuel Ferreira Maia, Director Regional de Agricultura da Beira Litoral, e D. António Marcelino, Bispo de Aveiro.

O Dr. José Girão Pereira, participando no último acto oficial como Presidente da Câmara Municipal, lamentou não ter concretizado o objectivo a que se tinha lançado, qual era o de dotar Aveiro de um novo Parque de Feiras e Exposições condigno da Região e das suas potencialidades. Disse também sentir-se feliz por ver que este certame se afirmava a nível nacional, afirmando que «a agricultura portuguesa, para não falar apenas da aveirense, já não pode viver sem a Agrovouga».

O Ministro da Agricultura, no seu breve discurso, não deixaria de elogiar a acção do Dr. Girão Pereira, confessando embora estar num governo que não é da mesma corrente partidária do autarca aveirense; «contamos consigo para a agricultura», porque confiamos em que «vai lutar na defesa dos interesses de Portugal no Parlamento Europeu».

Cerca de cem mil pessoas visitaram a Agrovouga, o que representou um aumento significativo em relação ao ano anterior.

Como é nosso costume, arquivam-se os textos do Presidente da Câmara e do Vereador do Pelouro das Feiras:

1 — «No coração da Região do Vouga, conhecida como o solar da vaca leiteira, a AGRO-

VOUGA volta, este ano, a fazer juz ao título oficial de Feira Nacional do Bovino Leiteiro.

Para trás ficam quase duas décadas de trabalhos e canseiras, exactamente dezanove anos de entrega e dedicação de uns quantos – felizmente muitos – a uma causa que foi e continua a ser do desenvolvimento desta Região.

Cabe aqui sublinhar, em abono da verdade, que nem sempre foi um caminho fácil, isento de escolhos e frustrações. A começar, desde logo, pelo objectivo inicial do certame – a recuperação para a agro-pecuária dos terrenos férteis do Baixo Vouga – que continua por realizar.

O que é mais uma razão para afirmarmos, em jeito de repto, que contamos convosco – expositores, cooperativas e outras organizações da lavoura, técnicos, produtores e serviços oficiais – em mais esta Agrovouga e no dia-a-dia para que, todos juntos, sejamos capazes de fazer desta Região ubérrima uma terra de progresso e bem-estar, como desejamos.

Em nome da Câmara Municipal, fica o meu muito obrigado pelo muito que nos têm motivado nesta caminhada e ajudado nesta tarefa.»

Cartaz da Agrovouga/94
(João Portugal)



2 — «A 19.ª edição da Agrovouga está aí!

Com a pujança que a tem caracterizado, ei-la que surge sempre renovada, tornando-a não só cada vez mais prestigiada, mas num crescente desenvolvimento que a coloca a par do que melhor no sector agro-pecuário se faz no nosso país.

Este ano e para além da sua grande bandeira que tem sido o gado bovino e equino, a Agrovouga/94 tem uma grande inovação — mais uma — e que faz desta Mostra, o orgulho de toda esta Região.

Com efeito a Mostra de Produtos de Qualidade Tradicionais da Beira Litoral, ao juntar-se aos habituais concursos, leilões, exposições, floricultura, maquinaria, etc., vem complementar este certame com a promoção e divulgação de carne de raças autóctones, particularmente a Marinhola, Arouquesa, Vitela de Lafões, Borrego da Serra da Estrela e Cabrito da Gralheira. Os queijos têm o seu lugar assegurado, nomeadamente o da Serra da Estrela e o do Rabaçal. Mel da Serra de Lousã e frutas como a maçã da Beira Alta e a bravo de Esmolfe completam a «ementa», que pode e deve ser acompanhada com os vinhos de qualidade como são os do Dão, Bairrada, Lafões e Encosta d'Aires.

Tudo isto pode ser apreciado num Restaurante privativo.

De novo, no Parque de Feiras e Exposições, a «Agrovouga/94» preenche um espaço tão do agrado dos habitantes da nossa Região, como dos muitíssimos forasteiros que nesta época nos visitam.

Não quero deixar de agradecer aos expositores que nos honram com a sua presença, nem a todos aqueles que de qualquer forma a tornam possível.

Se o esforço para pôr de pé uma Mostra desta grandeza é digno de realce — a equipa que a realiza é notável, e por isso lhe estou grato — não é menos verdade que a satisfação que sentimos é

deveras gratificante e leva-nos a pedir que consulte o programa, que é deveras aliciante.

Prestigiar o sector agro-pecuário na nossa Região é, não só o nosso lema, mas também a certeza que estamos a contribuir para o seu engrandecimento, numa altura que tem de ser olhado com maior carinho, para mais facilmente atingir os objectivos a que se propõe.

Daí que, a Agrovouga não seja só nossa. Queremos que seja igualmente sua, e por isso saudamos a sua presença numa forma amiga e fraternal. Bem-vindos à Agrovouga/94.

Comissão de honra: Ministro da Agricultura; Governador Civil de Aveiro; Presidente da Câmara Municipal de Aveiro; Presidente do Instituto de Estruturas Agrárias e Desenvolvimento Rural; Presidente do Instituto de Protecção da Produção Agro-Alimentar; Director Regional da Agricultura da Beira Litoral; Presidente da Associação Portuguesa de Criadores da Raça Frísia; Presidente da Associação dos Criadores da Raça Autóctone Arouquesa; Presidente da Associação de Criadores da Raça Autóctone Marinhola e Presidente da Associação de Criadores de Cavalos de Aveiro.

Colaboração especializada: Direcção da Agricultura da Beira Litoral; Instituto Nacional da Qualidade Alimentar; Associações das Raças Autóctones Arouquesa e Marinhola; Comissão Vitivinícola da Bairrada; Lacticoop; Proleite; Cooperativa Agrícola Aveiro-Ílhavo; Associação Nacional dos Industriais de Lacticínios; FENALAC e E.A.L.B. (Estação de Apoio à Bovinicultura Leiteira.

Secretariado: Maria Alexandrina Maximino; Irene Bártolo; João Portugal; Nelson Chaves; António José Bartolomeu; Elmano Ramos; Justino Tomé Ribeiro; Acílio Vitório e Artur Oliveira.

Gabinete de Imprensa: José Carlos Maximino

FESTA DA RIA

A regata dos moliceiros, no dia 31 de Julho, constituiu o ponto alto e típico da «Festa da Ria», em Aveiro. Todavia, não se deve esquecer que do programa, que decorreu de 1 de Julho a 4 de Setembro, também constaram marchas, números de folclore, actuação de grupos musicais, vários concursos, concertos festivos, animação de espaços e outras iniciativas que tiveram lugar nos concelhos ribeirinhos.

No que se refere aos moliceiros, o número de inscrições foi superior ao dos últimos anos, atingindo o número 28 na partida do cais da Torreira. A meta, como habitualmente, foi Aveiro. Rapida-

mente, deslizando pela Ria, alguns dos concorrentes tomaram a dianteira, deliciando o público que



se encontrava nas margens a apreciar um espectáculo deslumbrante em maravilhoso cenário.

O vencedor, Reinaldo Tavares Belo, repetiu os êxitos do ano anterior, já que voltou a ganhar não apenas a regata como também o concurso dos painéis – o que lhe valeu arrecadar, com o prémio de presença, quase uma centena de contos.

Além deste, classificaram-se, nas posições seguintes, Manuel da Silva Vieira, António Garete, Fernando Dias Silva Tavares e Gonçalo António Caravela Vieira. O mesmo aconteceu no concurso de painéis, classificados por um júri constituído pelo artista Jeremias Bandarra, pelos professores Francisco Fausto e Jaime Vilar e por Artur Jorge de Almeida, da Rota da Luz.

A corrida das bateiras, no Canal Central, mostrou sinais de renovação com a presença de equipas de jovens. A falta de condições do Canal e das suas margens não permitiu a prática das modalidades de sirga e vara. «À pá», classificaram-se, na classe jovem, «Os Animais», e os «Traquinas»; em senhoras, as equipas «Snack-Bar

Rosa Maria» e «Andias e Marques»; e, na classe dos homens, as formações de «Os Cagaréus», «Andias e Marques» e «Matolas».

Nas palavras do Presidente da Câmara Municipal, Prof. Celso dos Santos, o grande objectivo desta regata e dos restantes concursos é a preservação do barco moliceiro. Com a mesma finalidade, o Executivo Aveirense tem adquirido algumas embarcações, que vão sendo utilizadas em circuitos turísticos.

É de salientar o facto de, este ano, a Festa da Ria ser organizada não só pela Câmara Municipal de Aveiro, mas também pelas Câmaras Municipais de Estarreja, de Ílhavo, da Murtosa, de Ovar e de Vagos, e ainda pelas Escolas Preparatórias de Ílhavo e da Gafanha da Nazaré, e por Turismoda, Empreendimentos Quebra-Mar, Clube de Vela da Costa Nova, Associação Náutica da Gafanha da Encarnação, Rancho Folclórico de Santo António e Orfeão de Vagos; contou ainda com o patrocínio da Região de Turismo Rota da Luz.

FARAV/94

Um dos certames mais importantes do ramo, que decorreu no nosso País em 1994, realizou-se em Aveiro, de 6 a 14 de Agosto; trata-se da Feira de Artesanato da Região e Mostra Nacional e Internacional de Artesanato – FARAV/94.

A par do artesanato, esta feira, que foi a 15.ª edição, manifestou-se um autêntico encontro de culturas pela presença, além dos cento e trinta artesãos nacionais, de representações estrangeiras das seguintes nações: – Bolívia, Brasil, China, Colômbia, Equador, Irão, Kénia, Marrocos, Nepal, Paquistão, Paraguai, Perú, Ruanda, Rússia, Senegal, Tailândia e Turquia.

Como simples nota de reportagem, contaram-se sessenta e seis artesãos do Concelho de Aveiro, dezasseis Câmaras Municipais (Albergaria-a-Velha, Águeda, Arouca, Aveiro, Castelo de Paiva, Estarreja, Murtosa, Oliveira de Azeméis, Oliveira do Bairro, Sever do Vouga, Vagos, Vale de Cambra, Abrantes, Alcobaça, Gondomar e Valongo), seis associações de artesanato (Cooperativa de Artesãos de Aveiro – A Barrica, Associação Cultural dos Artistas de Esgueira, ACAV, Associação de Artesãos do Mogodouro, Associação Cultural e Desportiva de Pedraído, e Associação para a Defesa do Artesanato e Património de Vila do Conde), nove representações oficiais (Instituto de Emprego e Formação Profissional de Aveiro, Instituto de Emprego e Formação Profissional de Viseu, Instituto de Emprego e Formação Profissional de Castelo Branco, CEART, Direcção Geral de Apoio e Extensão Educativa, Associação Portu-

guesa de Pais e Amigos do Cidadão Deficiente Mental, Casa da Nossa Senhora do Rosário de Tavares, Centro de Acção Social do Concelho de Ílhavo e Estabelecimento Prisional de Aveiro) e

FARAV'94



FEIRA DE ARTESANATO DA REGIÃO DE AVEIRO
MOSTRA NACIONAL E INTERNACIONAL DE ARTESANATO



Cartaz da Farav/94
(João Portugal)

duas Regiões de Turismo (Região de Turismo Rota da Luz e Região de Turismo do Oeste).

A FARAV/94, que – como é desejo dos seus promotores – quis promover o artesanato regional, nacional e internacional, justificou, por isso, na cerimónia de abertura, a presença do Dr. Gilberto Madaíl, Governador Civil do Distrito, e do Presidente da Câmara Municipal de Aveiro e demais autarcas e responsáveis pelas instituições e serviços sediados entre nós.

Uma das características do certame foi a presença de noventa artesãos «a trabalharem ao vivo». Ao longo dos nove dias, houve também vários números de animação musical e artística, com alguns dos artistas a circularem por meio dos visitantes. A organização, a cargo dos Serviços de Cultura do Município, incluiu no programa duas conferências sobre «A comercialização do Artesanato» e «A importância das Empresas Artesanais no desenvolvimento local e nas identidades locais».

Um júri, constituído pelo Dr. Emanuel Cunha (Câmara Municipal), Dr. Artur Jorge (Rota da Luz), José Maximino (Comunicação Social), João Portugal (designer), Dr. Acácio Conde (I.E.P.F.), Delfim Santos (CEART) e Manuel Longo (A Barrica), apreciou e classificou «a melhor peça do artesanato», dentro das diversas modalidades. Assim:

Couro: 1.º Prémio – Olga Lopes, de Ovar (artesanato criativo).

Cerâmica: 1.º Prémio – Arlindo Rodrigues, de Lisboa (artesanato criativo); menção honrosa – Leonel Telo, das Caldas da Rainha.

Têxteis: 1.º Prémio – Maria Boas, de Vila do Conde (artesanato tradicional); menções honrosas – Arminda Lourenço, de Castelo Branco, e Maria Félix, de Felgueiras.

Madeira: 1.º Prémio – Artempus, de Aveiro (artesanato tradicional).

Pintura de painéis cerâmicos – 1.º Prémio – Rui Campos, de Aveiro; menção honrosa – Marcos Muge, de Ovar.

Outros materiais: 1.º Prémio – Leandro Coutinho, de Gondomar (artesanato tradicional); 1.º Prémio – Justino Brito (artesanato criativo); menções honrosas – Irene Almeida, de Coimbra e Serralharia Artística Carlos Sucena, de Aveiro (ambos em artesanato criativo).

No respectivo folheto, escreveram o Presidente da Câmara Municipal, Prof. Celso dos Santos, e o Presidente da Região de Turismo Rota da Luz, Francisco da Encarnação Dias:

1 – «A FARAV/94 – 15.ª Feira de Artesanato da Região de Aveiro / 7.ª Mostra Nacional de Artesanato – é um duplo certame que prova, entre outras evidências, que as artes tradicionais, de raiz marcadamente populares, estão, afinal, bem vivas

apesar dos tempos que correm e das tecnologias que se instalam.

E ainda bem que assim acontece, num momento em que as fronteiras dos países caem e as identidades dos povos tendem a esvaziar-se perante a massificação das ideias, dos conceitos, das técnicas e dos gostos.

Afigura-se-nos, deste modo, agradável e reconfortante constatar que, ao invés de se diluírem, por efeito do progresso científico e do desenvolvimento tecnológico, as artes populares (e o artesanato) tendem a revitalizar-se.

Tem sido essa, aliás, a aposta – ou a principal razão de ser da Farav – Feira do Artesanato da Região de Aveiro, que este ano vai na 15.ª edição, sem que, com o decorrer dos anos, tenha perdido em motivação e capacidade de atracção.

Bem pelo contrário, foi o interesse e a insistência dos artesãos, a nível de todo o País, que nos levou, há sete anos, a alargar o âmbito do certame, adquirindo uma dimensão que, nas últimas edições, ultrapassou largamente as fronteiras de Portugal.

Fruto do trabalho de um pequeno grupo enquadrado pelos Serviços de Cultura da Câmara Municipal de Aveiro, a FARAV, se é hoje em dia uma realidade cultural marcante, deve-o, também, a um vasto número de colaborações, com destaque para a Região de Turismo «Rota da Luz», para o Instituto do Emprego e Formação Profissional e para a Cooperativa «A BARRICA», para referirmos apenas os apólos institucionais.

Para estes e muito especialmente para os outros – os artesãos e os visitantes que dão vida ao certame – aqui fica uma palavra de admiração e de agradecimento do Presidente da Câmara.

2 – «A Farav, a Feira de Artesanato de Aveiro, vai abrir as suas portas em 6 de Agosto, para a sua XV edição.

Cada vez mais prestigiada e com maior interesse para quem a visita, a FARAV constitui já uma das Feiras tradicionais a que a Câmara Municipal de Aveiro dedica uma especial atenção, porque são notórias as transformações – no bom sentido – por que tem passado.

O Instituto de Emprego e Formação Profissional não dispensa igualmente o seu indispensável apoio, que sempre tem valorizado o certame.

Para o Turismo, a FARAV é um cartaz, um produto já indispensável à Região; são milhares os turistas que a visitam.

Cada vez mais o artesanato vem despertando interesse, e assim têm igualmente os artesãos a oportunidade de expor e mostrar os seus produtos.

A Rota da Luz vem desenvolvendo uma política de acompanhamento e interesse pelas actividades do artesanato, mesmo na sua vertente de

divulgação cultural, e aqui fica uma palavra de gratidão às nossas autarquias, pela sua participação, e a todos os expositores.

Comissão organizadora: – Prof. Celso dos Santos, Dr. Acácio Conde, Dr. Artur Jorge, Eva-

risto Silva, Arq. José Quintão, Dr. Emanuel Cunha, Alexandrina Maximino, Elmano Ramos, João Portugal, Isabel Ramos, Irene Bárto, Paula Cardoso, Justino Ribeiro, Nelson Chaves, Dolores Maia e Artur Oliveira.

FEIRA DO VINHO

No Parque Municipal de Feiras e Exposições, realizou-se a I Feira do Vinho, que decorreu de 15 a 18 de Setembro; sendo uma das iniciativas da Câmara Municipal de Aveiro, teve a colaboração da Região de Turismo Rota da Luz e de vinte e oito expositores.

Na sessão de abertura, Francisco da Encarnação Dias, Presidente da Rota da Luz, diria que a I Feira do Vinho surgiu de um esforço conjunto para valorizar a Região e servir o sector empresarial e o turismo. «Ela será um primeiro passo para um certame mais amplo» – disse, concluindo: – «Se resultar, iremos então para uma Feira mais alargada, com a componente da gastronomia regional da rota da vitela, uma especialidade com origem na região da criação da raça bovina arouquesa, que chegou até à Inglaterra».

Por sua vez, o Presidente da Edilidade afirmou que, «embora se trate de um certame pensado há quatro ou cinco anos, sempre se duvidou do seu sucesso numa primeira fase; mas estamos esperançados de que tudo se modificará para melhor, no futuro».

Finalizando a cerimónia oficial da abertura do certame, o Governador Civil de Aveiro não deixou de se confessar surpreendido com o número de expositores de fora do Distrito. «Isto é o embrião de uma futura grande feira, com vinhos e gastronomia unidos» – frisou o Dr. Gilberto Madail.

Algumas caves, cooperativas e sociedades agrícolas aderiram à I Feira do Vinho, a que naturalmente se associou a gastronomia, vertente importante no ponto de vista turístico. Além dos vinhos, com provas diárias, os queijos, os fumados e os doces também enriqueceram e completaram o certame.

O Prof. Celso dos Santos escreveu a respeito desta iniciativa, com que se pretendeu proporcionar a industriais, comerciantes e outras entidades um espaço onde pudessem apresentar os seus produtos:

– «Não vai longe, ainda, o tempo em que – dizia-se à boca cheia – o vinho dava de comer a milhões de portugueses.

Hoje, se bem que a realidade já não seja propriamente essa, a vitivinicultura continua, apesar das dificuldades por que passa o sector, a repre-

sentar um conjunto de actividades de grande interesse económico e repercussões sociais óbvias. Tanto ao nível nacional como das próprias regiões.

Dos espumantes aos vinhos verdes, passando pelos maduros do «Dão» e da «Bairrada», o Distrito de Aveiro ocupa, também neste sector, um lugar de destaque no contexto nacional, afirmando-se quer pela qualidade quer pela diversidade dos seus produtos.

Estreitamente associada ao vinho – que nos últimos anos tem vindo a ser confrontado quer com a feroz concorrência de outras bebidas quer com a crescente concorrência externa, nem sempre a mais leal – anda, inevitável e gostosamente, a gastronomia. Um «produto» cada vez mais influente e decisivo na promoção turística e cultural das regiões.



Cartaz da Feira do Vinho
(João Portugal)

Foi exactamente a pensar nestas vertentes, diversas mas convergentes, que consubstanciam a «cultura» do vinho, que a Câmara e a Região de Turismo «Rota da Luz» de braço dado com o Parque de Feiras decidiram pôr de pé, este ano, pela primeira vez, um certame que lhe é inteiramente dedicado.

A avaliar pelos primeiros sinais, queremos acreditar que em boa hora o fizeram. E que terá valido a pena o esforço!

O certame está aí, o melhor que foi possível fazer, de portas abertas. Quanto ao resto, o público visitante – que nestas coisas é sempre o grande juiz – o dirá!

A nós, cumpre-nos deixar bem expresso, desde já, em nome da Autarquia, um sincero obrigado a todos quantos tornaram possível mais esta realização!

Mais uma vez, obrigado!»

Também Francisco da Encarnação Dias teve oportunidade de redigir e assinar o seguinte texto, publicado no respectivo folheto, como o anterior:

– «A Gastronomia ocupou sempre um lugar

de destaque no sector do Turismo.

C Comer bem e sobretudo comer com qualidade, enriquece quaisquer programas turísticos.

A gastronomia é hoje um produto turístico que oferece e promove não só como complemento mas também como atracção.

Mas uma boa gastronomia está associada, naturalmente, à qualidade dos vinhos. O vinho valoriza a gastronomia, e um mau vinho pode estragar uma boa refeição.

A Rota da Luz está inserida numa Região não só de excelente gastronomia, como de bons vinhos. Assim nasceu a ideia. Promover os excelentes vinhos que temos, numa festa.

Com a indispensável colaboração da Câmara Municipal de Aveiro e do seu Secretariado de Feiras, aí está a 1.ª Feira do Vinho, patrocinada pela Rota da Luz. Surge com o esforço conjunto, um interesse comum em valorizar a Região e servir o sector empresarial e o Turismo.

Neste evento, aproveita-se a oportunidade para se associar alguma gastronomia, doçaria, queijos e fumados, que certamente vai enriquecer o certame».

EXPOMAR

Esteve patente em Aveiro, de 19 a 23 de Outubro de 1994, uma exposição internacional, dedicada às actividades navais e marítimas. Tratou-se da EXPOMAR/94, uma iniciativa da Associação Industrial Portuguesa / Feira Internacional de Lisboa, em colaboração com a Câmara Municipal de Aveiro.

O Ministério do Mar, através da Direcção-Geral das Pescas, Direcção-Geral dos Portos, Transportes Marítimos e Navegação, Juntas Autónomas dos Portos e outros organismos por ele tutelados, esteve amplamente representado, ocupando mais de trezentos metros quadrados nos pavilhões do Parque Municipal de Feiras e Exposições; fizeram-se também representar cerca de seis dezenas de empresas ligadas ao ramo das actividades navais, marítimas e das pescas.

A componente comercial registou grande número de expositores estrangeiros, que somaram vinte e seis presenças, num total de quarenta e sete «stands». Eram eles da Alemanha, Áustria, Dinamarca, Espanha, Estados Unidos da América, França, Itália, Japão, Noruega, Reino Unido, Senegal e Taiwan.

À semelhança do ano anterior, o certame integrou cinco salões, de acordo com as especialidades:

Fishing: equipamentos, instrumentos, apetrechos navais e investigação;

Consuma: transformação, conservação, comercialização do pescado, frio e embalagem;

Shipping: ensino náutico, marinha de comércio, transportes multimodais e seguros;

Fish-farming: aquicultura, piscicultura, investigação e desenvolvimento de recursos;

Consnaval: novas construções, reparações navais e «off-shore».

Belmiro Couto, Vereador da Câmara Municipal, sublinharia a importância da realização deste certame na nossa cidade, considerando-o como um privilégio para Aveiro, que assim foi justamente contemplada, dadas as suas tradições históricas e a sua localização geográfica.



A última actividade realizada no Parque Municipal de Feiras e Exposições, em 1994, cuja iniciativa pertenceu à Edilidade Aveirense, foi o Salão dos Materiais e Equipamentos para a Construção – HABIMAT/94; decorreu entre os dias 9 e 13 de Novembro. O seu lançamento constituiu uma decisão de audácia – como afirmou publicamente o Presidente da Câmara Municipal, o Prof. Celso dos Santos, na sessão de abertura.

A HABIMAT/94, em diversificadas vertentes, demonstrou as muitas virtualidades de um importante sector sócio-económico, como é o da construção. No certame não faltaram novidades, como é de prever em todas as feiras: equipamentos, máquinas e materiais eram uma constante, ao lado de soluções e pistas de concretização. Da construção à decoração, das tintas aos revestimentos, das cerâmicas aos azulejos – tudo o visitante pôde observar, fosse empreiteiro, interessado ou simples turista.

Não deixamos de referir a presença da Escola Profissional de Comércio de Aveiro e da Associação dos Industriais da Construção Civil e Obras Públicas do Norte, com uma finalidade especificamente técnico-pedagógica. O conhecimento dos vários cursos daquela Escola e a vasta literatura desta Associação também atraíram muitos visitantes, certamente aí levados para saberem como se valorizar.

Julgamos útil transcrever estas palavras do Prof. Celso dos Santos, sob o título «Atrevimento»:

– «Se o lançamento de um novo certame comporta sempre algum risco do ponto de vista organizativo, fazê-lo numa conjuntura de crise – para mais apostando numa actividade tão sensível aos ciclos económicos como é a construção – pode considerar-se uma aventura.

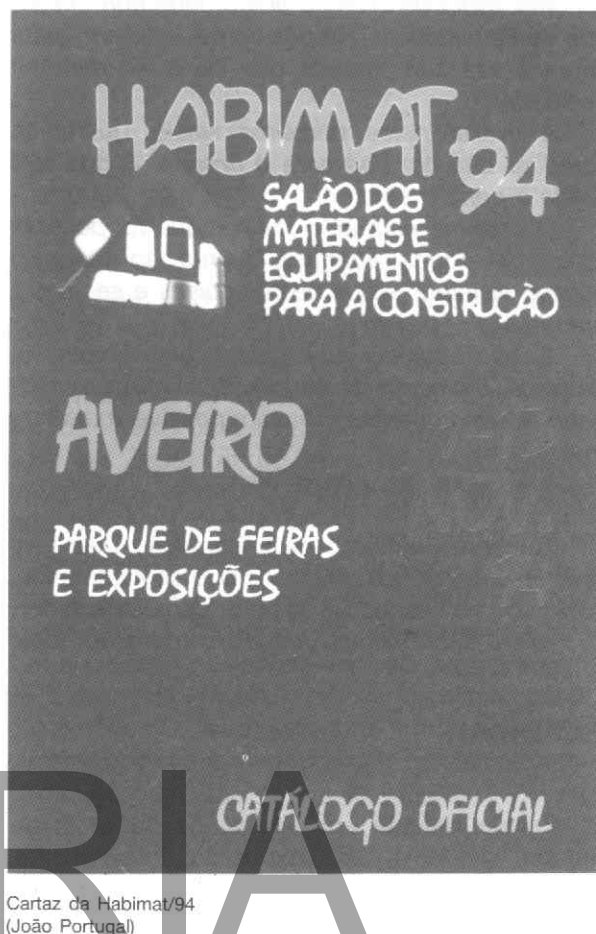
Pode, até ser que seja!

Mas, o risco assumimo-lo como contingência de quem, como a Câmara e o Parque de Feiras de Aveiro, apostou, um dia, na projecção de Aveiro e das potencialidades da Região.

O atrevimento fomos «bebê-lo» na tradição empreendedora dos aveirenses.

As certezas – aliás, as poucas certezas – essas, assentam, antes de mais, na existência de um parque industrial potencialmente dinâmico e capaz, na Região, a par de um mercado reiteradamente promissor que, apesar de tudo, mantém uma assinalável capacidade de oferta de oportunidades.

Estamos em crer que a HABIMAT/94 pode, também ela, abrir novas oportunidades a expositores e visitantes!



Pelo menos foi essa a nossa aposta, em jeito de desafio, na expectativa de que o comércio, a indústria e os múltiplos serviços relacionados com a construção, particularmente com a habitação, saberão dar-lhe uma resposta consentânea com a realidade social e económica da Região.

A todos, muito obrigado. E bons negócios».

Comissão de Honra: – Ministro de Indústria e Energia; Governador Civil do Distrito de Aveiro; Presidente da Câmara Municipal de Aveiro; Presidente do Instituto de Apoio às Pequenas e Médias Empresas; e Presidente da Associação Industrial do Distrito de Aveiro.

Comissão Executiva: Prof. Celso dos Santos; Eng. Vitor Silva; Eng. José Luís Ramiro Ferreira; Alexandrina Maximino; Irene Bártolo; Elmano Ramos e João Portugal.

Colaboração: Serviços de Cultura da Câmara Municipal de Aveiro.